

ANO XLIV
N.º 18

Revista da Semana

1 DE MAIO
DE 1943

Cr\$ 1,50 em todo o Brasil

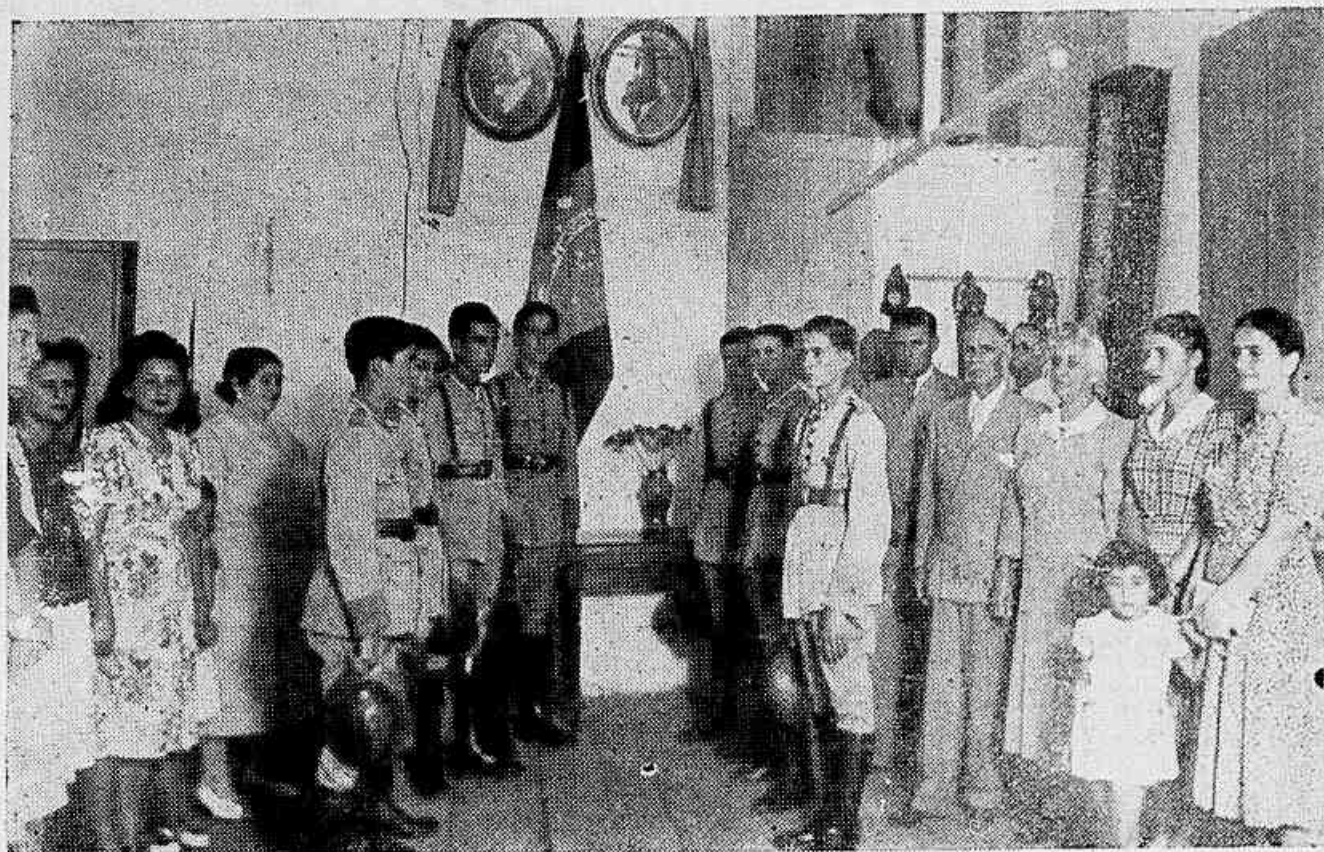


GENERAL TIMOSHENKO

Em franco progresso Conceição de Macabú

A vila fluminense de Conceição de Macabú atravessa ultimamente uma fase de intenso progresso, o que se deve em grande parte á ação dinamica e desprendida do sr. Bento de Andrade Lemos, o benemerito da localidade.

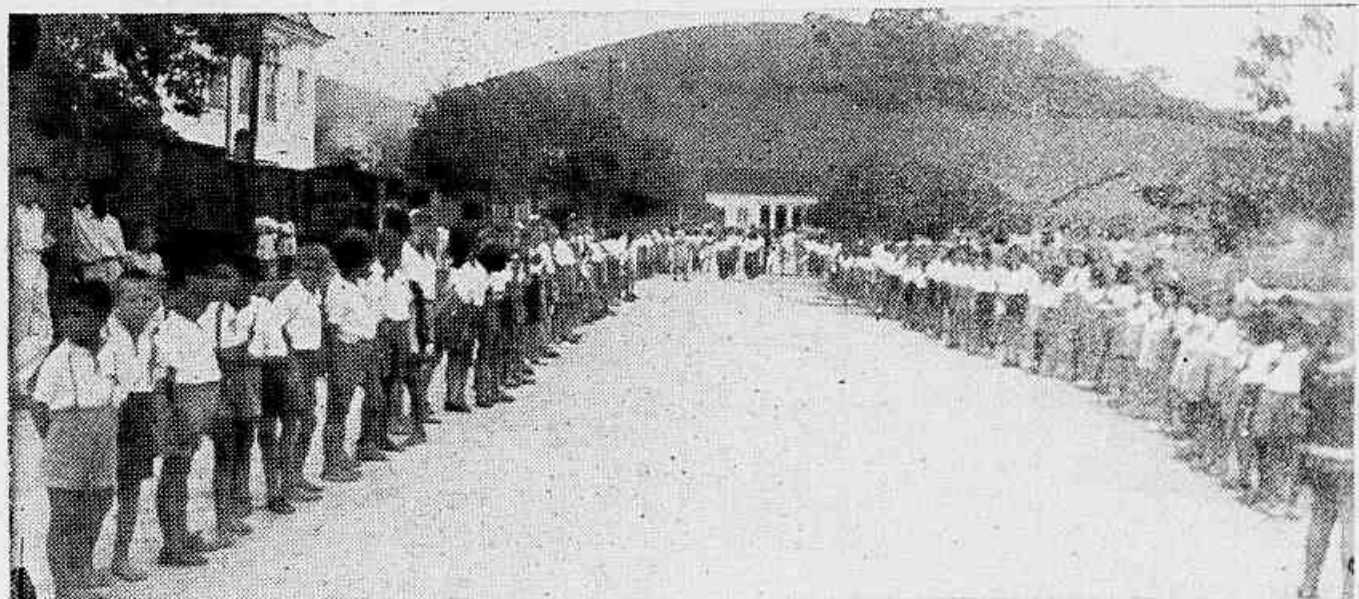
Durante as comemorações do "Dia do Presidente" realizadas em Conceição de Macabú, a reportagem da REVISTA DA SEMANA pôde constatar os grandes melhoramentos feitos na vila pelo sr. Bento de Andrade Lemos, dos qua slixámos os aspectos interessantes que oferecemos á apreciação dos nossos leitores.



A passagem do aniversário natalício do presidente Getúlio Vargas foi brilhantemente comemorada em Conceição de Macabú. Entre outras solenidades, teve lugar a inauguração dos retratos de S. Excia. e do Comandante Amaral Peixoto, no salão nobre da sede do Tiro de Guerra 29. A sessão foi presidida pelo sr. Bento de Andrade Lemos, presidente da puela corporação.



Frente a sessão solene realizada na sede do Tiro de Guerra local, com que Conceição de Macabú comemorou a data natalícia do presidente Getúlio Vargas, os alunos do Grupo Escolar Mathias Neto, da Colônia Amaral Peixoto, mantiveram-se em formação em frente á referida sede, num brilhante espetáculo de entusiasmo cívico.



Formação dos alunos do Grupo Escolar de Conceição de Macabú na Praça Santos Dumont, durante exercícios ali realizados pelos mesmos.



Um aspecto da missa solene mandada celebrar na Igreja de Conceição de Macabú pelo sr. Bento d'Andrade Lemos, pela passagem do aniversário do Chefe da Nação.

FIGURAS E FATOS

O "DIA PAN-AMERICANO"



A SOLIDARIEDADE AMERICANA — A solidariedade do Novo Mundo ficou mais uma vez patenteada com a visita do sr. Henry Wallace ao Chile. O vice-presidente norte-americano teve na capital chilena a maior manifestação já ali prestada a um homem público. Na fotografia, vemos o sr. Henry Wallace quando cumprimentava o sr. Juan Antonio Ríos, presidente da República do Chile. (Foto especial da Inter-Americana.)



NOVAS ADESÕES À SOCIEDADE DE AMIGOS DA AMÉRICA — No dia 15 do corrente, realizou-se no Salão de Assembléias do Banco do Brasil a entrega de emblemas simbólicos aos funcionários daquele estabelecimento bancário que ingressaram recentemente na Sociedade de Amigos da América.

A foto á direita mostra um aspecto da mesa que presidiu a sessão, quando o general Manoel Rabelo, presidente da Sociedade, pronunciava o seu discurso. Na gravura vêem-se ainda o dr. João Marques dos Reis, Presidente do Banco do Brasil, o embaixador do Chile e o representante do embaixador dos Estados Unidos.



As comemorações levadas a efeito nesta Capital, para assinalar a passagem do "Dia Pan-Americano", tiveram brilho invulgar, para o que a iniciativa particular colaborou destacadamente, tal como sucedeu na Odontologia Americana Ltda., á Avenida Rio Branco, 114 - 1.º andar, que reuniu em seus escritórios diretores e auxiliares, médicos, odontólogos, jornalistas e pessoas gradadas, numa bela festa de confraternização que foi, sem dúvida, uma bonita contribuição para as celebrações da data. A gravura acima mostra um aspecto da reunião.

O RELOGIO E AS HORAS

Por EUGENIO GOMES

Revista
da
Semana

OS mecânicos improvisados, que encontram peças e parafusos demais em qualquer máquina, deveriam estacionar um momento diante da exposição que uma relojoaria local está fazendo agora de seus produtos. É uma lição prática de anatomia do relógio, onde figura desde o minúsculo relógio de pulseira até o velho e pesado relógio de pendula. A exposição alcança naturalmente a sua finalidade instrutiva e utilitária mostrando a excelência do material empregado pela fábrica. Mas não seria melhor que não vissemos nunca por dentro o organismo dessa prodigiosa máquina que é o relógio moderno? Eis aí está um objeto que poderia manter o prestígio de coisa mágica se nos abstivessemos de penetrar os segredos do seu mecanismo sutil e complicado. Não há encantamento que resista a uma análise a frio de suas origens imediatas. É por que havemos de conhecer a composição interna de um relógio, peça por peça, parafuso por parafuso, se podemos nos bastar do mostrador? A hora é tudo o que se quer, em suma, de um relógio e, para isso, ninguém precisa devassar-lhe o maquinismo. Afinal, o relógio não é uma expressão de qualquer problema metafísico que possa justificar o afã de uma análise metódica aplicada à sua economia mecânica. Deixemos, portanto, com os técnicos essa preocupação. Até porque, nisto de relógios, ganha-se mais talvez em conhecê-los pela face externa, como a certas pessoas de que conhecemos apenas a fisionomia amável e sorridente. É verdade que não se poderia chamar amável e sorridente a fisionomia do relógio. Em regra, o relógio é um instrumento de tortura, mesmo quando dele pende ou precisamente quando dele pende a realização de uma promessa de felicidade. Sua marcha invariável não se adapta jamais às nossas sofrências. Quer-se que a hora desejada venha lépida como um passaro, e é com o passo de elefante que ela chega, descansada e apática. Os antigos, que não conheceram a pressa, foram mais felizes orientando-se pela longitude da sombra. Os relógios de água ou sol ou ainda a ampulheta não os faziam sofrer tanto como um relógio de parede ou de bolso a um homem moderno. O relógio mecânico chegou, em nosso tempo, a uma perfeição verdadeiramente insólita. Não se tratasse de invenção germanica... Só o fato de marcar automaticamente a hora seria já uma coisa extraordinária. Mas isso não bastava às exigências do mundo moderno. A hora tinha que ser fraccionada em minutos e segundos para a medida cabal do tempo. O homem vingou-se desse jeito do seu eterno algoz escravizando-o a divisões e subdivisões que não lhe dão a menor folga. Com o relógio moderno o tempo não pode mais respirar solto nem um segundo! É um prisioneiro que tem por cela o mostrador de quantos relógios de três ponteiros existem nesta hora pulsando em toda parte. No famoso diálogo dos "Relógios Falantes", de D. Francisco Manuel de Melo, o tempo é chamado "touro bravo". Mas como essa metáfora está caduca! Hoje, o tempo é como um passaro mansinho, destes que comem na mão até de uma criança.

Com a redução da hora a frações de minutos e segundos nasceu e desenvolveu-se, febrilmente, uma nova mística: a mística da Hora Certa. Platão via na Beleza o esplendor do verdadeiro e todo homem de fé procura a Verdade em Deus. Mas, para o homem cuja mania de exatidão se rege especificamente pelo tempo de pendula ou corda, a Verdade está na Hora Certa. O céu desses novos devotos poderia ser representado por um imenso mostrador com dois ou três ponteiros em movimento. É na Hora Certa que está a bem-aventurança eterna desses espíritos exatos e pontuais, impermeáveis à displicência geral em relação à fuga do tempo. Acompanho-os, sem me converter à sua religião, desde que me entendo. Assisti, durante anos, a um verdadeiro prelo entre dois fanáticos dessa curiosa espécie. Cada um deles se acreditava detentor exclusivo da Hora Certa e, vendo-os sacar a um só tempo os seus relógios para conferir a hora, era como se vissemos dois duelistas a espada em posição de assalto. Sabia-se qual era o vencedor quando um deles dizia, por exemplo, para o outro, com a fisionomia iluminada por um sorriso de triunfo: — "Seu relógio está doido varrido; jogue isso fora!" A doidice significava o atraso ou o adiantamento de dois ou três minutos. Em compensação, existem indivíduos que só procuram aferir a Hora Certa pelo relógio do estômago, o mais antigo dos relógios por que se guia a humanidade, desde Adão. Não se guiava por outro o velho Correia, um papa-jantar infalível em algumas casas de minha localidade. Correia, talvez por despeito, qualificava sumariamente de idiotas as pessoas que usam relógio de bolso na cidade ou que criam passarinhos no campo. Ambos esses hábitos lhe pareciam inteiramente desnecessários, e até irrisórios, em tais lugares. Nem tanto nem tão pouco.



O inconveniente do relógio, se existisse algum, estaria apenas na doença da Hora Certa que se pode apanhar com o seu uso. Tudo vai muito bem enquanto esse delírio não ganha o cérebro do portador de relógio. Desde então, não haverá mais sossego. Quer-se a Hora Certa, a todo o transe. E começa a penosa indagação, com os olhos aqui e ali, pelo telefone, pelo rádio, sei lá por onde mais. Enfim, a Deusa é solicitada por todos os meios. E entretanto, uma vez encontrada, que é que se vai fazer com a Hora Certa? Quasi sempre, nada. Quem mais está sujeito a ela é justamente quem menos a procura, pois já se acha irremediavelmente submetido à sua tirania. É o caso do burocrata que ainda não se conciliou nem se conciliará talvez nunca com o relógio de ponto, cuja invenção deve naturalmente atribuir a uma artimanha do demônio. Thomas Gradgrind (a criação de Dickens), o homem de fatos e cálculos que se julgava habilitado a pesar e medir qualquer parcela da natureza humana, não pode levar a semelhante perfeição o seu ideal de pontualidade. Incontestavelmente essa rígida invenção assinala um aperfeiçoamento enorme na escala do tempo dirigido e controlado. O relógio de ponto é o oráculo da Hora Certa, a serviço do Estado, contra cuja marcação inflexível esbravejam os retardatários para quem os minutos são como tenazes incomodas, em determinada altura do dia. Ora, sucede que justamente os místicos da Hora Certa não estão entre aqueles que tem todo dia pela frente um relógio de ponto. Eles amam a hora pela hora, o que é simplesmente deplorável. Entretanto, a hora é qualquer coisa de empolgante para os que a podem sentir e acompanhar sem o imperativo do relógio à vista. Quando Proust disse que a Hora é um vaso cheio de aromas, de sons, de projetos e de climas, evidentemente não estava pensando em nenhuma Hora Certa, mas na hora anônima, geradora de reminiscências encontradas, de cuja passagem a gente nem se apercebe. Por certo, não sentiu também o tempo de outro modo o grande músico, grande e delicado, que viu as horas deslizarem harmoniosamente como um bando de aladas e graciosas dançarinas.

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & CIA. RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas

OUTROS RIRAM...

NA CHUVA



— Que vergonha! Quando está bebendo, não se lembra de sua pobre mulher?
— Lembro. Mas, como está longe, não tenho medo dela!



— Trabalhei seis meses num restaurante, lavando louça.
— E por que deixou o emprego?
— Acabou a louça.



— Tinha me prometido que para o futuro, serias outro homem...
— E sou! A questão é que este outro homem também bebe!



— E que titulo vai dar a este quadro?
— Não sei ainda. Depende do comprador.



— Que lhe disse eu ontem que lhe fazia se o tornasse a encontrar nesse estado?
— Ah, o senhor também não se lembra?



O naufrago optimista — Embora perca um quilo por dia, tenho vida para mais de tres meses.



O grafólogo — Esta letra revela bondade, paciência, indulgência...
O amigo — Ainda bem! E' do meu alfaiate!



— Mas se o senhor não gosta de concertos por que os frequenta?
— Para ter o prazer de sair da sala cada vez que a música vai começar.

A nossa capa

O general Timoshenko, que hoje entra na galeria dos chefes militares que a REVISTA vem publicando, foi bem a Esfinge anteposta pelo destino para ser decifrada pelos soldados nazistas.

Chefiando a defesa da U. R. S. S.; quando a Alemanha lhe invadiu o território, numa campanha que deveria durar, segundo os técnicos de Hitler, três semanas no máximo, coube a esse cabo de guerra desmoronar o mito da invencibilidade dos exércitos alemães, acarretando-lhes a mais estrondosa e desastrosa de todas as derrotas.

Em vez de três semanas, é já no segundo ano de guerra que se empenham os nazistas. Vitoriosos na primeira fase da luta, que os levou até as portas da capital soviética, a contraofensiva de Timoshenko, no inverso passado, haveria, no entanto, de rechassá-los implacavelmente, de posição em posição, até que a primavera os vem encontrar agora, com um tremendo desgaste de material e de homens, em condições as mais precárias para uma nova tentativa de avanço pelas estepes afora, para a nova conquista das posições perdidas.

Além desse feroz contratempo, a segunda frente africana, desbaratando de igual modo o Afrika-corps, contribue ainda mais para abater o moral das forças invasoras, cuja estrêla começou negativamente a empalidecer na hora do embate russo de 1942.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Peça enviar-me prospecto:
NOME _____
ENDREÇO _____

CONSELHOS UTEIS

Para limpar uma frigideira: passar papel de jornal, aquecer um pouco com sal grosso, passar de novo o papel e por ultimo um guardanapo bem seco.

DO DO ESTOMAGO?
NÃO - NA DIGESTÃO
DESEMPEDA - OLEONAS
Papel
BANKETS

Para conservar o óleo comprado em grandes latas convém passar para garrafas, completando com 1 cm. de alcool. Arrolhar fortemente e conservar em lugar seco.

Senhoras
Capsulas
MENAGOL
PARA A FALTA DA MENSTRUACAO

CONHECIMENTOS UTEIS

O óleo se dilata muito com o calor. Daí a vantagem de comprá-lo por peso. Um recipiente calculado em litro e contendo 917 grs. de óleo, póde, com o calor mais forte, levar somente 860.

Quando o óleo rança, para corrigi-lo basta, durante uma semana, juntar-lhe 150 grs. de magnesia por litro, agitando-o duas vezes por dia durante alguns minutos.

Si a manteiga se decompõe com 130° e a banha com perto de 200°, o óleo póde chegar a 300° sem queimar, o que permite obter, com essa temperatura máxima, frituras com óleo, leves e perfeitas.

UMA LIÇÃO

por JOSE CARVALHO

José Carvalho, escritor cearense, falecido no Rio, em 1952, não tem, nas letras nacionais, o relevo que bem mereceria, por seus estudos honestos e brilhantes, no domínio do folk-lore brasileiro.

Seu livro O MATUTO E O CABOCLO DO PARÁ, publicado em 1950, nesse Estado, onde ele viveu a maior parte da sua vida e conhecia tão profundamente como a sua terra — ficou esquecido na província. E é um esquecimento injusto, para o qual, no entanto, contribuíram enormemente as circunstâncias da falta de publicidade e má distribuição das editoras do norte. "Contribuição ao folk-lore nacional" — chamou-lhe ele modestamente. Contribuição valiosíssima, aliás, pela riqueza de informação direta, no domínio das lendas, da poesia e da psicologia do HABITAT e do homem do norte.

É desse livro, bem digno de melhor sorte do que a do silêncio feito à sua roda, a seguinte página antológica dos valores da raça. Página rude e simples, mas por isso mesmo marcada daquele estigma das grandes concepções fundamentais, revelando uma face da psicologia sertaneja capaz de arrancar arrepios de espanto e um largo sentimento de admiração pela tremenda lição de energia e de justiça rudimentar e bravia que encerra.

Esse pai, que assim vota ao sacrifício voluntário o filho adolescente — bem melhor morto pelas feras do que cobarde para toda a vida — é um herói grego.

A tragédia inventada por esse justicador esquileano é dessas que nunca mais podem apagar-se na memória de quem as ouve, principalmente quando fala uma voz penetrada de viril plasticidade como a que lhe empresta a emoção de infelizmente autor cearense.

Ao norte do Ceará. Para as bandas de Uruburetama. Naquele tempo, à medida que os "fazendeiros" iam avançando para o centro, e os vaqueiros defendiam tenazmente os rebanhos, as onças, por sua vez, recuavam, indo se acotitar nas furnas de uma serra distante.

Daí, desse quartel temeroso, faziam elas incursões contra os gados, até às distâncias longínquas de trinta e mais leguas, puxadas.

A serra das "furnas", como foi primitivamente chamada, já era conhecida pela abundância das suas cavernas naturais, abertas pela erosão das águas, entre grandes blocos de granito, desagregados.

Estendiam-se elas por todo o sopé da montanha, formando um labirinto fantástico indestrutível, escuríssimo, habitado por milhões de morcegos; e agora pelas onças corridas das "situações" circumvizinhas, mas ainda distantes.

✱

Naquele tempo, pois, o velho Meruoca (apelido que lhe veio da serra desse nome) tendo sido durante muitos anos vaqueiro de um fazendeiro abastado, e tendo feito as suas economias, foi se estabelecer com criações próprias — gados, ovelhas e cabras — para as bandas daquele serra das furnas.

Ficou, por isto, sendo o criador mais vizinho da serra e, portanto, mais sujeito ao assalto das feras.

Até então ninguém se atrevera a tanto; as terras por ali viviam abandonadas, sem procura, devido áquele perigo inafrentável.

Mas o velho Meruoca, em razão do ofício, calejado na vaqueirice de tantos anos em "situações" longínquas e desertas, já estava acostumado a se bater com onças e já tinha tirado o couro a mais de uma dezena delas.

A sua nova fazenda, pois, era um desafio ao jaguar.

E a luta, cedo, se travou encarniçada, entre o homem e a fera.

Pastoreando o gado, contornando-o, de dia, pelos campos, o fazendeiro só pisava em casa, á noite, para dormir, depois de haver recolhido os rebanhos a seguríssimos currais de "pau a pique".

Ainda assim, muitas vezes, alta noite, aí vinham onças atacar o redil.

Mas, a cada vez ou cabra que lhe era arrebatada, vinha a repulsa imediata, e o couro da "inimiga" era exposto no "copiar" da fazenda, como um glorioso troféu.

✱

Já por esse tempo o velho tinha um filho, rapaz, que o ajudava na labuta da vaqueirice.

Um dia, em que andavam juntos, os cachorros acuraram uma onça que estava encovada no tronco de uma árvore caída.

Provocada pelos cães e pelos caçadores, a onça que ali estava parida com os filhos — circunstância essa que ignoravam a princípio — saiu da toca.

Matar, de cada taponia que lhes aplicava, todos os cachorros que lhe faziam frente, e avançar para o velho, foi coisa de um momento.

Tão rápido e imprevisível foi este assalto da fera que o rapaz, tomando de pavor, correu, deixando sozinho o pai a braços com o grande animal, enfurecido na defesa da prole.

Sem ter tido tempo para desfechar-lhe um tiro, sequer, a luta foi travada corpo a corpo.

A princípio ambos em pé, o animal com as garras e a boca escancarada, de que saíam um bato e uma baba nauseabunda, que embriaga e entontece, procurava ferrar a garganta ou abocanhar a cabeça do inimigo, que, lhe oferecendo um dos braços como escudo, com a outra mão procurava cravar-lhe o punhal na garganta ou no coração.

Mas, na investida, o choque dos corpos era tão violento que os golpes, de parte a parte, ficavam muitas vezes inutilizados, sem alcançar o alvo.

Depois, homem e fera rolaram pelo chão, mordendo-se e apunhalando-se como podiam.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormência nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Exhausto, quase cego, às vezes, pela onda de sangue e pó que lhe tapava os olhos, o nosso herói pôde, enfim, cravar o punhal, até o cabo, na garganta da fera, que, saltando um rugido tremendo, largou o inimigo e foi cair adeante, estertorando.

O velho Meruoca, arrastando-se como pôde, crivado de feridas, abrasado pela sede, alcançou enfim a casa, onde já havia chegado o filho cobarde, que levou sua indignidade até o ponto de nada avisar, sobre o perigo em que tinha deixado o pai.

✱

O velho esteve gravemente enfermo, mas sua organização e resistência o salvaram. Ficaram-lhe, porém, fundas cicatrizes no rosto e no corpo, retalhados pelas garras poderosas e afiadas do animal.

Nem uma palavra, porém, proferiu contra o procedimento do filho.

Um dia, já restabelecido, passando a mão no seu clavinate, disse para o filho: — Veja as suas armas e munições e vamos para o mato!

O filho obedeceu.

Rumaram, então, ambos para a serra, onde estavam os labirintos das furnas, refugios invioláveis das onças.

Ao chegarem, depararam, logo com a boca de uma furna, grandemente trilhada de animais.

Era a porta de um esconderijo, fortemente povoado de feras.

O velho ordenou ao filho:

— Entre para a furna e siga, até onde puder!

O rapaz, sem relutar, penetrou no abismo.

Meruoca começou, então, a fazer uma coisa estranha: a carregar grandes pedras, e, com elas, a entupir a boca da furna, de forma a barrar a saída do filho.

Fez, assim, uma grande ruma de pedras, obstruiu completamente o orifício da gruta, impossibilitando a quem estivesse do outro lado, por falta de espaço, de remover o obstáculo; e lá deixou o filho sepultado, voltando calmamente.

Pastoreou o gado e á noite recolheu-se á casa.

✱

A mulher não teve coragem de lhe perguntar pelo filho — conhecia-lhe o genio — mas ficou sobressaltada, inquieta, e chorava em silêncio.

O velho, por sua vez, não dormia.

Com o dia, Meruoca botou o clavinate ao ombro e saiu:

Ao chegar junto á tulha de pedras, gritou:

— Eh!

O filho respondeu:

— Eh!

Meruoca retirou as pedras e ordenou ao rapaz que saísse.

— Que há? — perguntou.

— Matei quatro onças, meu pai!

— Vamos para casa!

E foi tudo quanto disse ao filho.

✱

O rapaz, narrando depois esta historia, explicava que, no escuro absoluto da furna, os olhos das onças, que vinham a sair, eram duas tochas de luz que serviam de alvo; não errou uma, sequer. E, arrependido talvez pelo procedimento cobarde e indigno que tivera, mas orgulhoso pela lição energética do pai, terminava, afirmando: — Si meu pai não fizesse isto comigo, não seria "home", nem o velho Meruoca!

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de m. a. s.

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
Seção dirigida por
DECORAÇÕES: GILBERT DE PARIS

PASTEIS

Dignos de registo, para efeitos desopilantes, os erros de imprensa, oriundos, na sua maioria, do desconhecimento do significado de certos termos, resultantes outras vezes de falhas tipográficas ou de revisão.

Tenho no meu arquivo grande coleção desses dispausterios. Ha coisas incríveis escritas por literatos de prol. Lembraria aquela cinca de Alexandre Dumas, que descreveu certo individuo a passeiar com as mãos para trás e lendo um livro. Não raro a erronia é, não do escritor, sim de quem lhe imprimiu o trabalho. Conhecido o caso do professor de medicina, entre nós, que recomendara deverem certos doentes se convalescer "entre os braços de duas muletas": — lia-se no livro publicado dever ser a convalescença entre os braços de duas "muletas"!

Seja como fôr, deslize do autor ou tipográfico, o fato é que se dá a tais dislates a denominação de "pasteis" — "coquilles" — em francês. Frizarei três exemplos do gênero, anotados por mim em jornais da terra.

Publicou um deles, ha tempos, telegrama anunciando ter sido preso em Barman o assassino Irwin. Deu-se a prisão em Chicago: — pelo dito estava o homem "em Barman". Ora, isso de "barman" era a profissão exercida pelo tipo ultimamente, certo para despistar a polícia: — e o jornal transformou o "homem do bar" em localidade yankee.

Referiu outro, uma feita, a tormentosa viagem do príncipe D. Pedro. A certa altura declarou: — "Embarcou em Marabá com destino ao Pará na gaiola 31 de outubro, "sendo acolhido gentilmente por toda a bagagem". Como poderia a bagagem haver manifestado a gentileza da sua recepção, é o que não chego a atinar.

O terceiro pastel ainda é de um dos jornais da terra. Em meio ao largo noticiário a respeito do decantado casamento do duque de Windsor, o apaixonado ex-rei da Inglaterra, lá surgiu um dia o engraçado "pastel". Dizia: — "Depois da cerimonia, o duque e a duquesa de Windsor posaram para os fotografos; depois do que os convidados reuniram-se no salão de jantar, onde foi servido um "lunch", "no grande e tradicional Wadingcake". "Claro" que esse "grande e tradicional Wadingcake", tal como está nas letras da folha, não poderia ser outra coisa senão algum lugar importante, salão, palácio, castelo ou coisa semelhante. E, no entanto, o tal "Wadingcake", assim entendido, não passou de formidável "pastel", tanto mais quanto se tratava de comedorias. O que dizia, é claro, a noticia primitiva era que no tal "lunch" foi servido o "grande e tradicional Weddingcake", nada mais nem menos que o nosso banalíssimo e não menos tradicional "bolo de casamento", que a noiva distribue solenemente pelas donzelas presentes sendo prenuncio de próximo casamento o encontrar uma delas na sua fatia o propiciatório anel.

PINTO DE CARVALHO.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feto quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afiar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

TRABALHOS



Trabalho pesado



Trabalho leve



Trabalho de paciência



Trabalho louco



Trabalhão



Trabalhinho.

PAUL

CASO DE FORÇA MAIOR

Conto do escritor catalão NARCIS OLLER

ELOY estava deveras aflito. Andava do leito para a janela, da janela para o leito. E duas visões, cada qual mais cruel, se revejavam ante os seus olhos angustiados: sua esposa, Tuya, estendida no leito, dura e imóvel como feita de madeira e o feijoal perdendo as folhas amareladas e deixando pender as vagens magras e moles como se houvessem sido escaldadas.

Deus do céu! Que tristeza! Tres semanas havia já que Tuya conservava os olhos fechados e não dava ao corpo movimento algum; soluçava, porém, a cada momento, "hic, hic, hic", um som esquisito, comparavel ao ringir duma lima no metal, uma especie de sarrido que já ninguém, na casa, podia suportar. Ora ardente como a brasa, ora fria como a neve, Tuya estacionava entre a vida e a morte. De vez em quando toda a gente juraria que o seu fim estava próximo: questão de minutos, segundos talvez... Mas aquilo continuava, continuava. E chegavam a ter medo dela.

— Em verdade... dizia Eloy consigo — nem o doutor, nem o alveitar, nem o vigário, nem o mestre-escola, ninguém sabe o que isto seja. E sanguessugas, sangrias, cataplasmas, beberagens, bantinhos, orações, nada deu resultado. Temos de nos resignar, que remédio?

Eloy estava tão certo de ficar viuvo como de morrer ele próprio, chegada a sua vez. E aquele sarrido a verrumar-lhe os miolos; e aquela boca escancarada, mais seca e mais negra que o buraco aberto no tronco das arvores que apodrecem; e os olhos encovados; e todo o rosto devastado pela moléstia e no qual nada mais existia da Tuya doutro tempo...

Quando não olhava o rosto da mulher, Eloy considerava-lhe a forma do corpo meio enterrado no colchão e quasi reduzido a pele e osso... Ela que fôra tão bela e tão robusta!

— "Hic... hic... hic..."

— Mas que tens tu? Doe-te alguma coisa? Dize. Queres tomar o remédio?

Pegando no frasco, despejava-lhe na boca seca e negra um fio do cordeal, cujo cheiro a éter se espalhava por todo o quarto. Mas a enferma acabava cuspidando o liquido; e, dilatando os olhos desmesuradamente, significava que não queria coisa alguma, implorava que a deixassem em paz. Eloy, atarantado, erguia-lhe a cabeça, dava-lhe palmadinhas no ombro; e, passada a crise, enxotava o gato que se metera subrepticamente debaixo da cama ou a galinha que tentava abrir a porta com o bico e uma das patas... Depois voltava á janela, cada vez mais impressionado.

Deus do céu! Que tristeza! Ha quanto tempo não se rega o feijoal! Como as vagens estão amareladas e secas. Como se a geada não as deixasse vingar. Tudo morre de sede...

— Estava tudo por aí fôra tão bonito... E dizer que não me faltaria água para regar estas leiras que logo ficariam frescas e vistosas como as vizinhas... Justamente é hoje sábado, o dia em que a água me pertence. Mas que! Minha filha Roseta teve que ir ao mercado e levou o moço da quinta, para carregar as compras. E é quando Tuya peora tanto que o médico me diz: "Não saias de ao pé dela, porque pode morrer dum momento para o outro"! Enquanto isto, a minha vez de ter a água vai passar... Deus do céu! Deus do céu! Mais alguns dias e todo o feijoal morrerá, tudo o que a minha terra está dando se perderá. São despesas que não acabam mais: médico, farmácia, até aquele curandeiro — e ainda a maldita seca destrói tudo o que eu podia colher e nem as sementes me deixam para o ano que vem! Se perco a vez da água de rega, tudo está perdido!

O espectáculo das terras resequidas fazia-lhe mal aos olhos, apertava-lhe o coração.

— "Hic... hic... hic..."

Eloy, fôra de si, voltou-se novamente para a alcova:

— Mas que tens tu? Doe-te alguma coisa? Tem paciência...

Quando, porém, lhe chegou o frasco á boca, o sarrido tornou-se mais angustioso.

— Tuya, minha Tuyazinha, está doendo mais? perguntou-lhe ele, como-vindo por ver a esposa sofrendo daquela maneira.

Tuya fôra a com-

panheira da sua vida. Cheio de esperanças, de ilusões, a levava, naquele dia, ao altar. Ela lhe dera todos os filhos, de que hoje só restava Roseta para lhe suavisar a velhice. Juntamente com Tuya chorara ele os filhos desaparecidos; e era ela que ha trinta anos lhe governava a casa e em tudo fielmente o ajudava.

Ficaram assim os dois alguns minutos: ele olhando-a enternecida e receosamente; ela, com as pálpebras paradas, respirando a custo, rígida como um pedaço de madeira. O sarrido, a principio debil, longinquo e intermitente, agora se tornava mais intenso, e mais frequente. O nariz parecia mais comprimido. As órbitas estavam ficando esverdeadas; os lábios, a testa, as têmporas cobriam-se de suor frio. Seriam aqueles os sinais da morte?

— Deus do céu! Estou bem arranjado! Sósinho em casa...

O seu olhar, ansiando pela presença dalgum, procurava para fôra da janela inteiramente aberta ao calor de agosto. Um sol amarelo, dardejante, crestava a planície manchada aqui e acolá de grupos de oliveiras. Só o pio distante dum pássaro perturbava o silencio da natureza adormecida. Não se percebia um estalar de chicote nem um tilintar de campainha; nenhuma porta gemia nos gonzos, ninguém dava sinal de vida...

Eloy deixou-se cair numa cadeira, junto ao leito. Meditava. O tempo que ia passando levava-lhe a vida da mulher e a das suas terras, sem lhe trazer nenhuma esperança, nenhuma consolação. Aflitissimo, com lágrimas a rolar-lhe pelas faces, aproximou-se mais da mulher e disse-lhe:

— Tu sabes, Tuya... Vaes-te embora, vais desta vida para a outra, resignada como boa christã que és. Roseta e o criado foram á feira. Já perdi a água duas vezes e agora, se deixar passar o tempo, ainda a torno a perder... A terra está morrendo, mas para ela temos um remédio... Um remédio como o doutor não te soube dar, a ti...

A enferma abriu os olhos tristemente e fez um esforço para mover a cabeça, exprimindo assentimento.

— Isto é, quero dizer... começou Eloy, quasi sufocado — quero dizer que, entre esperança e a morte... Tu me entendes, não? Tu que sempre cuidaste tão bem da casa e olhaste com tanto amor por tudo o que nos pertencia... Tu que sempre foste tão ajuizada, tão... Nem sei como te hei de dizer!

Mas a pobre mulher, fazendo das fraquezas forças, tomou deliberadamente as mãos do marido, tornou a abrir os olhos e evidentemente o animou a proseguir.

— Quero dizer... E tu vais me perdoar, não vais?

Tuya, com um sinal quasi imperceptível de cabeça, aprovou novamente.

— Nosso Senhor vai te chamar a si, é mais que certo.

— Sim, sim.

— Trouxeram-te ontem a Extrema Unção, não foi?

— Sim, sim.

— Ora, quando Nosso Senhor achar que deves partir deste mundo, tenho que te vestir, não tenho?

— Sim, sim.

— Portanto... tu que sempre foste tão sensata e compreendeste tão bem as coisas... Se eu te vestisse já, podia ir regar a terra e toda a colheita se salvaria.

Um brilho, semelhante de certo ao que outrora se acendia nos olhos dos mártires, passou nos olhos quasi extintos da moribunda; e a sua cabeça ainda acenou concordando.

— Sim, sim.

Então Eloy, depois de esfregar com os punhos os olhos humidos de pranto, abriu as gavetas da cómoda e começou a amortallar a mulher ainda viva.

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

MELHOR PELO PRÊÇO E PELA EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

OS TRES CHAFARIZES DE MESTRE VALENTIM, por José Marianno, filho — Rio de Janeiro, 1943.



Era intenção do sr. José Marianno filho organizar um livro, no qual, com a sua capacidade interpretativa e o seu sentimento estético, definisse e explicasse a obra de Valentim da Fonseca e Silva, depois simplesmente, e gloriosamente, Mestre Valentim. Essa obra unida e isolada constituiu, durante certo tempo, para o grande pesquisador e grande defensor do patrimônio artístico do Brasil uma ocupação suprema, uma espécie de ideal. Por isso mesmo, ele se deu a todos os esforços de indagação. Fez quanto em casos tais é possível fazer para extrair das bibliotecas e dos arquivos os elementos duma documentação concienzosa. Ora, como a sua consciência de estudioso é exigente ao extremo, chegou a este resultado: para um livro de proporções razoáveis, obteve material de mais. E teve, portanto, que dividir a obra projetada em volumes diversos, por assuntos.

Este primeiro, de vasto formato e com cerca de cento e cinquenta páginas, contando-se as de gravuras, historia e examina os tres chafarizes célebres: o das Marrecas, o da Praça do Carmo e o das Saracuras, respectivamente de 1785, 1789 e 1795. Não são de certo monumentos diante dos quais os pósteros devam empalidecer de emoção admirativa... Mas o sr. José Marianno filho os impõe à nossa atenção, fazendo-nos recuar aprazivelmente século e meio, para considerarmos as circunstâncias exatas da sua criação. E, dizendo-nos tudo o que a tal respeito interessa e importa saber, presta-nos o serviço de tornar maior o nosso respeito pela figura e as realizações de Mestre Valentim.



O DOMÍNIO DO CANADÁ, "ensaio de interpretação", por Hélio Lobo, da Academia Brasileira — São Paulo, 1942.

O sr. Hélio Lobo considerou de necessidade, de real utilidade a composição deste livro. E teve razão. Agora, sobretudo, diante da maneira elevada e sempre límpida como foi levado a cabo este trabalho, ninguém deixará de lhe dar inteira razão.

No primeiro capítulo, *A Geografia*, e na parte inicial, a que deu o título deveras sugestivo de *Irmã desconhecida*, diz o autor:

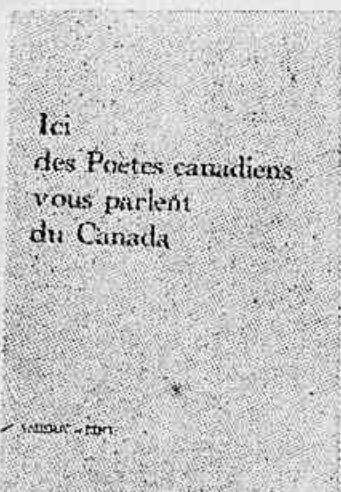
"E' o Canadá desconhecido, em geral, na América Latina. Absorvem-nos a atenção os Estados Unidos da América, com sua imensa expressão espiritual e material. Mesmo nas reuniões periódicas das nações do Novo Mundo não figura o Domínio, porque não faz parte da União Pan-Americana. Paiz não ha, todavia, mais digno de estudo. Desde a expressão interior, vária e original, até a posição internacional, com feição singular, tudo merece atenção. Se assim acontece nos tempos normais, que dirá se nos de guerra, que atravessamos?"

O sr. Hélio Lobo tinha naturalmente começado por estudar o Canadá nos livros alheios. Assim, quando pela primeira vez visitou o Domínio, já suficientemente o conhecia. Fazia dele, tanto quanto possível por efeito da leitura, uma idéia ampla e justa. Só porém certa permanência no paiz o tornaria apto para explicar, por sua vez, a feição da terra, o caráter da gente, o ambiente que envolve a vida coletiva, na sua força, na sua inteligência, nas suas aspirações. Proporcionou-lhe a carreira oficial o ensejo para que tal autoridade se completasse. E aqui temos o resultado excelente. Com o seu espírito superiormente ponderado, os seus dotes serenos de observação e de análise, a reflexão a que submete todos os comentários, o escritor nos deu realmente a obra que dele se devia esperar, que, de certo modo, havia o direito de se lhe exigir. Depois de nos mostrar a fisionomia topográfica e pitoresca daquela porção da América, as condições da sua imigração, os problemas do seu povoamento, passa aos métodos empregados para se aproveitar e se tornar cada vez mais preciosa a fecundidade do torrão; fala-nos do trigo, "um mundo"; refere-se às outras riquezas do solo e ao sistema industrial, comercial e financeiro que as multiplicou, as distribuiu dentro e fora do paiz; e depois das "Instituições políticas", das influências francesa e britânica; "Duas traves essenciais", e das "Relações Exteriores", chega à "Expressão espiritual", capítulo em que o seu estudo se aprofunda e se aprimora e no qual a clarividência do diplomata acaba salientando a importância atual do Canadá entre as Nações Aliadas e, em principio e por todos os motivos, a conveniência "do seu contacto crescente com as irmãs meridionais", para as quais "e especialmente para o Brasil", foram escritas as duzentas páginas do volume.

E' mais um bom livro que o Brasil fica devendo ao sr. Hélio Lobo.



ICI DES POÈTES CANADIENS VOUS PARLENT DU CANADA — Rio de Janeiro, 1943.



exaltado hino à América:

Amériquel — salut à toi, beau sol natal!
Toi, la reine et l'orgueil du ciel occidental!
Toi qui, comme Vénus, montas du sein de l'onde,
Et du poids de ta conquête équilibres le monde!
Quand, le front couronné de tes arbres géants,
Vierge, tu secouais au bord des océans
Ton voile aux plis baignés de lueurs éclatantes;
Quand, drapés dans leurs flots de lianes flottantes,

E' uma colectânea daquilo que mais característico, mais vivo, mais veementemente expressivo se contém na poesia canadense.

Não houve propósito algum de salientar tendências de escolas ou movimentos especiais. Não se cuidou absolutamente da "Política literária" que em geral os antologistas exercem — embora alguns sem querer, sem dar por isso. A variedade mesma de factura, que nestas paginas se observa, serve para demonstrar a integridade de quem as separou, atentando não sómente na elevação do sentimento inspirador e no apuro dos elementos de expressão. Aqui se encontram, em molles líricos, românticos, rigoroso parnasianismo ou de veemente orientação modernista, os panoramas, as tradições, a gente, os costumes, os amores do Canadá. Não só, porém, o Canadá serve de tema aos poetas canadenses. Assim, aberto o livro com uma evocação comovedora de Marcel Dugas *La Patrie*, logo se segue, da autoria de Louis Fréchette, esta canção ardente, este

MOVIMENTO

Tes grands bois ténébreux, tout pleins d'oiseaux chanteurs,
Imprégnèrent les vents de leurs âcres senteurs;
Quand ton mouvant réseau d'aurores boréales
Révéla les splendeurs de tes nuits idéales;
Quand tes fleuves sans fin, quand tes sommets neigeux,
Tes tropiques brulants, tes pôles orageux,
Eurent montré de loin leurs grandeurs infinies,
Niagaras grondants! blondes Californies!
Amériquel au contact de ta jeune beauté
On sentit reverdir la vieille humanité!



TEÓFILO OTONI, MINISTRO DO POVO, biografia por Paulo Pinheiro Chagas — Rio de Janeiro, 1943.

O sr. Paulo Pinheiro Chagas consagrou à individualidade de Teófilo Otoni um estudo que se desenvolve agora por cerca de quatrocentas páginas de amplo formato e no qual tudo obedeceu à preocupação do exato, averiguado, indubitável. Bem diversamente dos cultores, tão numerosos nos últimos tempos, e no Velho como no Novo Mundo, da biografia romanceada, procedeu este escritor de maneira a afastar do seu trabalho não só toda a espécie de ficção como toda e qualquer hipótese. Caprichou, timbrou na maneira de tomar os acontecimentos, os fatos, conforme os ia encontrando nas monografias históricas, nos anais parlamentares, nas colecções da imprensa. A parte

mais laboriosa e paciente da sua tarefa foi, sem duvida, a de pôr em ordem, relacionar, conjugar os elementos que daquelas várias fontes se lhe ofereciam — ou, em muitos casos, se lhe ocultavam, lhe queriam fugir, mas que ele, a poder de tenacidade, acabava desencantando e incluindo no material utilizável. Precisamos de olhar com verdadeiro acatamento estas pesquisas esforçadas, tantas vezes formidáveis e a meio das quais, temos que o reconhecer, qualquer de nós desistiria ou perderia a tramontana. O sr. Paulo Pinheiro Chagas possui inquestionavelmente o condão da especialidade. Como bem poucos dos seus colegas em evocações ou reconstituições, sabe colher e aproveitar. Não confunde, não repiza e, em verdade, nunca nos dá a impressão de repetir as coisas, porque "assim lá estavam", sem lhes separar o valioso do inútil, o deveras interessante do possivelmente enfadonho. Deste modo nos traz cativadamente em sua companhia desde o berço, digamos, da dinastia dos Otoni até à apoteose do Ministro do Povo, no dia seguinte ao seu falecimento, nos versos de Bernardo Guimarães, José Bonifácio, o Moço, Américo Lobo, até

às páginas da *Semana Ilustrada* e da *Vida Fluminense*, onde a figura de Teófilo aparece entre louros e perpétuas, chorada pela imagem da Pátria, consagrada pelo símbolo da Glória e já em plena imortalidade.

O sr. Paulo Pinheiro Chagas abre o seu livro observando como "na história da nossa evolução política ha uma era otoniana, astuciosamente encoberta no comentário suspeito de tanto cronista" e como "a democracia sempre teve os seus sabotadores e os seus tartufos." E esta nota liminar era necessária para melhor se ir apanhando pelo livro fora o que ele encerra como expressão de justiça e para restabelecimento da verdade.



OS MELHORES CONTOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL, selecção e prefácio de Gustavo Barroso — Rio de Janeiro, 1943.

O prefácio que o sr. Gustavo Barroso escreveu para este volume é excelente como tarefa de definição e de reconstituição. Começa por algumas variações sobre um tema tirado de Antônio Sardinha, segundo o qual "o Romantismo é o amor do que se foi e nunca mais voltará."

"O que equivale a dizer — glosa o ilustre prefaciador — que o Romantismo é saudade. Como a História também a seu modo é saudade, o casamento do espírito romântico com ela, união de duas saudades, nos deu o romance histórico. Mas seu avô, foi, no século XVI, John Barbour, arqui-diácono de Aberdeen, autor duma crônica rimada, rimance ou romance sobre Roberto Bruce, herói e rei da Escócia.

A literatura histórica, assim nascida, é feita de imaginação sobre dados da realidade e da observação. Parte científica e parte artística. É uma arte toda especial, em que é necessário saber traçar os caracteres — fazer falar os personagens, descrever os costumes, pintar as paisagens, misturar as cenas heroicas, naturalmente, aos pormenores íntimos, e alternar os incidentes dramáticos, cômicos, sublimes e domésticos. *Mutatis mutandis*, o escritor procede como o restaurador dum velho quadro, duma porcelana despedaçada ou dum edifício arruinado. Em primeiro lugar com amor, aquele amor do que se foi para nunca mais voltar da definição de Sardinha, amor do chão pátrio, com suas lendas, com seus costumes, com seus sentimentos e suas tradições. Em segundo lugar, erudição bebida com esse amor nos velhos livros sobre hábitos, indumentárias, armas, instituições, genealogias, arquitecturas. Em terceiro lugar, o conhecimento profundo da língua para recuá-la no tempo não por afectação de estilo, segundo a lição de Anatole France, mas porque mudando as palavras se mudam até os sentimentos e os caracteres."

Assim vai o prefácio, rápida, sucintamente, mas sempre com fácil e clara segurança, através das épocas e das correntes literárias, expondo, explicando, exemplificando. E quem atentamente o seguir frizando -lhe os pontos capitais, de mais veemente expressão interpretativa ou crítica, melhor sem duvida apreciará, nos seus tão variados elementos de beleza e de eloquência, a "frisa literária" que se estende pelas quatrocentas páginas do volume.

Os *Melhores Contos Históricos de Portugal* compreendem obras de Alexandre Herculano, Conde de Sabugosa, Eça de Queiroz, Antônio Sardinha, Pinheiro Chagas, Henrique Lopes de Mendonça, D. João de Castro, Rebelo da Silva, Julio Dantas e Jaime Cortesão.



LITERÁRIO

O QUE HITLER ME DISSE, por Hermann Rauschning, tradução revista por Jaime Cortesão — Rio de Janeiro, 1943.

E' uma aluvião, uma catarata, um dilúvio de livros sobre Hitler! Fóra os apologistas, que não nos chegaram ou a seu tempo desapareceram das livrarias... Só, porém, no sentido de ataque ou condenação — o único, em princípio, verdadeiro — quantos autores se não têm dado à tarefa de encher duzentas a trezentas páginas com a projeção dessa individualidade, acerca da qual, em verdade, só se deveria desejar o desaparecimento e, bem punida e bem desfeita a sua obra, o esquecimento? Cada biógrafo ou ensaísta encara o homem à sua maneira, procurando dizer da sua mentalidade, do seu caráter, do seu sentimento alguma coisa que não esteja ainda divulgada. Para isso, começam os escritores por se arrogar qualidade ou situação absolutamente privilegiada; logo o título da obra indica essa intimidade incomparável: *Quando eu era secretário de Hitler*, *Fui médico de Hitler*, *Membrias dum confidente de Hitler*... E, à força de lhe quererem revelar aspectos novos, já um lhe foi descobrir a vera fisionomia... no Apocalipse.

O que Hitler me disse oferece sobretudo a condição de reportagem composta dia a dia, com elementos directos, notas flagrantes, frases rápidas ou longos trechos de conversação tão característicos e tão evidentemente fiéis como se fossem — e talvez fossem — apanhados pela estenografia. Através destas páginas não deixamos nunca de sentir a exatidão. Se procurássemos a parte de colaboração imaginosa, o traço de interpretação arbitrária ou de momentânea fantasia, nada certamente encontraríamos de suspeito. A cada momento surgem as expansões daquela individualidade que, desde a primeira página, entrou a definir-se e se vai acentuando e explicando até à completa expressão:

"Devemos ser cruéis. — Passou a época dos bons sentimentos. — Nunca iniciarei uma guerra sem ter dentro de mim a certeza absoluta de que o adversário, desmoralizado, cairá ao primeiro choque. — A guerra será o que eu quiser. A guerra sou eu. — Quando quisermos criar o nosso Grande Reich alemão, na sua definitiva grandeza, temos o dever de eliminar esses povos. Não há razão alguma para o não fazermos. — O Fascismo, se quiser, pode fazer a paz com a Igreja. Eu farei o mesmo. Por que não? Isso não me impede de extirpar o christianismo da Alemanha. — O terror é a mais poderosa arma política e não me privarei dela sob o pretexto de que choca alguns burgueses imbecis. O meu dever é empregar todos os meios para endurecer o povo alemão e prepará-lo para a guerra. — O mundo só pode ser governado pela exploração do medo..."

Todas essas coisas, proferidas antes da guerra, em reuniões de altos correligionários, em palestras com amigos de toda a confiança, no tom mais natural e espontâneo — a guerra os veio plenamente confirmar. E debalde agora um Goebbels, um Goering, o próprio Hitler se esforçam no empenho angustioso de as desmentir.

EXAME DAS FUNÇÕES MENTAIS (SEMILOGIA PSQUIÁTRICA), por Joubert T. Barbosa, prefácio de Heitor Carrilho — Rio de Janeiro, 1943.

O insigne psiquiatra Dr. Heitor Carrilho escreveu para este volume breve prefácio que vale pela melhor das credenciais. Não teria um mestre expressões superiormente favoráveis apresentando o discípulo dileto, continuador legítimo da sua obra.

Assim é em plena confiança, e esperando aprender alguma coisa, que o próprio leitor inicia a leitura destas duzentas e tantas páginas. Para nós, em geral, a condição ingrata de tais trabalhos é que, dirigindo-se a sábios consumados ou a estudantes já em vésperas disso, como que proíbem a outra gente de tentar sequer penetrá-los. Impiedosamente nos repelem, nos reconduzem à nossa pobre ignorância... Ora, o Dr. Joubert Barbosa procede generosamente conosco. Tem pena de nós. Começa por nos definir bem singela e bem claramente o que seja psiquiatria. Prepara-nos gradualmente para o acompanharmos através das matérias que — e isso imediatamente o percebemos — lhe são tão familiares. Explica-nos, tanto quanto possível tratando-se de profanos, aquilo que de essencial, fundamental, aprendeu em outros livros e aquilo que a observação quotidiana lhe permitiu apurar nas casas de saúde e instituições científicas a que tem dedicado a sua inteligência e o seu esforço. Nenhum de nós terá de certo a pretensão de apreender duma vez tanto saber e tanta experiência. Precisamos de repousar. Assimilação mesma leva tempo e exige disposições adequadas. E o que, pois, devemos fazer é ir lendo sem nenhuma pressa ou voltar repetidamente à leitura — se por fortuna termos vagar para isso.

O BRASIL EM MARCHA, de Paula Achilles — Rio de Janeiro, 1943.

Neste vultoso e compacto volume, estuda o sr. Paula Achilles, em numerosas questões e sob os mais variados aspectos, o Brasil atual, salientando sempre aquilo que, em panorama, representa a inteligência e a acção do presidente Getúlio Vargas. Para alguns destes capítulos e em especial os que dizem respeito ao prestígio alcançado pela nação brasileira entre as suas irmãs da América, o autor se inspirou em artigos ou séries de artigos publicados nos jornais. Aproveitou-lhes o assunto geral e, sem dúvida, em diversos pontos lhes seguiu a orientação e o método de exposição. A tudo, porém, deu desenvolvimento, amplitude, mantendo, tanto quanto possível, o seu critério. E o seu fito dominante, como logo no primeiro capítulo ficara expresso, consistiu em bem assinalar a verdade que acabou triunfando através de todas as tentativas que se empregaram para a esconder ou a trair:

"O Estado Novo, se não operou um milagre, conseguiu fenômeno muito aproximado. Negam essa afirmativa os descontentes provindos do passado. E são esses os que julgam, adulterando... Nesse afan impatriótico orientam o sentido das confusões... Mas o julgamento, de si para si, já se fez e continua a ser feito. O presidente Getúlio Vargas venceu, por seus atos e suas ações, os empecilhos que os indesejáveis tentaram colocar sobre a estrada larga e luminosa do seu governo. Com o patriotismo na alma e a nacionalidade no coração, prossegue o desdobramento do programa da nossa emancipação econômica e social. Lembra a caudal de um rio imenso. Na majestade do seu curso vitorioso, passando pela

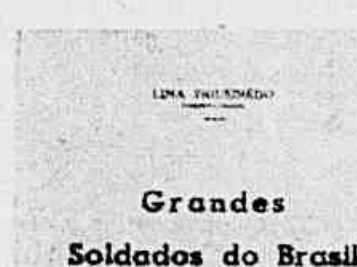
ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



convicção dos que sabem e podem julgar, realiza a fecundação das obras meritórias, edificando, sobre alicerces sólidos, o fundamento do Brasil maior. Tal a imponência de um rio imenso que irriga terras, planuras e distâncias, aumentando, crescendo, seguindo o sentido da sua complexidade administrativa, sem desfalecimentos; vence, domina, conquista a opinião dos que se unificam e se fazem invisíveis dentro da hegemonia nacional".

J. L.

GRANDES SOLDADOS DO BRASIL, por Lima Figueiredo (2.ª edição) — Rio de Janeiro — 1942.



A *Questão Militar* foi, em última análise, um choque de mentalidades, um conflito de idéias. Os heróis que regressaram do Paraguai e as novas gerações saídas da Escola Militar sonhavam com um exército moderno, dinâmico, capaz de cumprir, a contento, a missão formidável de defender o imenso Território Pátrio.

Esse ideal foi concretizado pela república. Depois da mudança de regime, ampliaram-se extraordinariamente os quadros da tropa, nossos homens receberam armas eficientes e as elites desenvolveram sua aprendizagem técnica, na arte da guerra, junto às missões militares estrangeiras, para aqui enviadas pelos países amigos.

Hoje, podemos nos orgulhar de que os diversos estabelecimentos brasileiros de ensino militar, são frequentados por alunos de toda a América. Possuímos, portanto, uma corporação guerreira que já se tornou respeitável, pelo seu preparo e pela sua organização.

O tenente-coronel Lima Figueiredo é uma figura bem expressiva desse novo Exército. Os numerosos trabalhos publicados, de que é autor, atestam suas qualidades de estudioso e de patriota. No presente livro, ele revive os grandes cabos-de-guerra que cobriram de glória o pavilhão nacional da Pátria, nas diversas campanhas em que nos empenhamos: Caxias, Sampaio, Andrade Neves, Mallet, Vlagram Cabrita, O ório, Tburcio, Antonio João, Couto de Magalhães.

Aos jovens portanto, aos estudiosos, em geral, da História do Brasil, são destinadas essas páginas do sr. Lima Figueiredo. Páginas de exaltação aos heróis do Brasil imortal.

A. M.

A ULTIMA AO CADAVALSO, de Gertrud Von Le Fort — Stela Editora.

Este livro, traduzido por Roberto Furquim, inicia brilhantemente a "Coleção Presença" dirigida por Frei Mansueto Kolmen com o objetivo de vulgarizar entre nós os grandes clássicos católicos de literatura europeia atual. A *Coleção* inclui Peguy, Dostoiévski, Berdiaeff, Léon Bloy, Sigrid Undset, Soloviev, visando naturalmente indicar a refração de uma mesma ideia diretora em espíritos os mais diversos, produtos das mais dispares províncias intelectuais. Esta vulgarização dos mais proeminentes espíritos católicos do nosso tempo virá beneficiar nossa intelectualidade que ainda vê no pensamento católico um sub-produto de sacristia.

Gertrud Von Le Fort, poetisa das maiores que a Alemanha cristã tem produzido, conseguiu fundir em sua novela o tema essencialmente religioso e a forma perfeita de uma artista consumada. Descrevendo o martírio das dezesseis carmelitas de Compiègne que foram guilhotinadas durante a Revolução Francesa, a autora conseguiu dar-nos uma obra que nos toca, não só pela emoção religiosa que a atravessa, mas também pela pureza da forma em que está vasada. Le Fort vem trazer mais uma solução ao problema que o estúpido racionalismo de nossa época suscitou: é possível, hoje, criar arte religiosa? A novela de poetisa alemã dá-lhe uma resposta simples e decisiva: sim, basta crêr e sêr artista. A obra está repleta de considerações profundas sobre a Revolução Francesa, sobre os arcanos da alma humana e o mistério que cerca nossas ações as mais simples na aparência. Le Fort, servida por uma intuição que lhe confere o título de poeta na mais completa acepção da palavra, ilumina os refólhos de uma alma profundamente mística, onde o conflito das ideias mais opostas simboliza, não uma limitação, mas um enriquecimento interior. A psicologia da heroína, cuja vocação religiosa, que vai até o martírio, é paradoxalmente preservada pela angústia e pelo medo, constitui sem dúvida uma obra-prima. Quando Le Fort descobre a essência das revoluções, no "desencadeamento do terror panico numa época que atingiu o seu terreno" — desce ao coração de um problema que os historiadores céticos e os sociólogos materialistas se limitam a tatear. Vendo transcendentalmente — que é, na realidade a única maneira de vêr realmente — Le Fort nos dá um rumo seguro para penetrarmos no abismo caótico das revoluções. A Revolução Francesa está nas raízes do nosso tempo. De sua seiva ainda se alimentam os frutos pódres das ideologias modernas. Compreendê-la é compreender-nos.

Quiseramos, por tudo isso, que a obra de Le Fort e as que se lhe seguirem tenham uma repercussão maior nos nossos meios intelectuais. Para isso é também necessário que as traduções nada deixem a desejar. Esperamos que a inteligência jovem e empenhedora de Frei Mansueto Kolmen possa, em breve, sanar estas pequenas dificuldades.

I. A. R.

A Academia Feminina, Molière e a sofística...

Entrevista aéreo-dinâmica com a presidente e a arquivista da ilustre companhia

Reportagem de SONIA REGINA

Ainda a Academia de Mulheres!... Não sei por que, talvez seja um caso de mera coincidência ou de pura "sofística" (no dizer de Vinicius de Moraes) sempre que eu falo em Academia Feminina vem à baila a *Escola de Maridos* e o irreverente Molière. E Molière... Sim, Jean Baptiste Poquelin foi o bicho papão das mulheres do século XVII. Agora, no Brasil, Molière é o Osório Borba (lêde artigo dominical do *Diário de Notícias*) e Maquiavel o redator do *Globo* que, entrevistando a Dra. Adalzira Bittencourt, criou o mito da recusa de Cecília Meirelles, dizem, para quebrar a paz existente naquele cenáculo. "Ora! afirma a ilustre presidente, isso é uma grande inverdade, tão grande como a história da insonia de Gilka Machado, na qual a grande poetisa de "Sublimação" teria deixado de dormir durante 48 horas pensando em como deveria usar a coroa de louros. Enfim! Enfim com todos os prós e os contras as mulheres sempre levaram a melhor (Louvado seja Deus por isso!) e a Academia Feminina aí está ofi-



Maria Eugénia Celso

cializada (registro concedido no *Diário Oficial* de 2 de Abril) com todos os estatutos vigentes na Casa de Machado de Assis e de muitos outros, e com a devida réplica: não se admitem imortais de sexo diferente (Bem feito!) Já têm um histórico, um belíssimo livro de atas, em percalina azul e ouro onde estão consignadas 4 reuniões e muito em breve vai possuir sede própria por que...

(No Palace Hotel, na tarde de sexta-feira, 17 do corrente, travou-se o seguinte diálogo:

EU — ...Como surgiu a Idéia da Academia Feminina?

DRA. ADALZIRA — A idéia partiu de Mercedes

Dantas em 1926. Ela chegou a promover uma reunião a 6 de Janeiro desse ano, conseguindo reunir muitos valores. Apesar disso não pôde realizar seu sonho.

Em 1928, entretanto, eu própria, em S. Paulo pensei em prosseguir nessa campanha e escrevi vários artigos. Mais tarde, juntamente com Francisca Bastos Cordeiro, Mercedes Dantas, Alba Canizares e outras, tentamos a fundação da Academia chegando-se mesmo à elaboração de projetos e estatutos. Ainda desta vez, por motivos superiores à nossa vontade não foi possível a realização desse nobre intento. Agora, porém, durante a exposição do livro feminino, o mesmo grupo resolveu fundar a Academia e a 1.º de Março ela se tornou uma realidade.

EU — E sobre a manutenção da Academia? É verdade que as "imortais" vão contribuir com a mensalidade de 100 cruzeiros?

DRA. ADALZIRA — Absolutamente falso. Não precisamos disso porque já nos cotizamos e temos, para a manutenção da mesma, uma boa importância em dinheiro além de muitas apólices; tanto que vamos comprar uma sede, se possível, no último andar de um elegante arranha-céu e dominando a "terrace".

EU — O'timo, doutora, ótimo. Quanto ao incidente Cecília Meirelles *versus* presidência...

DRA. ADALZIRA — Não tem fundamento. Consideramos essa ilustre escritora um dos mais altos valores das letras nacionais. Entretanto ela ainda não foi convidada a fazer parte da Academia porque mudou-se e constitui uma grande dificuldade encontrá-la. Diante disso como poderia recusar algo que não lhe foi oferecido?

EU — É verdade; porém a Dinah Silveira...

DRA. — Até hoje não compreendo o procedimento da Dinah; imagine que ela havia até escolhido por patrona a Bárbara Heliodora. Logo a Bárbara Heliodora, hein! E depois... é uma coisa absolutamente incompreensível...

EU — De fato. (Pausa). E sobre o estilo do fardão?

DRA. ADALZIRA — Fardão? Alguém já falou em fardão? É interessante. Nós que somos as acadêmicas ainda nem pensamos nisso... Esses jornalistas...

EU — São tremendos... (Pausa) — Mas o problema da sucessão...

DRA. ADALZIRA — Será muito mais delicado e honesto. Em primeiro lugar teremos o quadro das suplentes, quadro esse formado pelas futuras candidatas à imortalidade. Quando se der uma vaga as acadêmicas apresentam as suas candidatas. A que tiver mais merecimento, por consequência, a que for mais votada será então convidada a fazer parte da Academia. E ninguém passará o vexame de ser recusada.

EU — Muito agradecida, doutora. Agora, pretendo mais dois últimos obsequios:

1.º a constituição de diretoria e segundo o nome das patronas.

DRA. ADALZIRA — Pois não. Vou buscar a lista. Eis senão quando e trouxemos a simpática arquivista do "partenon" — Nini Miranda, a Mary Lou do *Correio da Manhã*.

— Graças a Deus, disse ela, encontrei o endereço da Cecília. Felizmente agora poderei aclarar esse qui-pro-quo terrível.

Apesar de que, com a inteligência que ela possui deve ter percebido que isso era a peras intrigas jornalísticas. Como você não ignora, a mentalidade



Gilka Machado

masculina é sempre a mesma: um obstáculo ao progresso da mulher.

— Aliás isso é velhíssimo. Quer ver? No século XVII, Molière ridicularizou as mulheres. Outro notável escritor daquela época fez o mesmo. Não obstante a mulher se impôs: veja os casos de Mme. de Grignan, filha da celebre Mme. de Sévigné, da Marquês de Sablé, de Margarida de Valois e depois os de Mme. de Stael, da Recamier, da baronesa de Dudevant e finalmente o da Caillavet, cuja influência na vida literária de Anatole France foi notável.

"Nesses salões, como afirmou um homem de espírito, se resolviam problemas de Estado, entre a elegância e a inteligência, que valiam por batalhas".

"Quanto aos rumores da imprensa, que asseguram haver discórdia entre as imortais em vez de fomentarem mal entendidos servem apenas, para apertar o elo que nos une".

E foi tudo.

Transcrevemos abaixo, em primeira publicação, as listas da diretoria e das patronas da Academia.

Diretoria: — Presidente: — Dra. Adalzira Bittencourt; Vice-Presidente: — Francisca de Vasconcellos de B. Cordeiro; Secretaria Geral: — Mercedes Dantas; 1.ª Secretária: — Lola de Oliveira; 2.ª Secretária: — Maria da Sena Pereira; 1.ª Tesoureira: — A. A. Guizard; 2.ª Tesoureira: — Leonor Posada; Bibliotecária: — Alba Canizares do Nascimento; Arquivista: — Nini da Rocha Miranda.

As patronas com as respectivas cadeiras:

1 — Adelaide Castro Alves Guimarães; 2 — Adelia Josefina de Castro Rabelo; 3 — Amalia dos Passos Figueirôa; 4 — Amélia Augusta Rodrigues; 5 — Ana Lossio e Seiblit; 6 — Anália Emilia Franco; 7 — Andradina Andrada de Oliveira; 8 — Angela do Amaral; 9 — Aute de Souza; 10 — Barbara Heliodora; 11 — Beatriz Brandão; 12 — Carmen Dolores; 13 — Carmen Freire; 14 — Corina Coaracy; 15 — Delfina Benigna da Cunha; 16 — Delmilde Silveira; 17 — Francisca Clotilde Barbosa; 18 — Francisca Julia da Silva; 19 — Grazia Hermelinde; 20 — Inês Sabino Pinho Maia; 21 — Iracema Guimarães Vilela; 22 — Izabel, a Redentora; 23 — Joaquina Julia Navarro de M. Lacerda; 24 — Josefina Alvares de Azevedo; 25 — Julia Cortines; 26 — Julia Lopes de Almeida; 27 — Leolinda Daltro; 28 — Lourença Tavares de Holanda; 29 — Luciana de Abreu; 30 — Maria Benedita Borman; 31 — Maria Clara da Cunha Santos; 32 — Maria da Gloria Ribeiro de Almeida; 33 — Narcisa Amalia; 34 — Nisia Floresta Brasileira Augusta; 35 — Revocata Figueirôa de Melo; 36 — Rita Joana de Souza; 37 — Silvia Celeste de Campos; 38 — Tereza Margarida da Silva Orta; 39 — Violante de Bivar e Velasco; 40 — Viscondessa di Sande.

(Como o senhor Osório Borba pode constatar, nesta lista não há nenhum nome de guerreira, nem o de Anita Garibaldi, nem o da célebre D. Joia apesar de haver uma D. Violante de Bivar e Velasco).

Eis aí, caros leitores, o que existe realmente sobre a Academia. Que a paz se estenda sempre sobre esse cenáculo; que dele venham nobres e grandes realizações para o progresso do Brasil. Que Molière, Osório Borba, o redator do *Globo* e outros irreverentes sejam perdoados. E eu também se não disse aquilo que deveria dizer ou se disse o que não deveria. Amem.



A doutora Adalzira Bittencourt com a nossa redatora.

Conto Brasileiro

— Está vendo aquele umbú, lá embaixo do coxilho?

Pois, ali é a tapera do Mariano. Nunca vi pessegueiros mais bonitos que os que amadurecem naquele abandono; ainda hoje os marmeleiros carregam, que é uma temeridade!

Mais para baixo, como umas três quadras, há uns olhos dagua, minando as pedras e logo adeante uns coqueiros: depois pega um cordão de araçazeiros.

Diziam os antigos que aí encostado havia um lagoão muito fundo onde até jacaré se criava.

Eu, desde guri conheci o lagoão já tapado pelos capins, mas o lugar sempre respeitado como um tremedal perigoso: até contavam de um mascate que aí atolou-se sumiu-se com duas mulas cargueiras e canaistras e tudo...

Mais de uma rez magra ajudei a tirar de lá; iam à grama verde e atolavam-se logo, até a papada.

Só cruzam ali por cima as perdizes e algum cusco leviano.

Com certeza que as raízes do pasto e dos aguias-pés foram trançando uma enredada fechada, e o barro e as folhas mortas foram-se amontoando e pouco a pouco, capeando, fazendo a tampa do sumidouro.

E depois nunca deram desoto na ponta do lagoão, porque, se dessem, a água corria e não se formaria o mundeu.

Mas onde quero chegar: vou mostrar-lhe, lá bem no meio do manancial uma cousa que vancê nunca pensou ver; é uma roseira, e sempre carregada de rosas.

Gente vivente não apanha as flores, porque quem plantou a roseira foi um defunto... e era até agouro um cristão enfeitar-se com uma rosa daquelas!

Mas, mesmo ninguém poderia lá chegar; o manancial defende a roseira baguala: mal um firma o pé na beirada, tudo aquilo treme e bufa e borbulha...

Uns carreteiros que acamparam na tapera do Mariano contaram que pela volta da meia-noite viram sobre o manancial duas almas, uma, vestida de branco, outra, de mais escuro... e ouviram uma voz que chorava um choro muito suspirado e outra que soltava barbaridades...

Mas como era longe e eles estavam de cabelos em pé... — pois nem os cachorros acuavam, só uivavam... uivavam... — não puderam dar uma relação mais clara do caso.

E o lugar ficou mal assombrado.

Mas, onde quero chegar: foi assim, como lhe vou contar. Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa; apenas os trilhos do gado, cruzando-se entre aguadas e querências.

A gadaria, não se pode dizer que era alçada: quasi toda orelhada, isso sim.

Mas virasse bem, carne gorda sobrava, e potrada linda isso era ao cair do laço.

O Mariano apareceu aqui, diz que vindo de Cima da Serra, corrido dos bugres; uns, porque lhe morrera a mulher, da beziga preta, outros ainda à boca pequena, que não era por santo que ele mudara de cancha.

Mas fosse como fosse, chegou e arranchou-se.

Trazia para o brigadeiro Machado uma carta que devia ser de gente pesada, porque o brigadeiro tratou-o muito bem e de certo foi com o seu consentimento que ele aboletou-se aqui nos pagos.

Tocava uma carreta de tolda, uma ponta de gado manso e uma quadrilha de ruanos. De gente, ele, duas velhucas, uma menina, uns pretos, campeiros e uma negra mina, chamada mãe Tanazia.

A menina era filha dele; das velhas uma era a avó da criança, e a outra, irmã dessa vinha a ser tia-avó. Ele dava-se por genro da velha, mas não era; havia suspendido com a moça da casa, e depois nunca se proporcionou ocasião de padre para fazer-se o casamento, e o tempo foi passando, até que a defunta morreu, ficando a inocente nesse pagamento de não ser filha de casal legítimo... por sacramento. Mas davam-se bem, todos.

O paisano era trabalhador e entendido nas cousas; desde o torrão para os ranchos, e quincar, madeiras, cercados, lavouras, tudo passou pelas suas mãos. E tanto falquejava um linhoto como semeava uma quarta de trigo, e já capava um touro como amanoneava um bagual.

Quando a Maria Altina — era a menina, a filha dele — andava nos dezeseis anos, este arranchamento era um paraíso; o arvoredo todo crescido e dando; lavouras, criação miuda, de tudo era uma fartura; havia galpões, eira, currais, tafona.

O Mariano e as duas velhas traziam nas palminhas a pequena. Ela era o — ai Jesus! — de todos, até dos negros.

Duma feita que a família foi ao povo, para um terço de muita fama que se rezou na casa do brigadeiro Machado, a Maria Altina fez um fachadão entre a moçada; mas de todos ela tomou-se de camote com um tal André, que era forriel e gauchito tã o. Não entro nisto mais pelo miudo porque não vale a pena de falar nestes chicos pleitos de namoriscos e milongajens de crianças.

Mas segue-se é que na despedida da volta o forriel André deu-lhe uma rosa colorada, com um pé de palmo... e ela atravessou a flor no seu chapéu de palha, ali no mais, com toda a inocência, à vista de todos.

NO MANANTIAL

Por J. SIMÕES LOPES NETO

Ilustração de
GOULART



Cá pra mim havia algum conchavo entré o brigadeiro e o Mariano, porque naquele soffragante da flor os dois piscaram os olhos um para o outro e riram-se à sorrelfa, por debaixo do bigode...

Ah!... o forriel era afilhado e ordenança do galão largo... e até diziam mais alguma coisa... Vancê entende!...

A comitiva nessa noite pousou no caminho, e a menina deu geito e arrumou a rosa numa botija com água, para não murchar.

De manhazita, marcharam; e de chegada em casa, o primeiro cuidado da pécora foi cortar a rosa bem rente do cachimbo e plantar o galho numa terra peneirada e fresquinha.

E tais cuidados deu-lhe que a planta pegou, botando raízes firmes e espigando ramos e folhas; e quando vieram os primeiros botões, ela apanhou-os com a fita dos cabelos e foi prende-lo no pé da cruz dum Nosso Senhor que estava na frente do oratório... como quem dá uma prenda, a modo de pagamento de promessa feita!...

Neste entrementes — coisa arranjada pelo brigadeiro — o forriel pousou em casa do Mariano, de passagem para um destacamento onde ia levar ofícios. Foi um alegrão para todos, mas para a Maria Altina, nem se fala!...

Vancê pense... A paisaninha só teve alma e vida e coração para o moço... ele também estava entregue, de redea no chão.

Aquela visita trazia água no bico... era o trato de casamento. Depois que o forriel se foi as velhas pegaram a fazer rendas de bilros e outros preparos do aprontamento da noiva.

A roseira estava em todo o viço: recendia que era um gosto e bordava de vermelho o caniçado da orte, que se via desde longe.

(Continua na pagina 50).

OS ATORES APENAS REPRESENTAM



Sarah Bernhardt



Edwin Booth



Ellen Terry

CORNELIA OTIS SKINNER

(De "The York Times Magazine")

OS ATORES VIVEM SEUS PAPEIS OU APENAS REPRESENTAM? ESTA QUESTÃO, VELHA COMO O TEATRO, É, NO ENTANTO, SEMPRE NOVA. MISS SKINNER DA' SUA RESPOSTA, E VIOLENTA ALGUMAS TEORIAS ACEITAS

No decorrer da última temporada, durante a representação de uma peça na Broadway, uma moça invadiu meu camarim, após uma "matinée". Vira meu desempenho e estava gratuitamente entusiasmada com ele, sendo esta talvez a única razão que fez com que eu a convidasse a sentar-se. Disse-me que era estudante em certa escola de teatro e sentia que havia de trazer grande benefício a ela e à sua classe o dirigir-me algumas perguntas. Sempre contente em obsequiar, disse-lhe que começasse, com uma facilidade que não teria patenteado, se previsse a natureza do seu interrogatório.

— No fim do segundo ato, — começou ela — como é que V. desenvolve aquela curva dinâmica?

— Como? — perguntei.

— Sim, aquela curva dinâmica, — prosseguiu ela, fazendo naturalmente mau juízo de meu entendimento.

— Como eu a desenvolvo? — repeti, tentando ganhar tempo.

— Deve ter-lhe tomado semanas de planejamento — continuou ela.

— Ali há uma tal sequência dinâmica!

— Aha? — indaguei, encantada com a informação.

— Oh! Como consegue fazê-lo?

Incapaz de sustentar seu olhar, comecei a remexer os objetos da minha mesa.

— Bem já vê V....no fim do segundo ato há uma série de momentos culminantes... — Mas não pude manter o disfarce. Além disso estava ficando mais e mais entediada com aquela história de dinâmicas. Que podiam saber a respeito atores dignos desse nome? Renunciei à tapeação. — Minha cara, não tenho a menor idéia do que V. está dizendo!

Olhou-me espantada como se eu tivesse envesgado os olhos ou esticando a língua para ela.

— Estou falando sobre o fim do segundo ato. Como o faz V.?

— Como o faço? Representando, apenas.

— Mas não pôde ser tão simples assim, — disse ela.

— Bem não sei si é, mas tudo que sei é que apenas represento ou tento fazê-lo. Respeito demais minha profissão para não lhe ter respondido honestamente. No fim do segundo ato meu marido foge com minha melhor amiga, meu filho volta-se contra mim e minha carreira de artista parece arruinada. Então, certo-me numa cama e ajo da maneira pela qual uma mulher agiria em tais circunstâncias. E receio que o faço sem cuidar de quaisquer dinâmicas. Apenas represento!

A estudante olhou-me profundamente desapontada.

— Mas conscientemente V. não...

— Não! — quase gritei, — pois ela já estava dando cabo da minha paciência. Eu conscientemente nada faço! Apenas represento, — digo-lhe.

— Segundo Madame X — e citou uma obra sobre teatro escrita por uma conhecida mestra russa do drama — todos os bons atores desenvolvem um papel conscientemente de acordo com uma linha curva.

— Vá perguntar a Helen Hayes, Lunt ou Fontanne si procuram conscientemente linhas curvas!

— Mas nosso mestre, Professor Fulano, que ensina a teoria artística do Teatro Moscovita...

Então emiti a heresia definitiva: — A teoria moscovita de arte é admirável, embora, para dizer-lhe a verdade, eu não esteja muito certa do que seja. Certamente os atores do Teatro de Moscou constituem uma das melhores companhias do mundo; mas são bons artistas porque representam, e tem representado juntos durante anos. Os russos são atores natos. Compõem-se de seu papel e representam (sob uma boa direção naturalmente), e representam tão magnificamente que se escrevem livros a seu respeito e lhes atribuem uma série de motivações estéticas obscuras e de teorias complicadas das quais, sou capaz de apostar, eles não têm a menor noção. E aqueles que dirigem escolas dramáticas usam os livros como Bíblias para ensinar a vocês, ingenuas aspirantes, uma porção de teorias todas muito interessantes, mas que não as farão representar. Os artistas que teorizam perdem toda a capacidade de representar.

Pensei que com isto a pobre moça partiria, porém, apesar de francamente atônita, ela permaneceu.

— V. se adapta à personalidade que vai representar, antes de ir para o teatro ou enquanto faz seu maquilage?

— Mas eu não me adapto a personalidade nenhuma! Digo-lhe que apenas represento!

— Não é certamente o que o Professor Fulano ensina. E, com esta áspere observação, ela partiu. Era claro que eu havia perdido uma "fan", mas consolei-me com o pensamento de que, seguindo o conselho de Polônio, fora verdadeira para mim mesma.

Continuei a tirar meu "maquilage", ruminando o tempo todo o que dissera a moça e, quanto mais ruminava, mais indignada ficava. Não tanto com ela, pobre ingenua mas com o gramofônico instrutor que lhe tomava bom dinheiro para ensinar-lhe um dialeto artístico inteiro, com curvas e dinâmicas. Que diabo seria uma dinâmica? Teriam por acaso perdido tempo com tais coisas Bernhardt, Ellen Terry ou Booth, ou mesmo uma intelectual como a Duse? Que teria feito Garrick si o tivessem interrogado sobre dinâmicas? Provavelmente teria coroado o interlocutor com sua caixa de rapé. — Bolas! — gritei ante minha própria idéia para grande espanto da camarista.

Lembrei-me do que minha visitante dissera sobre a maneira e entristeceu-me que tivesse partido pois gostaria de lhe ter contado uma aneddotica que meu pai relatava sobre seus primeiros desempenhos de Laerte com o Hamleto de Edwin Booth. Laertes, como todos se lembram, aparece no começo da peça e depois só reaparece duas horas mais tarde, quando, num movimento de ódio e fúria se arremessa de espada empunhada para vingar a morte de Ofélia.

Nas primeiras noites meu pai não teve obstáculo. O papel era novo e inflamavam-no o entusiasmo e um certo medo que se experimenta no palco e que, contido em seus limites, pôde acrescentar considerável espírito a um desempenho. Depois começou a perder a fibra. A longa espera entre seu primeiro e segundo aparecimentos parecia de algum modo matá-lo. Ele fazia o possível para "viver seu papel", coisa que, só depois aprenderia, apenas debutantes e amadores crêem realizável. Percorria o assoalho do camarim, tentando vasar o espírito num molde emotivo. Chegou mesmo ao período de desespero, quando, após retirar o maquilage, e vestir o traje de rua, saía a buscar inspiração no ar da noite, voltando ao teatro do tempo exato de vestir sua caracterização e se arremessar sem fôlego ao palco.

Edwin Booth, que era tão experiente quanto dotado, observou sua angústia por uns dias e, uma noite, mandou chamar o jovem ator ao seu camarim, num entreato. Era uma das noites em que Booth dava uma das suas mais inspiradas criações e, no entanto, quando meu pai entrou, o grande trágico, solitário, jogava cartas, fumando um charuto, ainda com o traje de cena.

— Sente-se, Skinner, — disse ele — e, com tímida polidez, meu pai se encostou desajeitadamente às costas de uma cadeira. O maior Hamleto de todos os tempos deteve-se a colocar uma rainha de ouros sobre um rei de páus e depois começou: — Jovem, V. está se matando. Já o tenho observado. Você capacitou-se, não sei como, de que deve ser Laer-

A black and white portrait of Helen Hayes. She is wearing a tiara with a central fleur-de-lis and symmetrical designs on either side. She has a dark necklace with a small pendant. A dark sash with a circular brooch is draped across her chest. She is looking directly at the camera with a slight smile. The background is dark and textured. In the bottom left corner, there is a small rectangular box containing the text "Helen Hayes".



ESCRAGNOLLE DORIA

FIGURAS DE OUTROS TEMPOS

GOMES FREIRE DE ANDRADA — (JUROMENHA 1688 — RIO DE JANEIRO 1763)

Juromenha é pequena vila portuguesa do concelho de Alandroal, este cabeça de concelho no distrito de Évora. No século XVII a vila devia ser despovoada, pois de recente lhe contaram os habitantes, achando 477.

Em Juromenha, por onde passaram os romanos, nasceu Gomes Freire de Andrada. De estudos jurídicos em Coimbra, deixou-os alistando-se no exército. Das leis passou às armas, a disciplina código do soldado.

Na carreira militar Gomes Freire se alçou a general, por sargento-mór de batalha. Em idade madura a corôa lusitana despachou-o governador do Rio de Janeiro, parte grande da colônia imensa do Brasil. Cerca de trinta anos Gomes Freire regeria povos na América Portuguesa, de modo a ser considerado "dos mais brilhantes governadores do Brasil português". Disse-o Rio Branco, em sumula de justiça.

Ao retirar delegados seus de domínios de além-mar, o rei de Portugal sujeitava-os a inquerito. Abria-se devassa apregoada. Durava um mez, ouvidas trinta testemunhas. O inquiridor recebia poderes para resolver questões secundárias sem apelo nem agravo. No questionário a devassa era minudente, ele não aprazando nada a governadores julgados e punidos, pela má prestação de contas administrativas e muitos por ela se vendo em talas, não assim Gomes Freire.

Governava ele sem proventos maiores. Percebia quatro contos por ano, o bispo do Rio de Janeiro tendo um conto de reis de subsídio, os cargos mais trabalho e honra que moeda.

Entre preocupações de mando Gomes Freire achava tempo para se inclinar a letras, protetor de Basílio da Gama, o qual inclinado à gratidão o epopeisaria nos versos de *O Uruguay*.

Desgostos curtiria Gomes Freire. Basta lembrar isto, governava. Nenhum pezar lhe foi maior, a ponto de apressar-lhe a morte, do que a perda da Colônia do Sacramento tomada por D. Pedro Cevallos em 1762.

Gomes Freire, conde de Bobadella em 1758, tudo fizera para defender a praça, que á pitoresca taxava de "grande osso".

Não foi Gomes Freire um governador sedentário. Viajou bastante querendo vêr e provêr por conta própria. A bem da corôa e da sua administração punha em pratica o que prometera em carta ao conde de Oeiras: "sacrificar até ultimo alento ao real serviço".

Cumprira palavra inteira. Só no Rio de Janeiro instalou e presidiu Relação, edificou o convento de Santa Teresa, e erigi chafariz de marmore no largo do Palacio, reconstruiu o aqueduto da Carioca, dando-lhe arcos á romana, tratou de recolher lazarus, poz pedra angular em Sé, auxiliou a criação de seminarios, casas de paz, e creou em casa de guerra aula de artilharia. Em palacio acolheu uma Academia, a dos Felizes. Para justificação da brevidade da ventura humana, durou pouco.

A 1.º de Janeiro de 1763 falecia Gomes Freire, testando, munido de todos os sacramentos. Cumprira deveres entre homens, apresentou-se a desempenhar-os perante Deus. Vivera quasi trinta anos no Brasil sem tornar a Portugal. E quanto mais o tempo passava mais devia apertar em Gomes Freire a saudade da terra natal, a alheia lhe dando sepultura. Estava escrito.

JOSE' DA SILVA LISBOA — (BAHIA 1756 — RIO DE JANEIRO 1835)

Desde o tempo de D. João VI foi o Brasil eleitoral e votante. As urnas lhe foram simbolos do gosto de sufragar. Em 1826 o paiz deu largas áquele gosto elegendo á grande para formação do Senado do Imperio. A Bahia, provincia mal despida de capitania, escolheu vinte e dous cidadãos, dezoito mais votados, para preenchimento de vagas na representação vitalicia bahiana de seis cadeiras senatoriais.

Para uma, a quarta, D. Pedro I chamou José da Silva Lisboa, honrando amigo do pai, D. João VI, encontrára-o na Bahia quando abrindo os portos do Brasil ia de partida para o porto do Rio de Janeiro, a crear Imperio do seio do qual levantaria vóz. O Principe Regente trocara a cidade do Salvador, á noite do mar figurando presepe, iluminado, pelo anfiteatro luminoso da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Natural da Bahia, nascido em 1756, Silva Lisboa, descendia de portuguesa bahiana, oriundo pois de um desses casais luso-brasileiros cujos filhos timbram de nacionalistas.

Filho espiritual da Universidade coimbrã, Silva Lisboa dedicou-se sobretudo á Economia Politica e ao Direito Mercantil, embora graduado em cânones e filosofia, esta ainda lecionada a capazes de avalia-la não a granel.

No alicerce de oito volumes, publicados de 1798 a 1803, Silva Lisboa baseou nosso Direito Commercial, sem se tolgêr de versar os mais variados conhecimentos e assuntos. Sua obra literaria é de extensa bibliografia, a pena de Silva Lisboa dessas que diariamente não deixava papel sem linhas.

Defensor estre o da ordem, fonte da liberdade, em nome da ordem sempre se opoz Silva Lisboa a quanto e a quantos na patria a perturbassem. Mereceram-lhe a mais formal e publica reprovação as sedições da Bahia e de Pernambuco em 1824.

Sob o pseudonimo de Velho Canonista, Silva Lisboa enfrentou Feijó propugnador da abolição do celibato clerical catolico. Tal medida Silva Lisboa, a tinha por "inconstitucional tentativa." Feijó replicou, o paulista era teimoso. Silva Lisboa deu-lhe tréplica e da bôa, o bahiano era argumentador.

Defensor da religião catolica, Silva Lisboa para adversario não apenas encontrou Feijó, sim também Mont'Alverne. Ao saber do obito de Silva Lisboa, a 20 de Agosto de 1835, Mont'Alverne suspendeu aula no Seminario de S. José, "por ter morrido um grande homem; o unico que o fizera calar. Justiça dessas só vêm aos mortos pres-



tadas por aqueles que em vida tudo quasi tudo lhes negam. Nem todos os homens são animais racionais e seres pensantes.

Amigo de D. João VI, sem cortezanice, Silva Lisboa o seria de D. Pedro I, com independencia. O imperador, em dous natalicios seus, a 12 de Outubro de 1825 e 1826, agraciou Silva Lisboa com os titulos de barão e visconde de Cayrú, nome este de ilha bahiana. Silva Lisboa nunca foi ministro. Foi Cayrú.

D. MANOEL DO MONTE — (PERNAMBUCO 1796 — RIO DE JANEIRO 1863)

Arcebispos e bispos não teem faltado ao Brasil catolico, dous brasileiros já purpurados cardiais. No e bispos e três arcebispos ocuparam até hoje o solo na diocese carioca, nas varias Sées catedrais da cidade do asseado S. Sebastião.

Prelazia em 1576, bispado justo seculo depois, os cariocas tiveram por nono bispo um pernambucano, D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, clérigo secular do habito de S. Pedro e professor de Teologia no seminario de Olinda.

Em 1839, em ple a minoridade de D. Pedro II, por eleição do paiz regia o Imperio um comprovinciano do padre Monte. Era Araujo Lima.

Por conhecimento pessoal ou informação de terceiros conhecia meritos e virtudes no padre Monte. Araujo Lima apresentou-o a Roma, onde de pontificado Gregorio XVI. Preconizado e confirmado o padre Monte pelo Papa, as respectivas bulas pontificias foram a beneplacito imperial de acordo com a legislação vigente.

A 24 de Junho de 1840 a Capela Imperial abria-se em festa, doirava-se de luzes, resoava de côros, orquestra soando alegria. Ocorria a sagração de D. Manoel do Monte, dada por D. José dos Reis, bispo de Mato Grosso, em 1864 decano do episcopado nacional.

Aos seus apostolos Jesus mostrou o exemplo do martirio para obtenção da excelsitude. Ficou a lição na sequencia dos seculos para quantos se pretendessem ser seguidores da Cruz.

Não tardou a saber-o D. Manoel, Pouco depois de sagrado sofreu ao contender com o arcebispo da Bahia por motivo da sagração de D. Pedro II em Julho de 1842.

Vivas ou não, outras magoas oprimiriam o nosso bispo, conde de Irajá em 1841. Uma das virtudes carateristicas de D. Manoel era a cordura, ele na terra já pretendendo a dos mansos na vida futura.

D. Manoel revelava-se caridoso, mas sem grandes recursos pecuniarios. Tirar de si para os outros centuplica os beneficios. Ao contrario das mãos dos unhas de fome as mãos do bispo eram abertas para a beneficencia.

Quando terrifica epidemia da colera-morbus flagelou o Rio de Janeiro, D. Manoel, com vestes prelaticias, apresentou-se na Praça do Comercio a pedir ôbolos para os enfermos pobres. A triste serenidade do rosto de D. Manoel, a razão do seu apelo despertaram generosidade geral, affluio pressa de esmolas.

Moreau pintou a cena da visita de D. Pedro II, seguido por Paraná e Bom Retiro, ás enfermarias dos colericos. Outro artista, do pórtre de Moreau, poderia levar a tcla a cena da Praça do Comercio.

Sagrado em Junho de 1840, em Junho de 1863 morria D. Manoel. Abriu-se a Capela Imperial, desta vez para exequias, de luzes funereas, de cantos plangentes, de musicas lamentosas com as quais a Igreja ergue vóz de supplica a Deus, no pedir-lhe para os mortos o repouso eterno na multidão de suas misericordias.

FRANCISCO MANOEL BARROSO — (LISBOA 1804 — MONTEVIDÉO 1882)

Francisco Manoel Barroso teve nascimento em 1804, na Lisboa de D. Maria I e do Principe Regente. Uma placa foi aposta na fachada da casa onde Barroso nasceu. Indica ou indicava o local natalicio. Não se estranhe a dubitativa do verbo. A furia de destruir é endemica.

Bastante estudada a vida de Barroso, nela avulta o dia de Riachuelo posto em avantajado quadro por Vitor Meirelles a cuja fidelidade como pintor de Historia o proprio Barroso rendeu preito.

O herôe de 11 de Junho vive em bronze na praia do Flamengo, como convinha a lobo do mar, de estatua exposta a tudo quanto a barra carioca manda ao litoral, aragem, vento rijo, furacão.

Da vida de Barroso ha conscienciosa noticia em *Os Nossos Almirantes*, obra do illustre almirante Henrique Boiteux. Mostra este, de longe, quanto os dias de Barroso foram do oceano, tendo o inclito marinheiro o convez por soalho habitual de seus passos, o camarote por sua residencia preferida. Isto de aspirante e guarda-marinha, ou cadete do mar, a glorioso almirante.

No exame da vida dos grandes homens de todas as patrias, os biografos se detem no descrever-lhes infancia e adolescencia. Não conhecemos informaçao sobre Barroso menino e moço, menino vindo de Portugal ao qual não mais tornou, moço no Brasil, a servir-o como se sabe, bem e sempre.

Segundo Boiteux, Barroso rapazinho teve primeiros estudos no Rio de Janeiro, de livro e dicionario na aula de inglês do padre Tilbury, na travessa de S. Francisco de Paula.

A familia carioca, sabemos nós, Barroso, desde seus primeiros tempos no Rio, se afeiçoou, por ela estimado. Era a familia, de origem italiana, de Marcos José Armando. O chefe da casa mantinha loja de segeiro, com officina tão de credito que lá iam ter a reparos os luxuosos carros de gala da Corôa Imperial no precioso dos seus lavrados de talha e na riqueza de seus estofos.

Outrora as velhas amizades tornavam-se parentescos. O coração adotava sem formalidades juridicas. A familia Armando, Barroso fôra recomendado por amigos de Lisboa. Acolhido num lar digno, Barroso foi digno dele. De volta de suas viagens, para as pessoas da casa trazia presentes, com o valor da delicadeza na constancia do reconhecimento.

Vai provál-o sem mais palavras o seguinte convite levado a jornal, no domingo 16 de Junho de 1867. "D. Maria Raymunda Delduque Armando, seus filhos, genros, cunhados, sobrinhos e particulares amigos Dr. João Lesley, João Baptista Cosmelli e o chefe de esquadra Barão do Amazonas (ausente) rogão aos parentes e ás pessoas de sua amizade, o caridoso obsequio de assistirem ao enterro de seu muito prezado Esposo, pae, sogro, cun. ado, tio e particular amigo *Marcos José Armando*, boie, 16 do corrente, ás 10 horas da manhã, acompanhando o corpo, em carro, da sua residencia, da rua do Sacramento n. 6, ao Cemiterio da Ordem 3.ª de S. Francisco de Paula."

Ausente, a serviço do Brasil, Barroso era presente no dever da amizade parentesco enlutada.



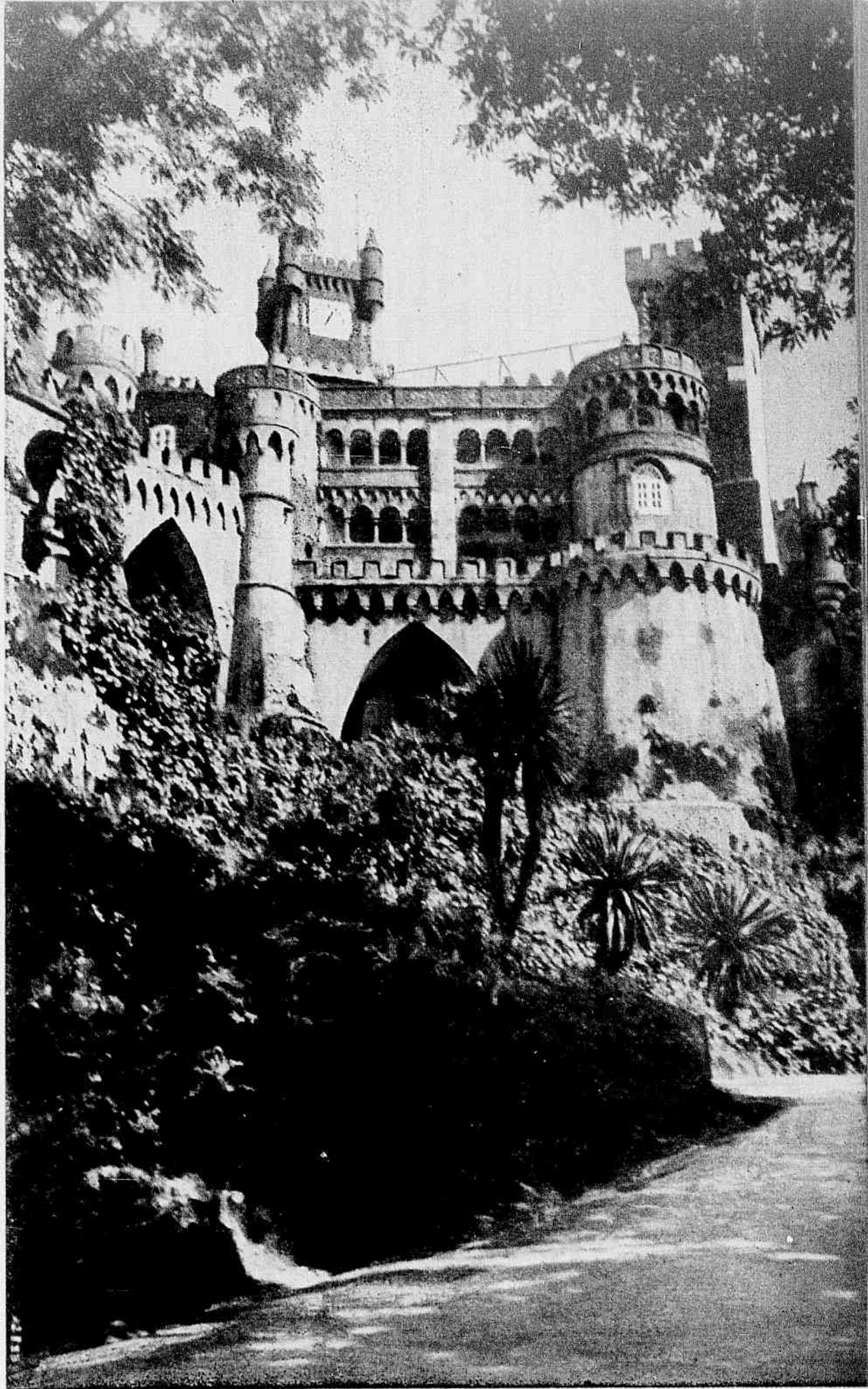
Tapete Mágico



Ao meio da praia de Longeline, perto do maravilhoso parque nacional de Copenhague a se-refrezinha de Anderson cisma uma lenta e longa cisma de amor e de saudade.

O corpo de bronze tem a frescura adolescente duma banhista de quinze anos. Tudo na deliciosa escultura é graça, poesia e beleza casta.

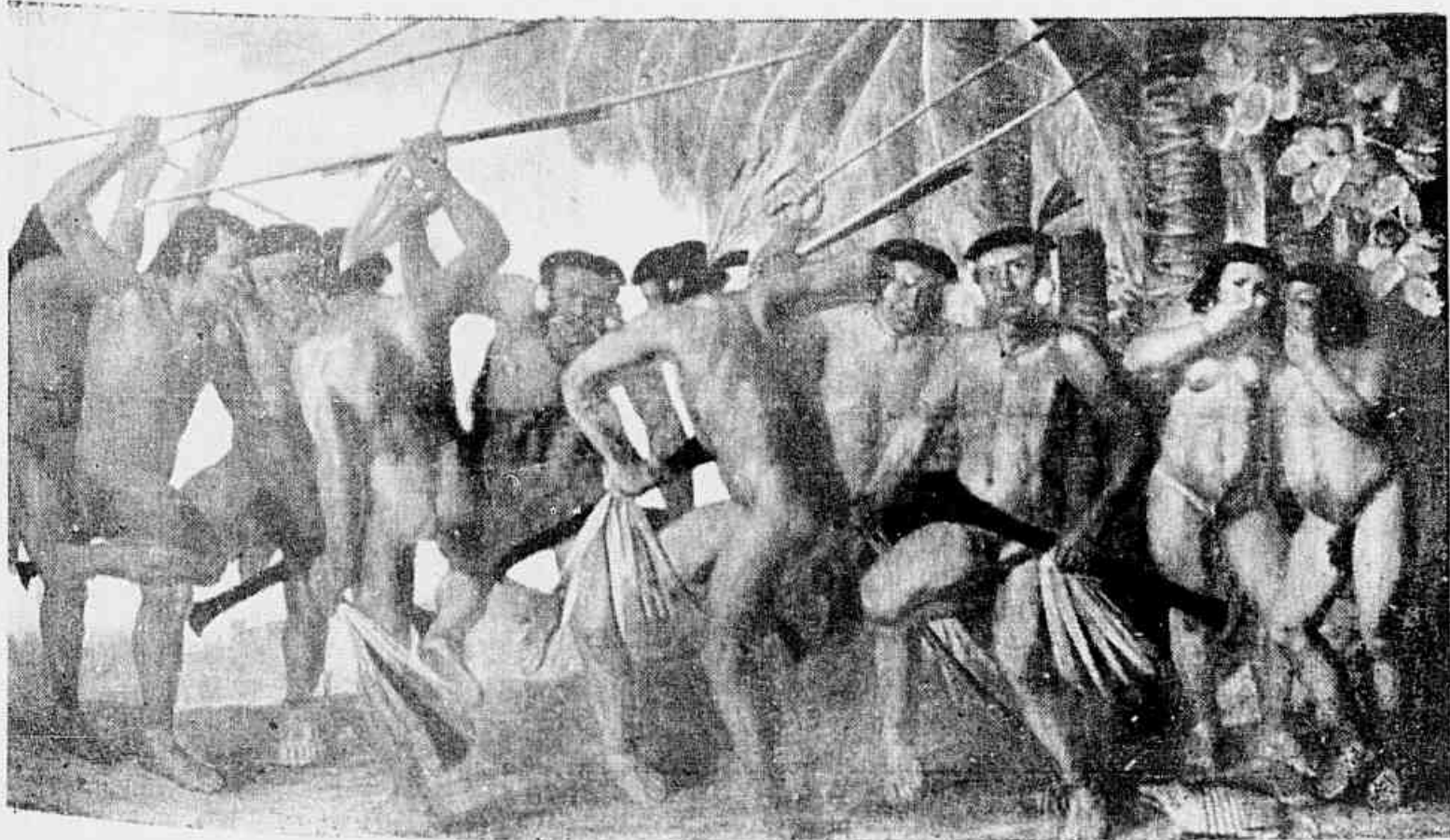
A onda que lhe canta ao pé do rochedo tem um sussurro de cantiga e de segredo atormentado. Nunca a imaginação dalgum artista foi mais leve nem mais sutil do que a do admirável evocador da figurinha dos contos de seu patrio imortal.



Sintra. Byron chamou a estas paragens encantadas "o novo Eden". Efetivamente, numa certa manhã de maio, com o sol doce por cima da serra verde, um vento que tem tudo de beijo, arrepiando a pele do turista, é a imagem que nos deixa o pedacinho de Portugal decantado por todos que o visitam.

No alto da encosta, o castelo real domina léguas e léguas de paisagem por onde alternam recostos de cerros macios e curvas de praias de ouro, Cascais, Estoril...O mar que se abre em leque entre as areias flamejantes tem um azul de pedra preciosa.

Depois duma visita ao castelo, miscelanea de todos os estilos correntes na provincia ibérica nestes ultimos quinhentos anos, não esquecer as famosas queijadinhas, dos amores da violenta mulher do Cruges, dos "Maia's"...



Albert Eckhout veio na comitiva de Nassau prender, na rede das suas côres, as nossas gentes e as nossas coisas do nordeste. Quando ele voltou ás terras frias da Europa, tiveram-no por doido, pois ninguém podia lá acreditar num país de verdade que tivesse um céu de tanto azul, um verde de mata igual ao dos seus quadros, semelhante plumagem dos pássaros voando nas suas paisagens?

No entanto, os índios que dansavam na sua lembrança ainda hoje servem de índice para muita sisuda cogitação de sociólogo. Aqui estão os simpáticos tapuias festejando á beira da panela um próximo petisco português de pôr água na boca...

NA PRAIA DE OLINDA

por MARIO SETTE

(Ilustrações de BERZIN)

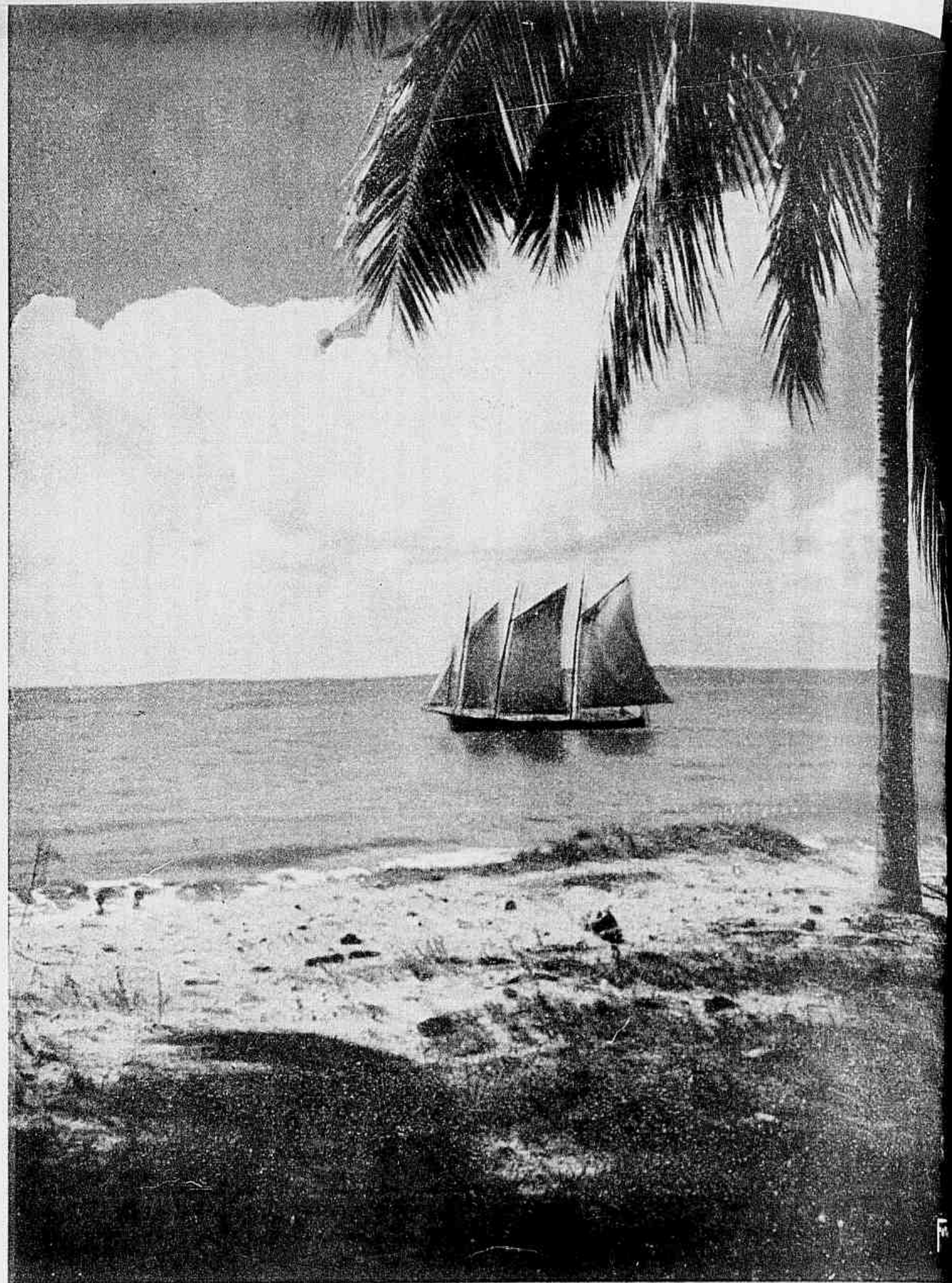
O mar que eu vejo aqui de casa é sempre o mesmo todo dia, neste verão que não lhe proporciona mutações sensíveis, mas nem por isso deixa de ser sempre para meus olhos uma novidade. Diariamente, ao abrir as janelas e olhá-lo parece-me vê-lo pela primeira vez. E vou para o tosco terraço desta casa de "passar a festa" com o alvoroço sadio e prazenteiro de quem se dispõe a desfrutar um quê de inédito. Céu, águas, horizontes, sombras, barcos, tudo se afestiva para um espetáculo de estréia. E, no entanto, a peça é das mais antigas do repertório do mundo. Que importa? Essa sensação de ineditismo quem a faz somos nós mesmos.

Aquela embarcação, de três velas, a navegar pouco longe da beira-mar, vento de feição e rumo seguro, poderá ser a mesma que ontem á tarde, ao escurecer, bordejava a custo a lutar contra o nordeste. Todavia, para mim, é uma barça nunca vista assim tão bonita, tão airosa, tão enfunada, tão agil no crespado das vagas... As jangadas, eu me acostumei a vê-las desde menino. Gostava de subir aos banquinhos das que repousavam nas praias, cheirando á maresia, ainda a enxugar dos vagalhões, para ter a impressão de ser também jangadeiro e de andar sobre esses paus flutuantes por onde passam os grandes vapores. Imaginava e desde então não aprendi muita coisa mais na vida... Nunca mais deixei de achar nas jangadas o colorido e o movimento de um dos mais belos poemas brasileiros. Quer elas estejam na areia dos cômodos, de velames encolhidos ou guardados, quer se situem á distancia de terra, como pontos brancos, indefiníveis, são deliciosas. Isoladas ou em grupos, pressurosas ou tardias, amaranando-se cada vez mais na porfia dos peixes em negaças ou rumando as praias com os samburás já cheios, que graça possuem as jangadas... Elas são no mar nordestino o ornato de festa e o simbolo de coragem. O estrangeiro, ao encontrá-las, ainda longe da costa, compreenderá melhor o sentido dos Guararapes... Nos seus rôlos de sustentação, elas se me afiguram vigilantes que nunca retiram as vistas do horizonte, firmes na defesa de sua terra e de sua gente. Jangadeiros, almas dos rompantes de bravura em face das tormentas de alto mar e das ternuras de amor diante da mulher que lhes concerta as rédes...

O mar nunca teve monotonia. E' uma história, é um preconceito. O mar é sempre novo. Até na cor das ondas que ora são verdes, ora são azues, ora são alvas, ora são pardas... Luminosas ou sombrias, encerradas ou françadas, límpidas ou turvas, compõem o cenário esplendido desse mar que vem á minha porta, num murmurio manso ou num bramido de furia, numa constante de agitação, de placidez, de fascínio.

E' o mesmo mar de minha infancia. O que me viu entrar nas suas águas, carregado e medroso, a principio, para depois confiante e alegre apanhar-lhe os mariscos com os pés acariciados pelas marêtas. O que me tornou a ver, adolescente, perlongando as curvas de areias enfeitadas de coqueirais e de cajueiros, sonhando com as promessas de um noivado. O que me vê agora trazer-lhe os netos, depois de haver trazido os filhos, para o inextinguível encanto de uma criança numa praia.

E ele, o mar, que não amanhecera calmo, está ficando mais baixo, está



aplainando o dorso, está tomando aquela fisionomia de doçura e de tranquillidade das marés de vasante de que os meninos tanto gostam porque não amedrontam com as ondas altas e descobrem as pedras para se apanhar "maria-farinhas"... Não faz medo. Quasi não é ouvido: o quebramento das pequenas vagas se torna um sussurro, assemelha-se a uma palavra dita ao ouvido, lembra uma canção de embalo:

"Dorme, dorme, meu filhinho,
Dorme, dorme, sosegado..."

Praia de Olinda. Tenho andado em outras praias. Admiro-as, demoro, fito-lhe as belezas, sorvo-lhe os aromas dos sargaços, descanso... Mas, não é Olinda, não é. Há aqui, para mim, esse particularismo sentimental e evocador que vive dentro de mim e explica de modo conclusivo e definitivo o motivo de nossas preferências...

As outras praias são praias. Esta é a praia de Olinda. Pômos-lhe os viventes de hoje e os viventes de outro...a. Nunca nos achamos sozinhos, mesmo nas horas de maior solitude, porque estamos com as nossas saudades. E as saudades na beira mar vicejam como as avenças á sombra. Nunca estou só. Nunca. Meu pai, na sua cadeira de lona, com seu paletó de sedapalha, eu o vejo ali, num fim de tarde, após o trabalho na cidade, a descansar um pouco, enquanto minha mãe, a seu lado, vigia meus passos.

— Não se molhe... Venha cá.

Obedeço. Molhou-se?... Há o receio da doença no filho unico. Meu pai põe a mão na minha testa. Não há febre, felizmente. Sento-me na areia, faço uma fortaleza...

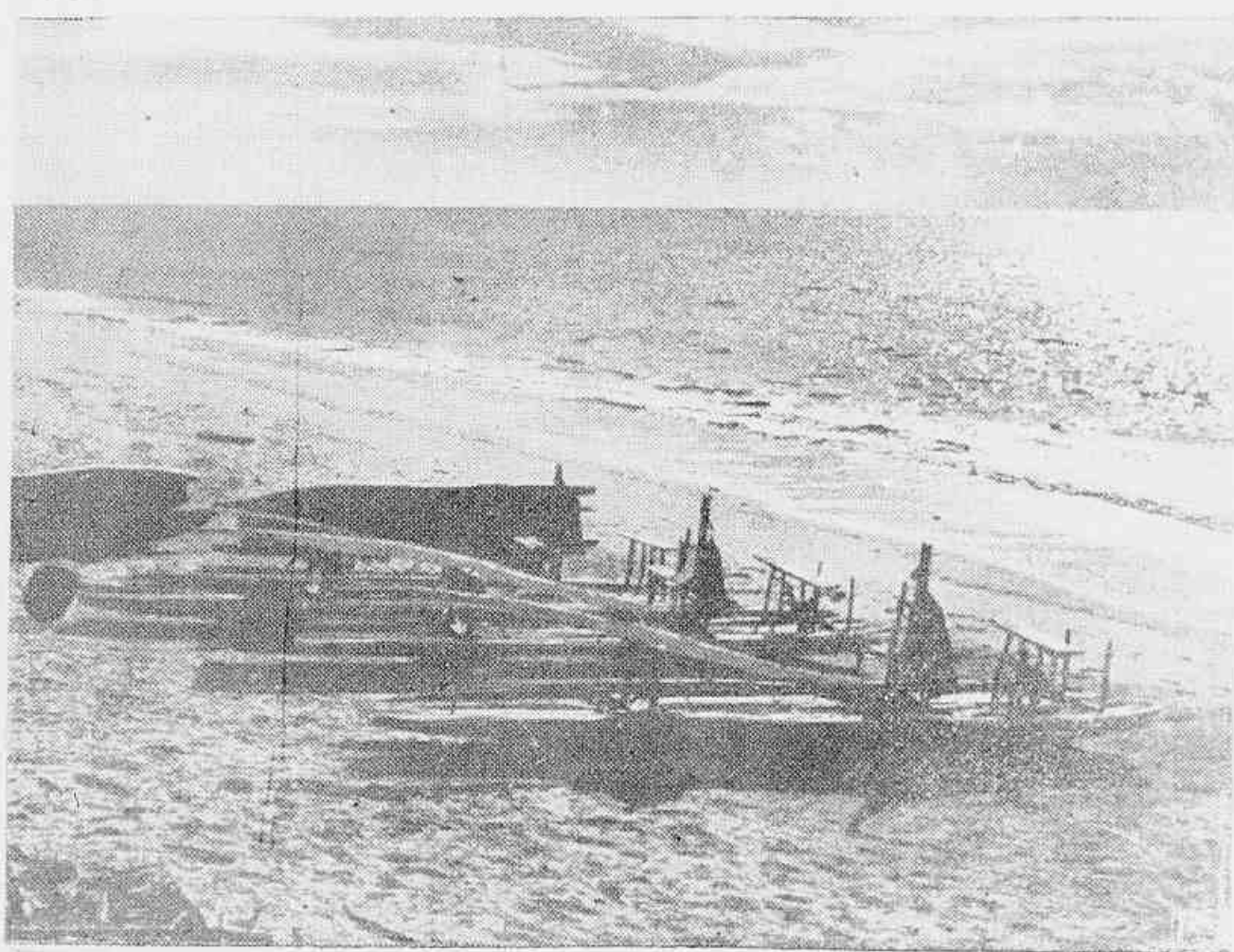
Nunca estou só. Nunca.

Praia de Olinda... Nascida de uma exclamação de gabo. De um fidalgo? De um lacaio? Divergem os cronistas na origem da frase louvadora. Que mal faz a nobreza ou a humildade do elogio si ele foi sincero e si a vila se fundou para grandeza do povo que a habitaria? Olinda...

Lá por cima há os campanários de azulejos nos coruchêos, há os nichos de imagens toscas e milagrosas, há os cruzeiros de pedra á receberem oferendas de flores e de velas. E' a fé.

Cá em baixo, são as jangadas e são as barças, velas tesas, prôas cor-tantes, rumos ousados. E' a Bravura.

Fé e Bravura fizeram Olinda. E Olinda é muito o Brasil.



Sarah Bernhardt



ERIA: centenario
no ano que vem.
A morte a levou
antes disso. Tam-
bem já deixo muito a vida
em superflua para ela.

A divina Sarah.

O público ba de acom-
panhar-lhe a memória para
sempre.

Foi a grande voz de
tudo do teatro universal,
que ela encenou durante
muito do século.

Sua legenda *Quand mè-
me* — foi o pencho que
carregou consigo, tão alto
como o de Cyrano, seu ar
não de sonho e de vida
na realidade.

Não aceitou nenhum
desafio.

Nascida sob o reinado
de Luís Felipe, representou
nas Tuileries, para Napo-
leão III e viveu para re-
presentar diante dos ho-
mens que assinaram o tra-
tado de Versalhes.

Em 1872, Victor Hugo ajoelhava diante dela, que acabara de interpretar a
Rainha da Espanha em seu *Ruy Blas*; beijou-lhe a mão e disse "Obrigado, obrigado!"

Em 1922, estava ensaiando uma nova peça, escrita pelo jovem Sacha Guitry,
quando desmaiou e foi obrigada a abandonar seu papel, tres meses apenas antes de
sua morte.

Resignando à *Comédie Française*, em 1880, sob uma odiosa campanha da im-
prensa, e intimada a pagar uma fabulosa multa, abandonou Paris, desmoralizada,
para voltar um ano depois, com um renome universal.

Os parisienses davam-lhe uma adoração intermitente. Numa de suas fases de
impopularidade, estreou no papel de *Fedra*, a parte mais estupendamente represen-
tada até hoje por qualquer atriz francesa; noutra, quando tinha sessenta e seis anos,
encenou o papel de *Duque de Reichstadt*, no *Aiglon*, de Rostand. E nas duas
vezes o público se penitenciou de sua infidelidade e a elevou aos pináculos, num im-
peto de veneração.



Ela não temia representar ao lado de grandes figuras, como Lucien Guitry
e Réjane, nem emprestar seu próprio teatro a Eleonora Duse, sua mais próxima
rival durante vinte e cinco anos.

Representou diante de todas as côrtes da Europa, como numa tenda do Texas,
para os *cow-boys*.

No Rio, os estudantes tiraram-lhe os cavalos da carruagem e a levaram em tri-
unfo pelas ruas da cidade.

Aos setenta e nove anos, rompeu as prescrições medicas e fez um filme. Tres
dias antes de morrer, ainda podia exclaimar: "Como me sinto feliz, trabalhando!"
Quand même.

Neste retrato de Bastien Lepage, vemos a grande figura do palco, em sua mocer-
dade. A xilografia, de Cha Bauve, é um maravilhoso trabalho de devoção artistica,
como dos antigos ourives medievais, bem digno do objeto de seu culto.

AS MIL E UMA NOITES

O deslumbramento das lendas de Scheherazade, os versos sensuais de Omar Kayan, os poemas fatalistas de El Montennebi, o maior cantor do Islam; os acordes dolentes da "darkoubah", a dança lasciva das filhas do Hedjaz e o deslumbramento do leilão de escravos, tudo está exposto admiravelmente nesse filme em technicolor que Walter Wanger produziu para a Universal. Além disso a beleza estranha e latina de Maria Montez, por si só bastaria para o êxito dessa produção. De fato, conquanto o trabalho a "spanish-glamour" não tenha nada de excepcional, porque o próprio entreccho cinematográfico não requeria nenhum talento bettydavisniano — Maria Montez conquistou o público.

A sua beleza não é a fria e perfeita da Lamarr. Antes, assemelha-se a de uma Galatéia animada da paixão humana. Vestida (?) nos maravilhosos trajes árabes, recoberta de pedras preciosas, movimentando-se com gestos ondulantes aprendidos nas dunas do deserto e na altiva elegância de uma tamarreira. E contemplando-a somos levados a pensar — com que tristeza! — nos versos do poeta persa sobre a vida efêmera das rosas. Entretanto, apesar da grandiosidade dos cenários, do porte apolíneo de John Hall (Harum Al

Raschid), do trabalho convincente de Billy Gilbert e desse extraordinário artista que é Sabú, de certa maneira, a gente se decepciona com o filme. Dizemos, de certa maneira, por que a decepção se manifesta em relação ao enredo. Todos *pensam* que vão assistir à reconstituição do drama que levou Scheherazade a contar ao seu cruel esposo durante mil e uma noites consecutivas, todas as lendas árabes conseguindo, por



fim, a transformação do seu caráter e a consequente felicidade conjugal. Todos nós, na infância nos



deliciamos com as histórias que se seguiam.

Nas lendas da princeza Schehe-

lar poderia ser assinado por um humorista gênero Mark Twain ou Will Rogers e intitulado: "Um yankee na corte de Harum Al Raschid". O yankee poderia perfeitamente ser o Billy Gilbert, por sinal estupendo, nessa película. Mas, passando o quadro do harem americanizado, forçoso é confessá-lo, muitas e deliciosas surpresas nos estão reservadas. Cenários suntuosos em ótimo technicolor, sequências movimentadíssimas e a imponência da dança nupcial levam o espectador — num retrocesso miraculoso no Tempo — a caminhar pelos afares da Legenda. Esse, a meu ver, é o maior mérito do filme, quase tão grande como o atingido por aquela magnífica produção inglesa que foi o "Ladrão de Bagdad" tida por uma das maravilhas que o cinema já produziu. É bem verdade que nas *Mil e uma noites* (Universal) não há nenhum daqueles belos e profundos diálogos eivados da filosofia da vida que se encontram no "Ladrão de Bagdad". Mas aquela é outra lenda, lenda que poderia ser quase realidade, sem "diâns" ou encantamentos, sem feiticeiros ou lâmpadas. É um poema colorido num "Jardim de carícias" cuja maior atração é dada pela beleza de Maria Montez.

Leilando-a, ao terminar o filme pensamos — com que tristeza — nos versos do poeta persa sobre a vida efêmera das rosas.

Pensamos até que a saída um adolescente comentou citando Franz Toussaint: "Seu corpo deve ser como a boca cerrada cujo beijo pode causar a morte. Ela se parece com o fruto vermelho de ghedma, que cura as feridas do fogo e derrama uma indescritível melancolia".

Sera mesmo?



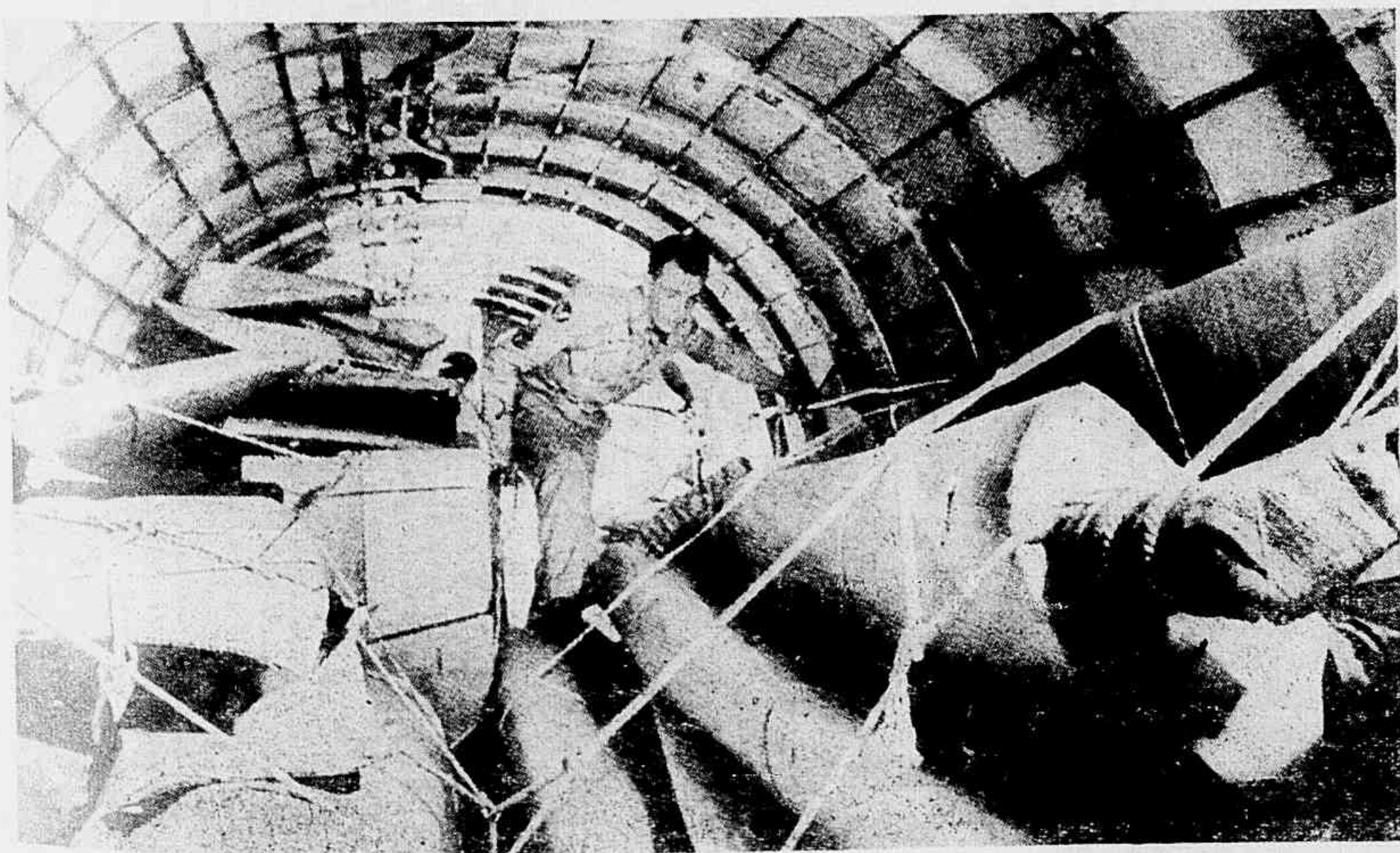
razade sorvemos as primeiras lições de filosofia e da religião de Maomé. E muito mais: sociedade, costumes, culinária, vestuário e mitologia árabe. Aprendemos a exclamar: "Mactub" — a expressão mais fatalista do fatalismo mussulmano — quando a sorte era adversa ao personagem da história, ou "Deus seja louvado", quando algum bom mercador conseguia enganar o genio mau. Assim aprendemos a amar Scheherazade e esperavamos a cada instante que o cruel califa concedesse o perdão e a vida àquela cuja memória prodigiosa oferecia tantos momentos de harmonia e encantamento. As *Mil e uma noites*, portanto eram as próprias lendas de Scheherazade e delas a mais fascinante, sem dúvida, era a da própria princezinha, que as contava.

O film começa muito "à la Hollywood" tanto que ao em vez de uma reconstituição dos contos árabes julgamos que o seu desenro-

Cargueiros aéreos



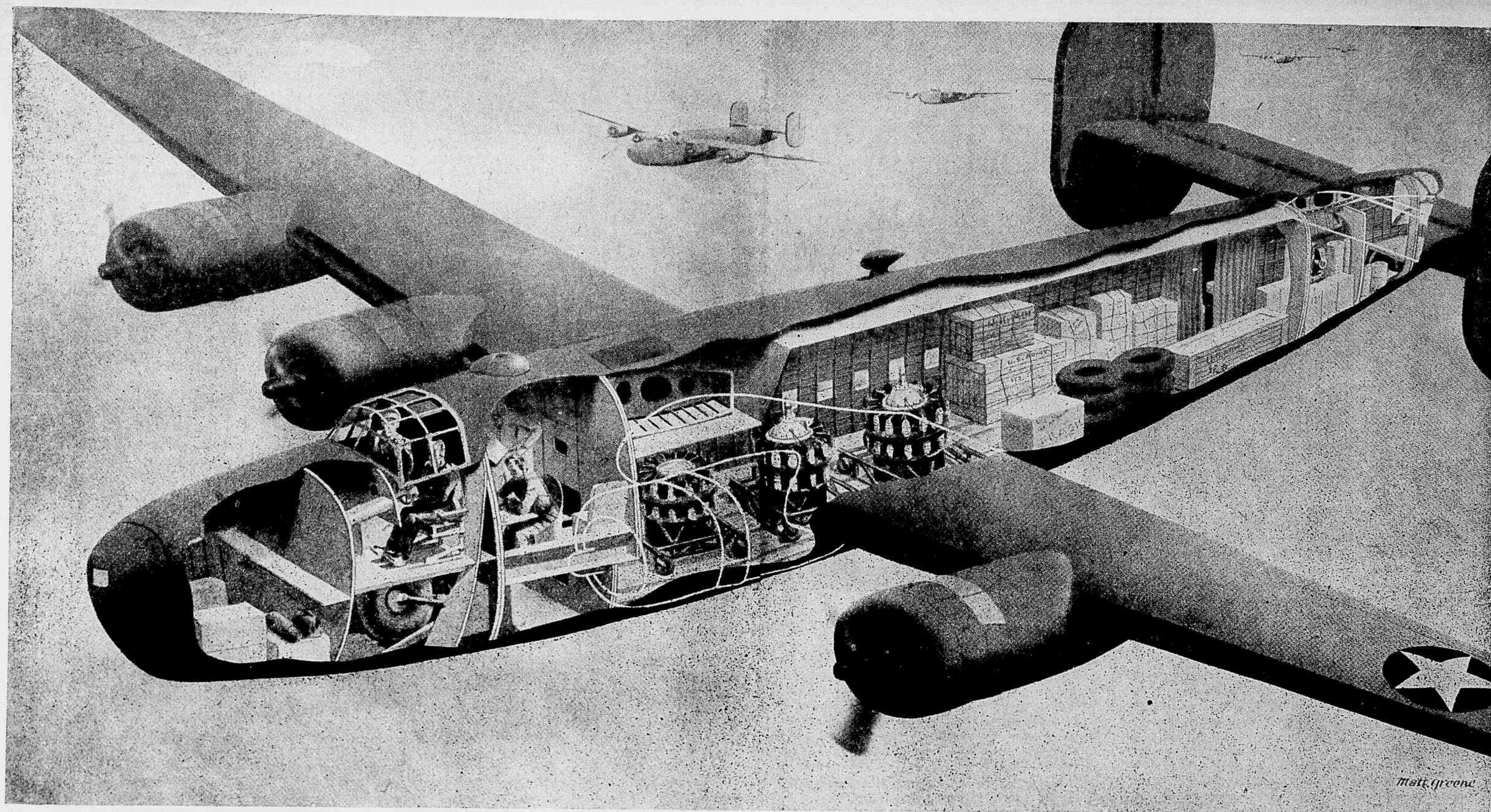
Acima das altas montanhas de Guatemala, ronca este transporte aéreo do exército americano, tipo C47, no rumo do Panamá.



Um oficial das forças aéreas passando por cima duma carga de tanques de gás e pedaços de asas de aeroplanos. A maior parte dos transportes aéreos atuais compõe-se de antigos aviões de passageiros, adaptados ao uso militar.

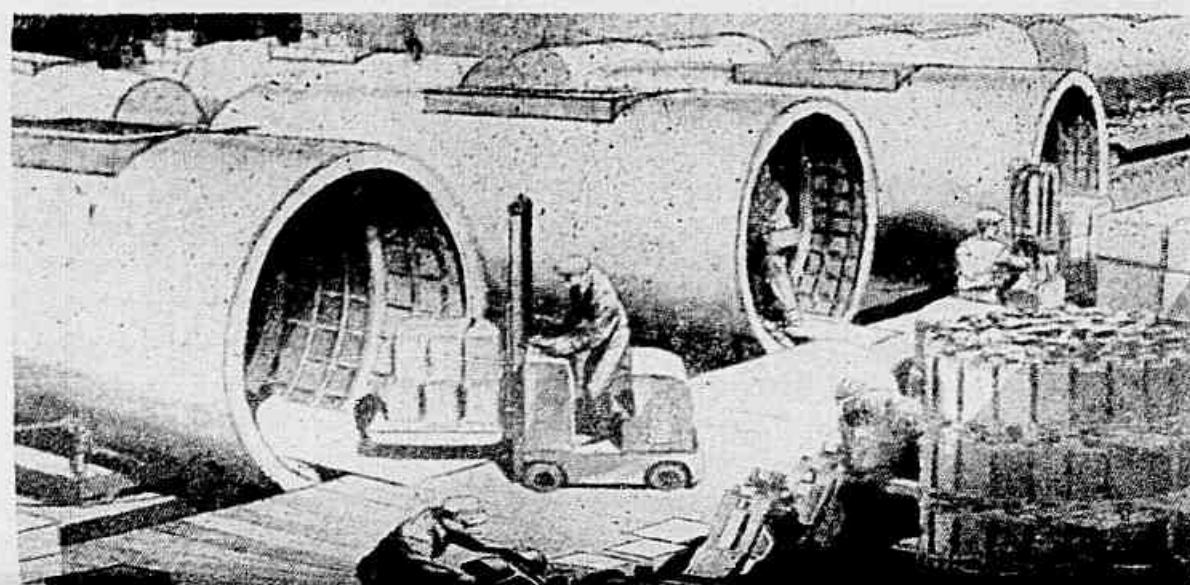
A conquista do ar ainda não está completa. A guerra tem sido o mais decisivo fator de progresso e de inventiva no uso do transporte aéreo. Antes que termine esta campanha mundial teremos de ver seguramente ainda qualquer coisa de novo e de sensacional no que diz respeito aos mais pesado que o ar.

O grande problema que os técnicos principalmente americanos veem procurando resolver urgentemente é o de utilizar as rotas aéreas para o transporte de cargas pesadas, munições, máquinas de guerra e pessoal, em larga escala. Atualmente, nem os navios nem os aeroplanos são deveras eficientes. Os navios são lentos e os aviões consomem muita gasolina e carregam muito pouco material. Muito já se tem feito nesse sentido, e não só do lado dos aliados como dos alemães se sabe que verdadeiros comboios aéreos estão sendo utilizados principalmente para o transporte de tropas.



Um bombardeiro B 24 convertido em transporte. O lugar do bombardeiro na prôa é ocupado pela carga. O corpo do avião pôde ser cheio de carga, maquinismos, munição ou pessoal, como for necessário, pois nele podem ser instalados assentos de emergência.

O grande entrave da carencia do combustível, requerido para essa especie de navegação, tem levado os técnicos aliados a procurarem suprir semelhante obstaculo empregando gigantescos planadores, guiados por um aeroplano "madrinha", formando

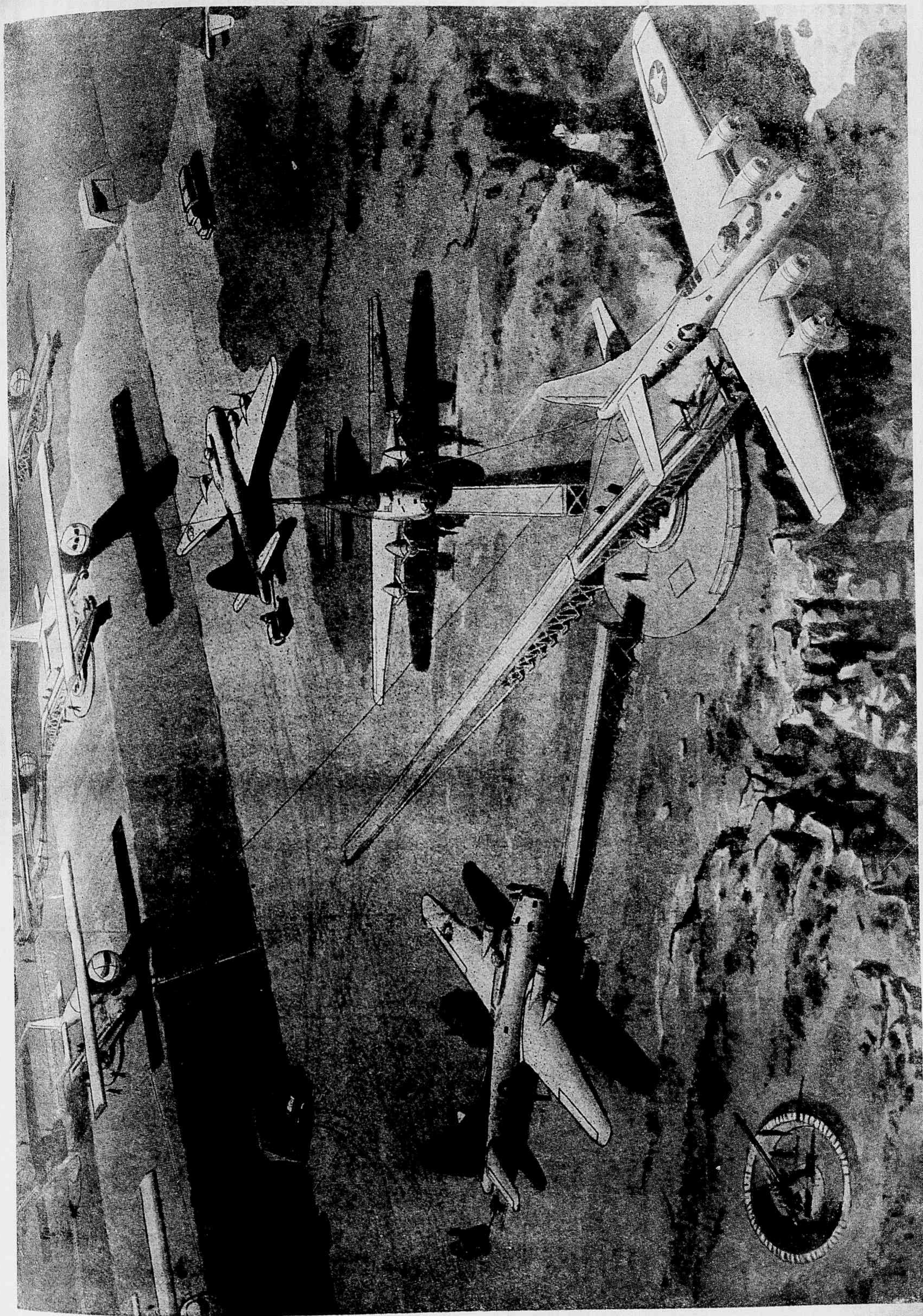


Os planadores são carregados, diante das fábricas. Com uma carga de dez toneladas, os planadores são dirigidos para o campo em cima de estrados de rodas.

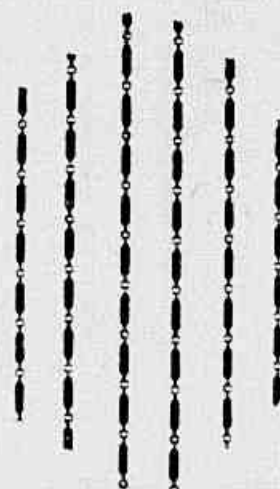
comboios regulares, para rotas transatlânticas de extensão ainda não atingida.

Nas fotografias e desenhos destas paginas, vemos aviões de carga de longo curso e o projeto para a formação de comboios de planadores.

Em baixo — Catapultas lançam simultaneamente três deslizadores e o avião que os reboca. As catapultas dos deslizadores são mais altas do que a do avião, permitindo-lhe tomar altura para subir. Baterias antiaéreas defendem as catapultas e os aviões.



JOCKEY CLUB MUNDANO



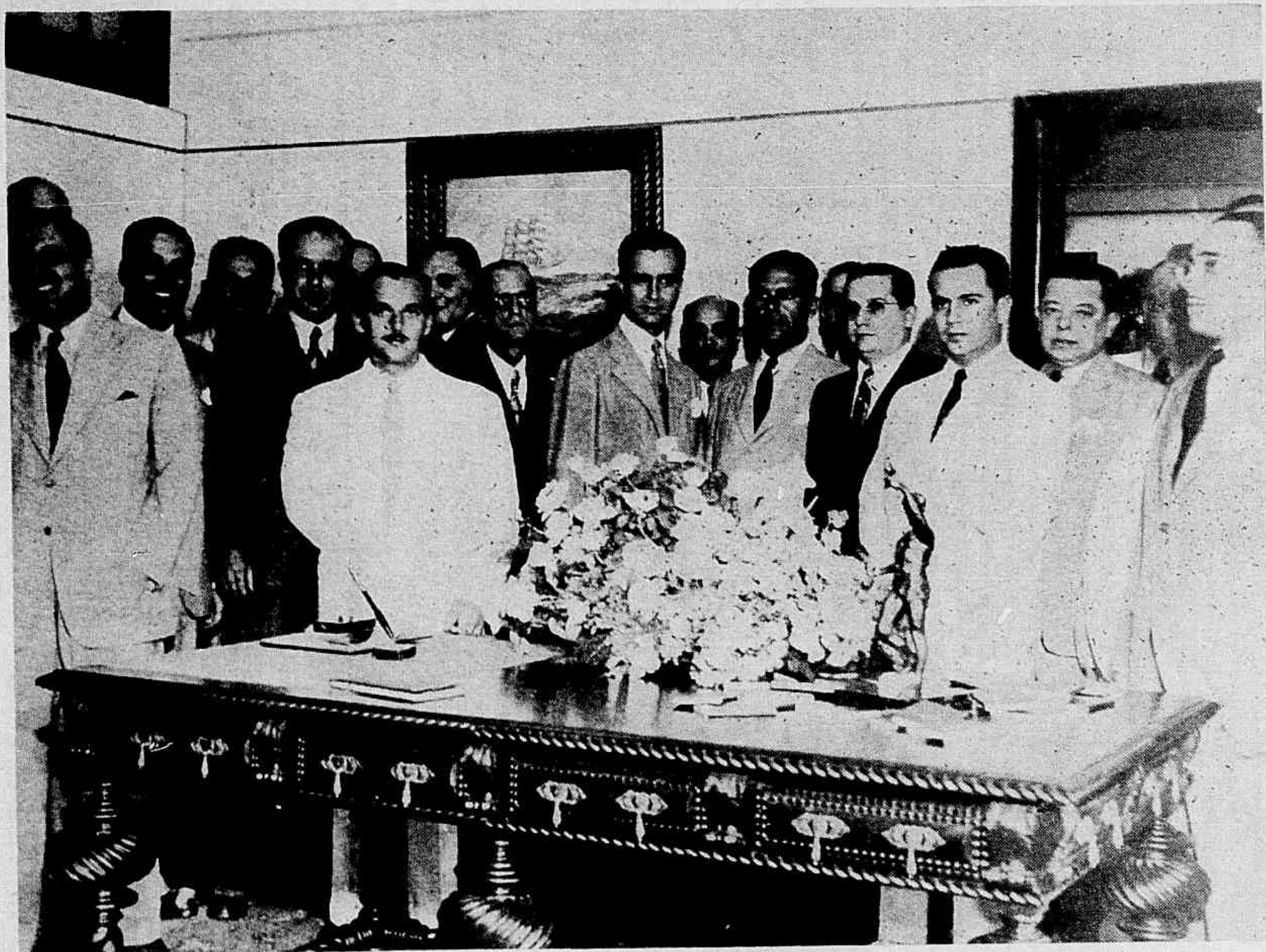
As corridas de domingo, quer pelo interesse despertado pelos páreos em si, quer pela seleta assistência que compareceu ao prado da Cávca, marcaram, sem duvida, o maior acontecimento social e esportivo da semana.

Durante a elegante reunião turfística, o nosso reporter fotográfico co-lheu, nas tribunas e na "pelouse" do hipódromo do Jockey Club, os instantaneos que aqui estampamos.

Mais uma iniciativa simpática de um grupo de idealistas

A inauguração da "Rio de Janeiro" Cia. Nacional de Seguros Gerais

Repercutiu com grande simpatia a inauguração, a 20 do corrente, da "Rio de Janeiro" Companhia Nacional de Seguros Gerais, mais uma iniciativa patriótica de um grupo de idealistas que se vem destacando pelas suas realizações de grande alcance social. A "Rio de Janeiro" Companhia Nacional de Seguros Gerais, que vai operar nos ramos de seguros de incendios, terrestres e marítimos, e que tem sede nesta Capital à avenida Rio Branco n. 91, 6.º andar, e filial em São Paulo à rua 15 de Novembro n. 244, 4.º andar, Edifício Canadá, possui uma das mais adeantadas organizações e conta com o apoio de firmas apontadas entre as de maior prestígio comercial, industrial e financeiro. A sua primeira diretoria ficou assim organizada: dr. Manoel Mendes Batista da Silva, diretor-presidente; dr. Bartholomeu Anacleto do Nascimento, vice-presidente; dr. Mario Guimarães Reis, diretor-secretario, e dr. Frederico Radler de Aquino Junior, diretor-superintendente. O Conselho Fiscal compõe-se dos seguintes nomes: dr. Gastão Vidigal, dr. Joaquim da



Flagrante em que aparecem diretores da "Rio de Janeiro" Companhia Nacional de Seguros Gerais e alguns dos convidados que compareceram ao ato inaugural.



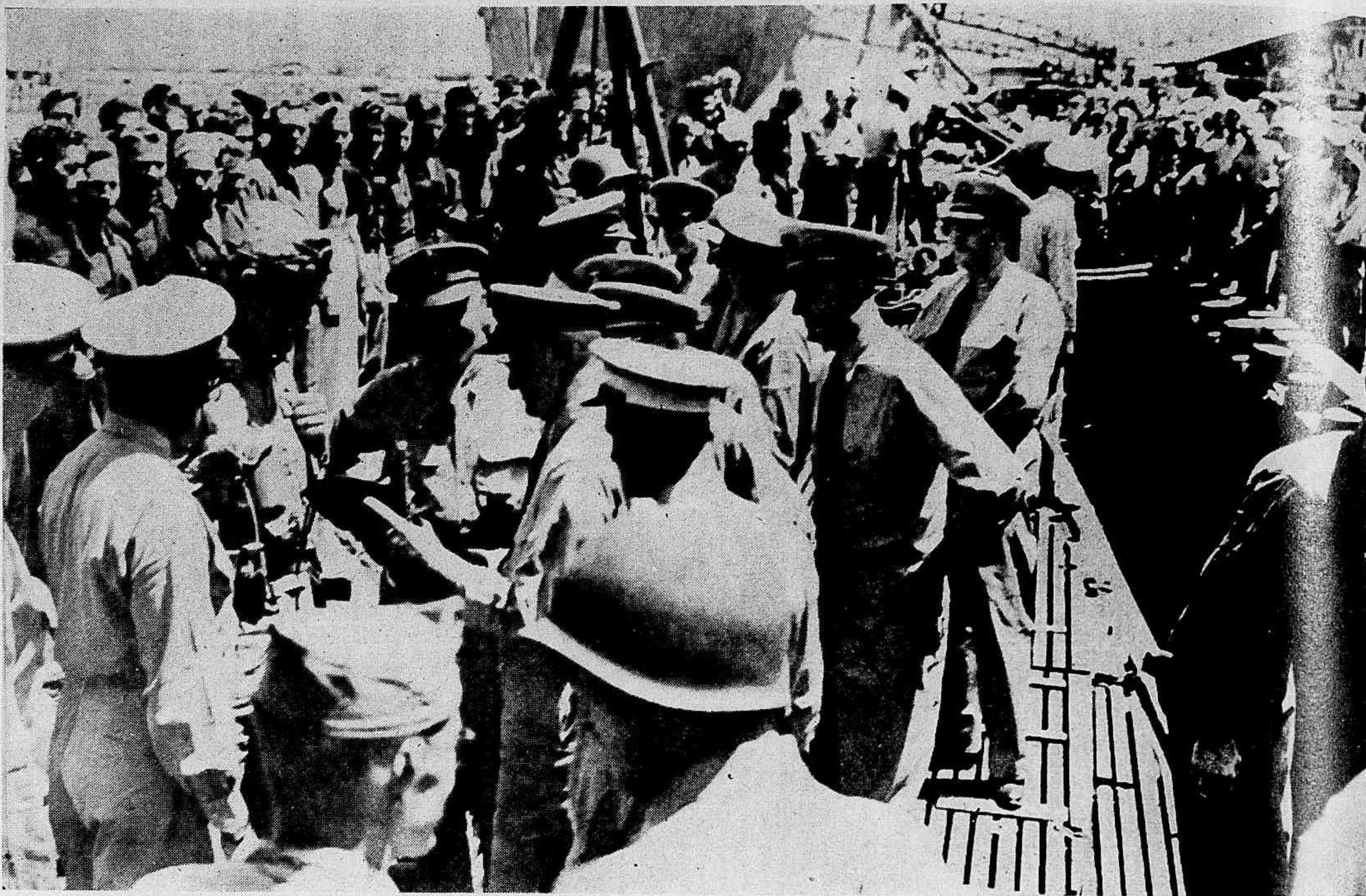
O dr. João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, assina o livro de presença, no ato inaugural da "Rio de Janeiro" Companhia Nacional de Seguros Gerais.

Silva Peixoto, dr. Virgínio Velloso Borges, sr. Fernando Pessoa de Queiroz e sr. Luiz Severiano Ribeiro. Os nomes que compõem a primeira diretoria da "Rio de Janeiro" Companhia Nacional de Seguros Gerais, são, por si sós, suficiente garantia de que a novel organização alcançará o mais completo êxito.

O ato inaugural, que se verificou às 15,30 horas do dia 20, mereceu a presença de altas autoridades e de pessoas de grande evidência na sociedade, no comércio e na indústria, tais como o dr. João Carlos Vital, presidente do Instituto de Resseguros do Brasil, representantes dos Ministerios do Trabalho, Fazenda e Agricultura, da Associação Comercial, do Sindicato dos Corretôres de Seguros e do Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro, do comandante do Corpo de Bombeiros, gerente do Banco do Brasil, diretores de varias companhias de seguros do Rio e de São Paulo, de Bancos, representantes da imprensa, além da presença pessoal de altas patentes do Exército e da Marinha.

Ação fulminante dos fuzileiros americanos contra a ilha Makin

(Fotos especiais da INTER-AMERICANA)



Rodeado pelos fuzileiros e oficiais que participaram da feliz incursão contra a ilha Makin, o almirante Chester W. Nimitz, comandante-chefe da frota do Pacífico, cumprimenta o coronel Evans F. Carlson e seus comandados pelo brilhante feito que acabam de realizar.

Uma das mais notáveis façanhas dos fuzileiros americanos foi o ataque recentemente realizado por um punhado de homens corajosos contra a ilha japonesa de Makin, afim de destruir uma base de hidroplanos inimigos. Desembarcando de um submarino dos Estados Unidos, esses fuzileiros dominaram a guarnição nipônica, matando mais de 80 soldados inimigos, retirando-se depois de atingidos todos os seus objetivos. Nesta série de fotografias, vemos alguns flagrantes da feliz ação dos bravos defensores da civilização.



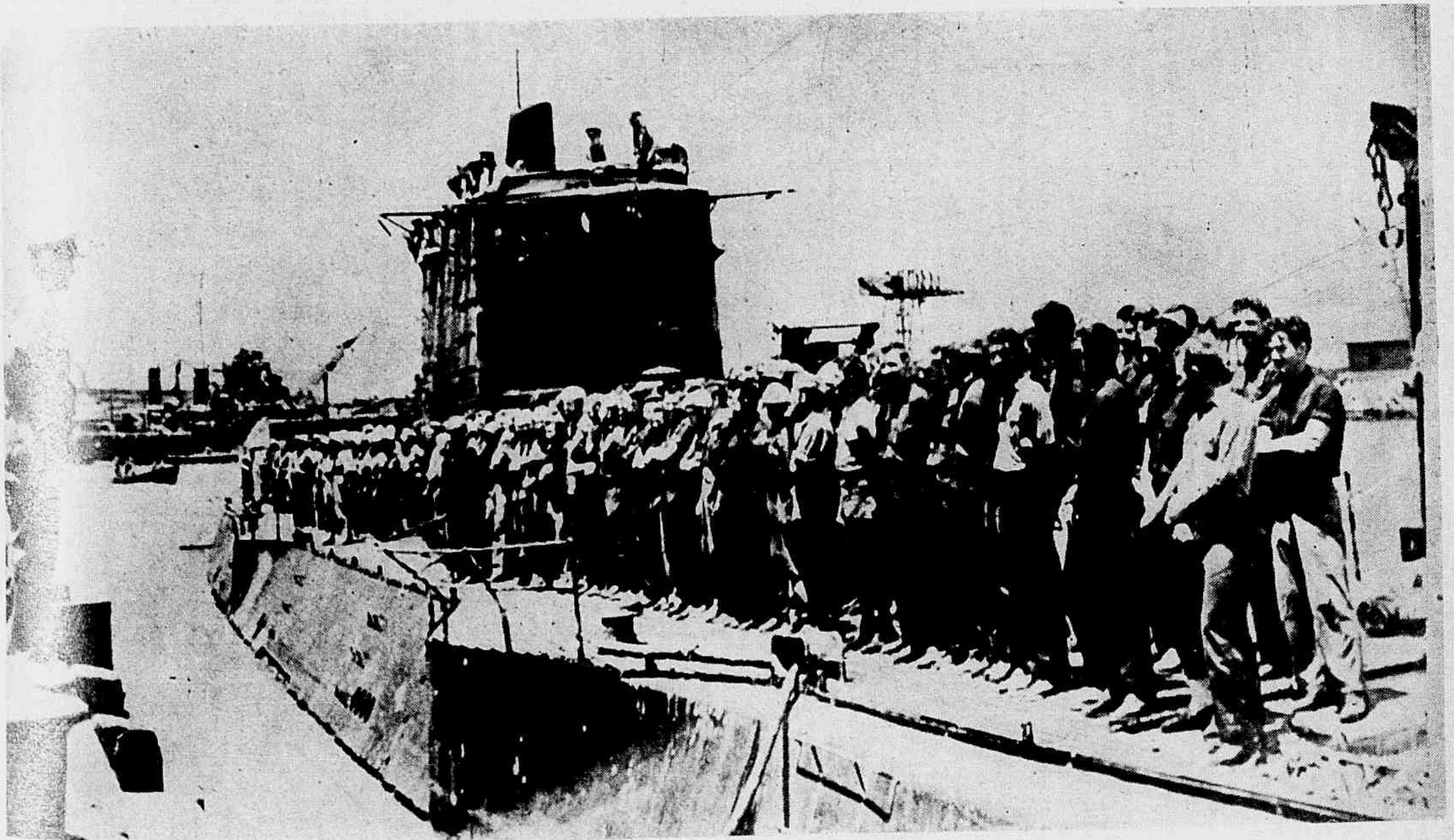
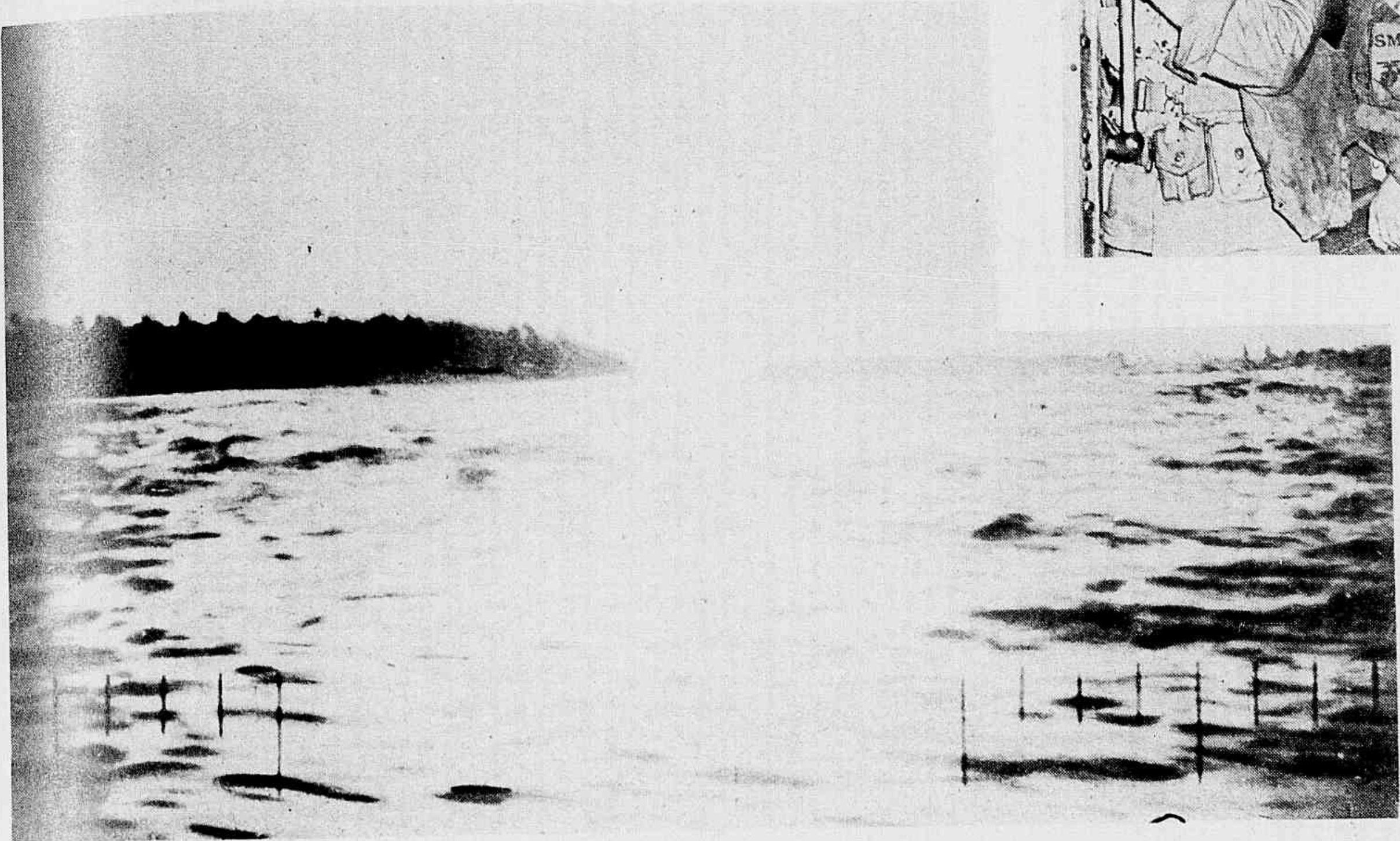
Vigorosos e decididos, estes dois fuzileiros americanos preparam-se para desembarcar de um submarino que os conduziu até à ilha Makin, afim de realizar um ataque de surpresa contra os japoneses.



Depois do ataque de surpresa contra a ilha Makin, o coronel Evans F. Carlson, à esquerda, comandante do destacamento de fuzileiros que realizou a incursão, o major James Roosevelt, filho do presidente Roosevelt, e o tenente John R. Pierce, comandante do submarino que conduziu os fuzileiros americanos até ao seu objetivo, discutem os felizes resultados da corajosa expedição.

Através o periscopio do submarino americano, distingue-se perfeitamente a costa da ilha Makin. Pouco depois, este submarino emergiu, canhoneou as instalações da ilha e desembarcou os fuzileiros designados para a importante missão.

Atingidos os seus objetivos, que eram a destruição de uma base de hidroplanos japoneses na ilha Makin, esses fuzileiros americanos regressam para bordo do submarino, trazendo consigo varios troféus de guerra, inclusive um fuzil.

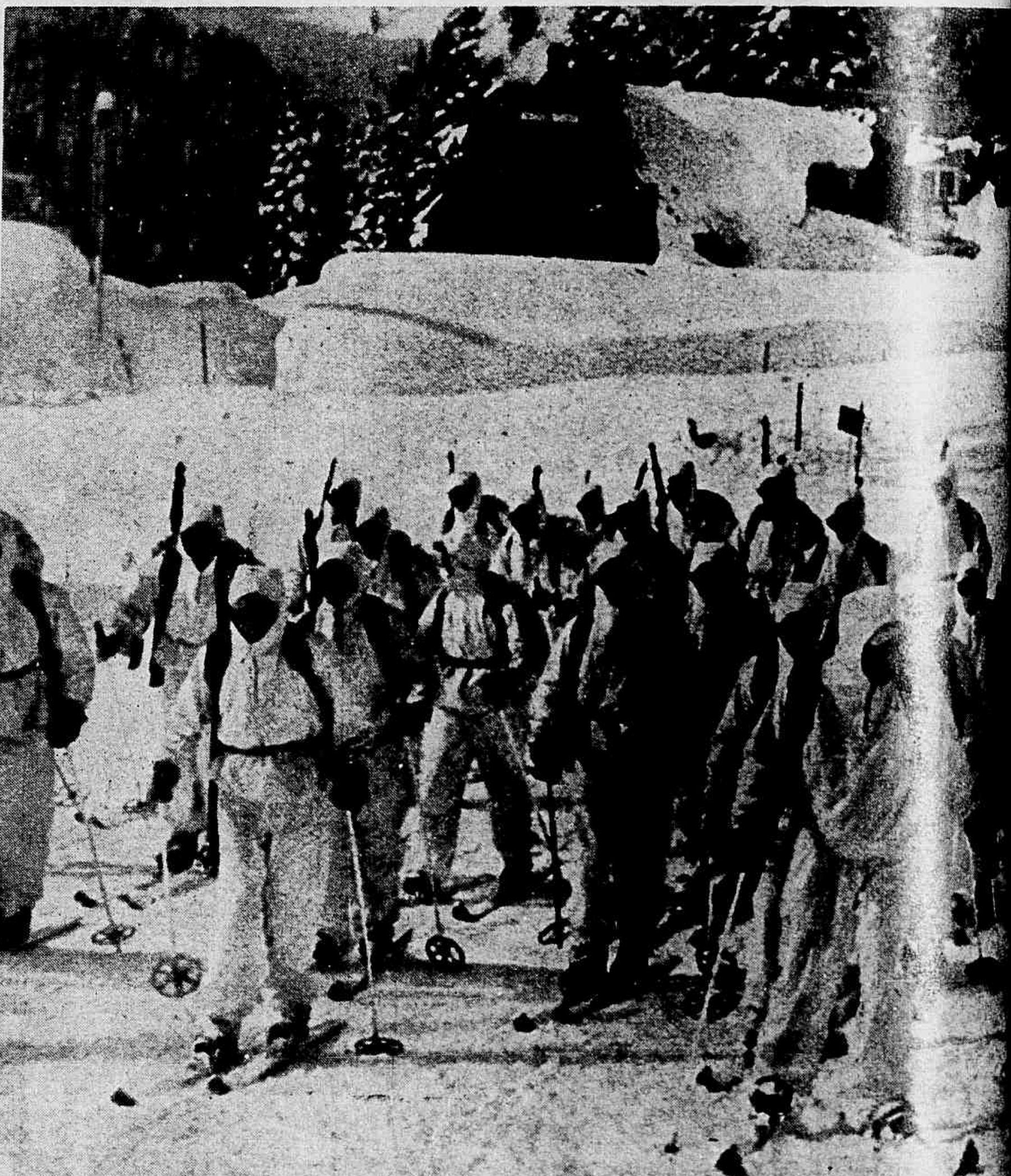


Fuzileiros americanos alinham-se no convés do submarino que os conduziu em seu ataque de surpresa contra a ilha Makin, ao regressarem à sua base na alguma ilha do Pacífico. Os oficiais, na torre do submarino, aguardam a palavra de seu comandante-chefe no Pacífico, almirante Chester W. Nimitz.

AS TROPAS DE SKIADORES AMERICANOS PARA DERROTAR O INIMIGO NO COM

Com o seu Howitzer instalado numa posição estratégica, estes artilheiros aprestam-se para iniciar os exercícios de tiro.

Completamente equipado, este skidor americano faz uma exibição de suas habilidades.



S ADESTRAM-SE ENTE EUROPEU

Fotos da INTER-AMERICANA

A mais nova das unidades de especialistas do exército americano, os skiadores, isto é tropas adestradas para a luta nas montanhas e nas regiões nevadas, tem a seguinte divisa: "Escalamos para Conquistar". Num vale situado a mais de 2 milhas acima do nível do mar, nas Montanhas Rochosas, os skiadores americanos estão aprendendo todas as táticas e as dificuldades da guerra nas montanhas. Aprendem eles a viver e lutar sob um frio terrível, e a dormir dentro de fragatas de campanha sob uma temperatura muitos graus abaixo de 0. Quando se torna necessário, esses homens, com suas mulas e seu equipamento, transpõem abismos gigantescos, com o auxílio de cabos e bondes aéreos. Estas fotos nos mostram alguns fragmentos do treinamento dos skiadores americanos.

fazendo uma curta pausa na escalada, este skiador prepara-se para vencer a última etapa de sua ascensão.

Em baixo: Um pelotão de skiadores. No retângulo: Os membros do serviço de comunicações dos soldados montanhenses americanos entram em contacto com um posto de observação, situado num pico 1.500 pés acima do nível do mar.





Senhorita Vitoria Issa, da sociedade carioca.

NOTICIARIO ELEGANTE

Senhoras:

D. Sílvia Moncorvo; d. Anaide Tau-maturgo Marchese, esposa do sr. Carlos Marchese.

Senhores:

Lourival Teles de Menezes; dr. Francisco Sales Malheiros; jornalista Hugo Barreto; Alberto Gonçalves Teixeira; Oto Serpa Granado, da firma Granado & Cia.

4 — Senhoras:

Baroneza de Pinto Lima; d. Laurinda Santos Lobo; d. Maria de Souza Dantas, esposa do sr. Rodolfo de Sousa Dantas; d. Cordélia Fontes, esposa do sr. Carlos Fontes; d. Marina Wanderley Ribeiro, esposa do tenente Paulo Cesar

Ribeiro; d. Maria Bezerra da Silva, esposa do sr. José Apolonio da Silva.

Senhores:

Dr. Paulo Ramos, interventor federal no Maranhão; dr. Pedro Brando, superintendente das empresas Henrique Lage; dr. Elmo Savão de Bustamante.

5 — Senhores:

Dr. Oscar Alves, dr. Antonio Souto Castagnino; dr. Luiz Simões Corrêa; dr. Porto da Silveira; dr. Carlos Domingues.

6 — Senhora Haydée de Castro Amara; sr. João de Assis Castro.

Senhorinha Maria Rodolfo.

7 — Senhorinhas:

Beatriz, filha do dr. Luiz de Araujo



Senhorita Maria Julia Sande, rainha do Tiro de Guerra n.º 9 de Uruguaiana.

Aniversários:

1 — Senhorinhas:

Eley, filha do sr. Walter Navarro da Fonseca.

Senhoras:

D. Hilda de Carvalho Pareto, viuva do dr. José Vitorio Pareto Junior; d. América Ramos, esposa do tenente-coronel Aristarco Ramos.

Senhores:

Eugênio Marcelo Taylor; Casemiro Mendonça; Avelino Gomes de Castro; Arlindo Muniz da Silva; João da Costa Gonçalves.

2 — Senhoras:

D. Lucília Carvalho Freire, esposa do dr. Gustavo Freire; d. Madalena Carvalho Ribeiro, esposa do comte. Leôncio Vidal Ribeiro.

Senhores:

Dr. Pedro Vergne de Abreu; dr. Atílio Carlos Peixoto.

3 — Senhorinhas:

Maria da Conceição Duarte, filha do industrial Sebastião Duarte.



Senhorita Iolanda Pignataro, rainha da S. B. União Caixeiral de Uruguaiana. — Ao seu lado encontra-se sua irmã senhorita Carmen.



Pena; Maria Helena, filha do dr. Artur Reis.

Senhoras:

D. Odete Barcelos, esposa do sr. Hermano Barcelos; ministro dr. Gilberto Amado; embaixador Paulo de Moraes Barros; gal. Júlio Caetano Horta Barbosa; tenente-coronel José Estanislau Barbosa da Silva.

Grupo tirado no terraço da A. B. por ocasião do chá realizado pelo "Clube das Mulheres Jornalistas" e oferecido a seus amigos como homenagem à data natalícia do presidente Getúlio Vargas. Nessa ocasião foi inaugurado um belo trabalho em bronze representando o busto do Presidente, obra do jovem escultor A. Schnoor.

A INAUGURAÇÃO DA CASA CABANAS



Um auspicioso acontecimento para a Praia do Flamengo foi, sem dúvida, a abertura, à tarde do último sábado, da Casa Cabanas, no n.º 122 daquela praia, luxuoso estabelecimento para a venda de bebidas e comestíveis finos. Quebrando-se uma injustificável tradição, qual a de não ser permitida a existência de mercearias à orla da praia, ganhou o elegante bairro com a realização de inegável utilidade num local onde, no gênero, nada havia; ganhou também mais um motivo de encanto e atração, dado o apuro e o gosto que presidiram à instalação da Casa Cabanas. A firma João Cabanas & Cia. realizou obra meritória, para o que assás concorreu a esclarecida visão e o senso prático do prefeito Henrique Dodsworth, jogando por terra com a praxe



absurda, proporcionando aos moradores do aristocrático logradouro o conforto e as facilidades que oferece uma organização dessa natureza. Isto, aliás, frisou o sr. João Cabanas, nas palavras de agradecimento que proferiu, colocando em destaque o valioso apoio do governador da cidade àquele empreendimento. E si os seus realizadores fazem jus a felicitações, estas também cabem aos moradores do Flamengo, que, afinal, têm agora o que tanto lhes faltava, ou melhor o que somente lhes faltava.

As gravuras mostram o interior da Casa Cabanas no dia da inauguração, vendo-se na primeira delas, ao alto, o sr. João Cabanas cercado por um grupo de pessoas presentes, no momento do brinde.

Morre um polonês, mas não morre a Polónia

Passa a 5 de Maio a data nacional da Polónia. Nas circunstâncias atuais não pôde o grande povo cobrir de flores a flâmula da Pátria; não pôde entoar as estrofes de seu hino nacional; não pôde acorrer aos templos para invocar a proteção divina em prol dos oprimidos.

Nenhuma dessas manifestações grandiosas e eloquentes em sua expressão pôde ser realizada no sólo polonês.

Entretanto, naquela terra regada de sangue e povoada de mártires, bandeiras, canticos e orações.

As bandeiras acompanham os guerreiros, que não cedem um passo em presença do invasor; os cantos são murmurados em surdina pelos patriotas de todas as idades; as preces resam-nas os velhos e os jovens, homens e mulheres, toda uma nação, que jamais viveu afastada da fé.

É a fé que alimenta a Polónia. Fé no passado, fé e confiança no presente e no futuro.

Varsóvia está em ruínas; não há ali um só recanto onde não se encontre, sem o simbolo da Cruz Cristã, a essada de um bravo, a simbolizar os corpos de duzentos mil



O general Sikorski, comandante das forças armadas polonesas.

poloneses que se ergueram e tombaram em sua defesa! Varsóvia está em ruínas, mas a honra nacional polonesa não foi maculada!

No combate em que se empenha, a Polónia não desabou do pedestal em que sempre esteve, ornado pelas efigies e fastos de seus bravos.

Ontem, ela assombrou o mundo com um Kosciuszko, um Pulaski, um Poniatowski, um Pilsudski; hoje o mundo reverencia o soldado polonês, o aviador polonês, o marujo polonês, sintetizados na figura austera desse preclaro chefe, o General Sikorski, que os comanda para a vitória, que os comanda para a ressurreição!

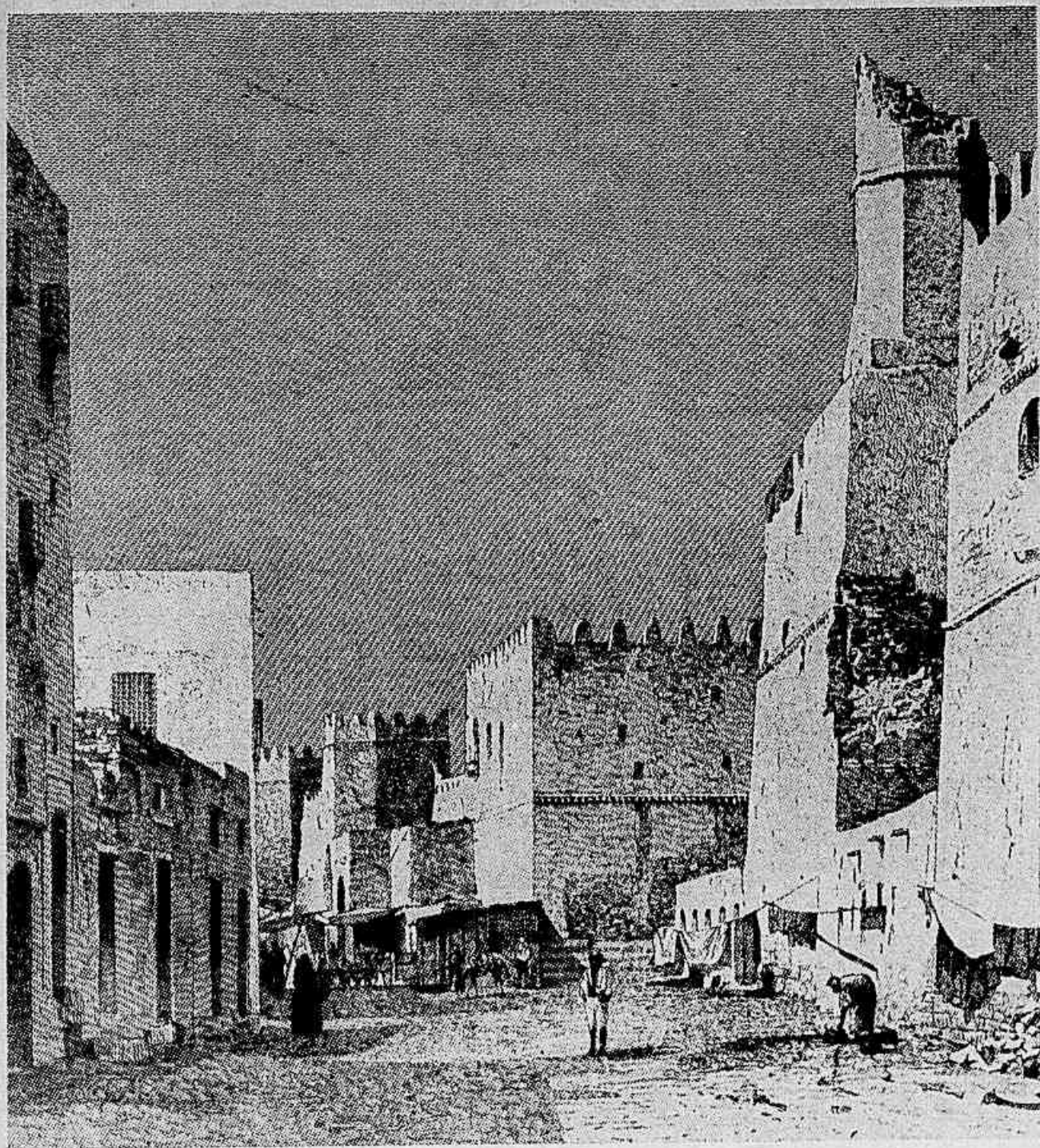
Tem sido pesado o tributo de sangue da Polónia, calculado em quatro e meio milhões de seus filhos trucidados, a maioria desarmados, pela Alemanha embrutecida de orgulho malsão.

Pouco importa! Morrem aos milhares os poloneses. Só não sucumbe a Polónia!

Raras vezes na marcha da humanidade terá sido dado a um povo cumprir tão bravamente um tão grande papel...

O Drama Naval e a campanha da Tunísia

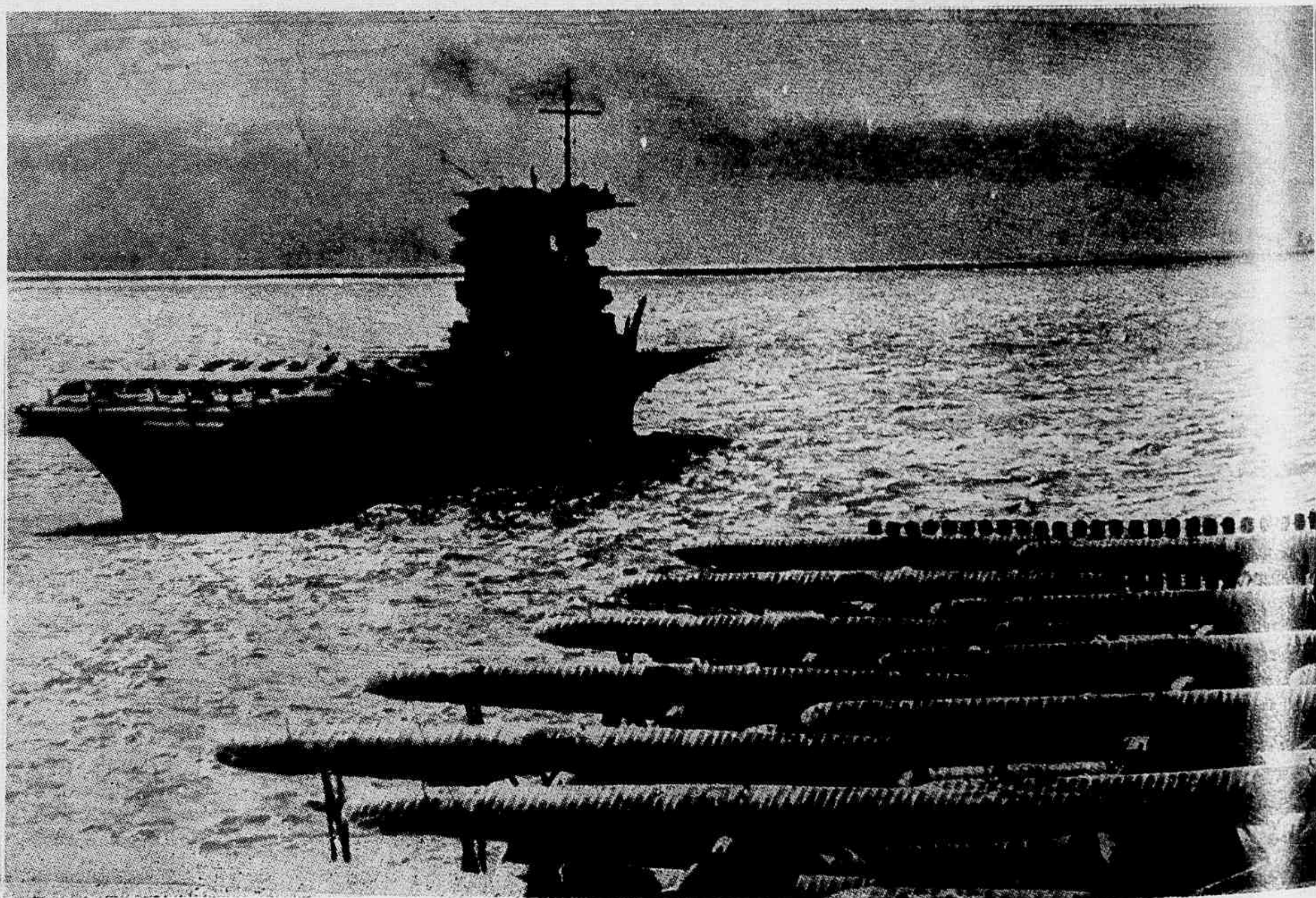
por DE MATOS PINTO



Vista antiga de Sfax, cidade da Tunísia, cujo porto o general Rommel mandou dinamitar para impedir o desembarque naval inglês. Sfax já se encontra em poder dos exércitos aliados.

O drama naval impoz-se desde o dia 21 de Outubro de 1805, quando Horatio Nelson destruiu a esquadra franco-espanhola de Villeneuve, reduzindo-a de 33 navios a 8 unidades. A vitória do almirante inglês em Trafalgar inutilizou as proezas de Napoleão, o conquistador da Europa. O advento da siderurgia de Henry Bessemer afastou a possibilidade de todos os povos poderem construir frotas, subordinando a potencia marítima ao fastigio dos miréios. Supunha Etienne Lamy em 1879 que as nações desistiriam de fabricar couraças para as armadas, tal o fatigante preço das frotas, como si o espirito guerreiro receiasse obstaculos na sua expansão de ruína. Quando parecia entrar no esquecimento a gloria de Trafalgar, succedeu em 27 de Maio de 1905, a Batalha de Tsu-shima. Nenhum outro acontecimento militar repercutiu entre as potencias como o feito do almirante Heihachiro Togo, aniquilando a frota russa sob o comando de Rozhdestvensky. O combate durou uma hora de fogo. Dos 40 navios de guerra de Imperio Russo, 26 submergiram postos a pique, 6 ficaram em poder do inimigo, outros 6 se refugiaram em portos neutros e 2 apenas conseguiram alcançar Wladivostok. A importancia do armamento marítimo, como poder defensivo e ofensivo dos povos, sobressaiu claramente em Trafalgar e Tsu-shima. No mesmo anno em que terminava a guerra russo-japoneza, em 1906, a Grã-Bretanha reformou a tecnica naval fazendo aparecer o primeiro tipo dos monstros marítimos, que se convencionou intitular de dreadnoughts e cuja construção se desenvolveu, pelo principio do grosso calibre. O primeiro dreadnought, devido á concepção de Philip Watts, possuía 4 turbinas, ostentava 4 hélices e com 27.700 cavalos-vapor deslocava 20.000 toneladas, á razão de 11 metros por segundo. O seu poder ofensivo constava de 10 canhões dispostos em 5 torres e mais 24 canhões contra torpedeiros. A unidade belica imaginada por Philip Watts impressionou profundamente todas as nações armamentistas, que se puzeram a copiar e a aperfeçoar a tenebrosa máquina naval. Em 1908, os Estados Unidos flutuaram o "Michigan", tipo de nave baseada no dreadnought britânico, o primeiro nesse genero da marinha de guerra norte-americana. Em 1908, 1909 e 1910, a Alemanha construiu quatro dreadnoughts do tipo "Posen", de 19.000 toneladas, depois outros quatro do modelo "Ostfriesland" de 22.800 toneladas e em seguida cinco do tipo "Kayser" de 24.700 toneladas. E como remate outros quatro da classe dos "Koenigs" de 25.700 toneladas.

Indicamos 1910, como outra data historica na evolução do drama naval. Nesse anno a marinha de guerra inglesa superou os germanicos, apresentando á admiração dos peritos os gigantescos edificios dos cinco "Queen Elisabeth", monstros de aço, cujas bocas de fogo infundiam terror á estratégia da Alemanha, Italia e Austro-Hungria. Desde então, as potencias se entregaram ao campeonato pelo dominio dos mares, cada nação querendo sobrepujar as unidades mais fortes e predominar pela realza tonitrante da metralha. Viu-se aparecer á flor do Oceano toda uma zoologia de blindagem, d'sforme e demolidora, deante da qual o mammoth perdia a sua grandeza prehistorica. A França exhibia o "Jean-Bart" e o "Ce-



O "Ranger" porta-aviões norte-americano. — O porta-aviões revolucionou a estratégia naval, destruindo a invulnerabilidade dos couraçados.

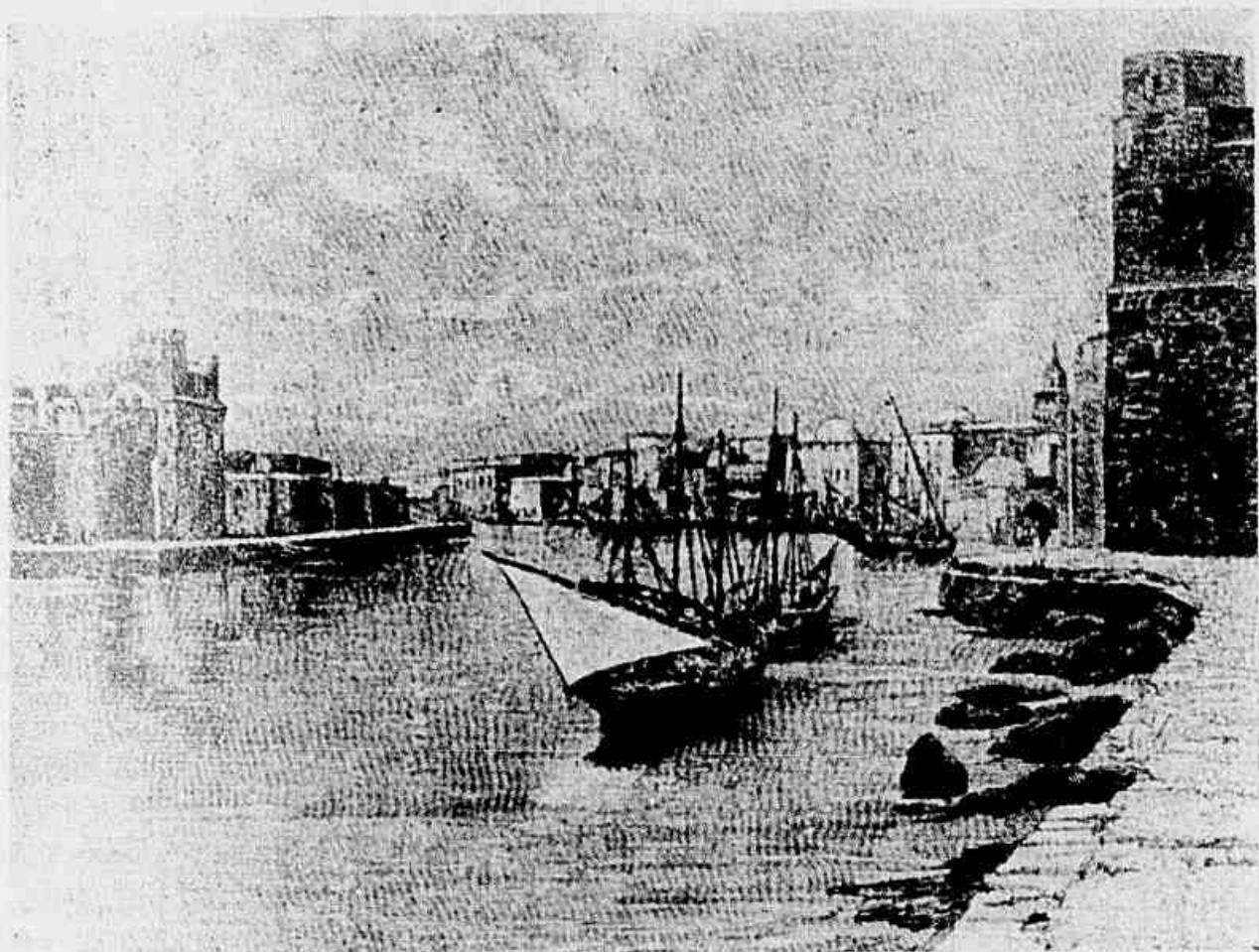
urbet" em 1911, os dois primeiros couraçados da sua esquadra, enquanto a América do Norte havia incorporado às suas reservas oito mastodontes da mesma espécie. Quasi simultaneamente, saem dos estaleiros nipo-americanos o "Kawachi" e o "Settsu" de 21.500 toneladas. Uma cota coraçada de 305 milímetros protegia o casco na linha de flutuação. A estrutura defensiva compunha-se de duplo revestimento de couraça de 228 milímetros de espessura. Outra couraça semelhante revestia as torres dos enormes canhões. O Japão não esqueceu a lição de Tsushima, que decidiu a seu favor a guerra russo-japonesa. Numa conferência feita em 1912, o engenheiro Terugaro Fuji pôs em relevo o desenvolvimento naval de Japão, a partir de 1870. O conferencista japonês tomou como medida de comparação a unidade de energia cavalo-vapor. Em 1870, a esquadra nipônica alcançava apenas a cifra de 20.000 cavalos-vapor. Quarenta e dois anos após, a armada assinalava 1.800.000 cavalos-vapor. Houve de 1870 a 1912, o desdobramento de 1.780.000 unidades de energia, que traduzidas em poder ofensivo muito expressavam para o império insular. O couraçado japonês "Kongo", saído dos estaleiros em 1912, media 114 metros de comprimento, tinha a largura de 28 metros e deslocava 27.500 toneladas. Oito canhões de 355 milímetros de diâmetro e dezesseis canhões de 152 milímetros garantiam a sua fulminante ofensiva. Como complemento bellico, trazia sobre a estrutura outros dezesseis pequenos canhões, que resguardavam o bojo da nave japonesa contra as perfurações do torpedeiro inimigo. Novas descobertas e invenções iam sendo aproveitadas, aperfeiçoando-se a sua potencialidade. Modelava-se através dos anos uma verdadeira máquina de morte, navegando em redor dos continentes. Para se ter uma idéia da grandeza dos mastodontes navais, lembremos os dados fornecidos por Henry Oram, engenheiro-chefe da armada britânica, antes de começar a primeira guerra mundial. O aço, o ferro, o cobre e as suas alianças entravam na estrutura dos vasos de combate. Em cada cem toneladas de ferro, os couraçados continham seis toneladas de cobre e os cruzadores oito toneladas. A técnica naval requiritava todas as qualidades de aço descobertas pela metalurgia. Acelerava-se a velocidade e aumentava-se o raio de ação. Insatisfeitos, os engenheiros ingleses retocavam as instalações do primitivo dreadnought, aperfeiçoando o calibre dos canhões e a blindagem. Em 1912, 1913 e 1914, a América do Norte se arma com o "Nevada" e o "Oklahoma", a França se previne com o "Bretagne" e o "Provence", o Japão intensifica as suas reservas com o "Ise" e o "Fu-So", couraçados dispostos de todos os argumentos mortíferos da balística. A esquadra alemã possuía dezesseis couraçados no momento de irromper a primeira guerra mundial. Os seis navios de combate, que os Estados Unidos construíram em 1919, mediam 208 metros de extensão a largura ia a 32 metros e deslocavam 43.895 toneladas. Cada canhão media 20 metros de comprimento e pesava 131 toneladas. O projétil dos seis "Massachusetts" pesava 952 kilos. Até 1912, atirava-se a 9.000 metros de distância. Na Batalha da Jutlandia, os cruzadores ingleses e germanicos



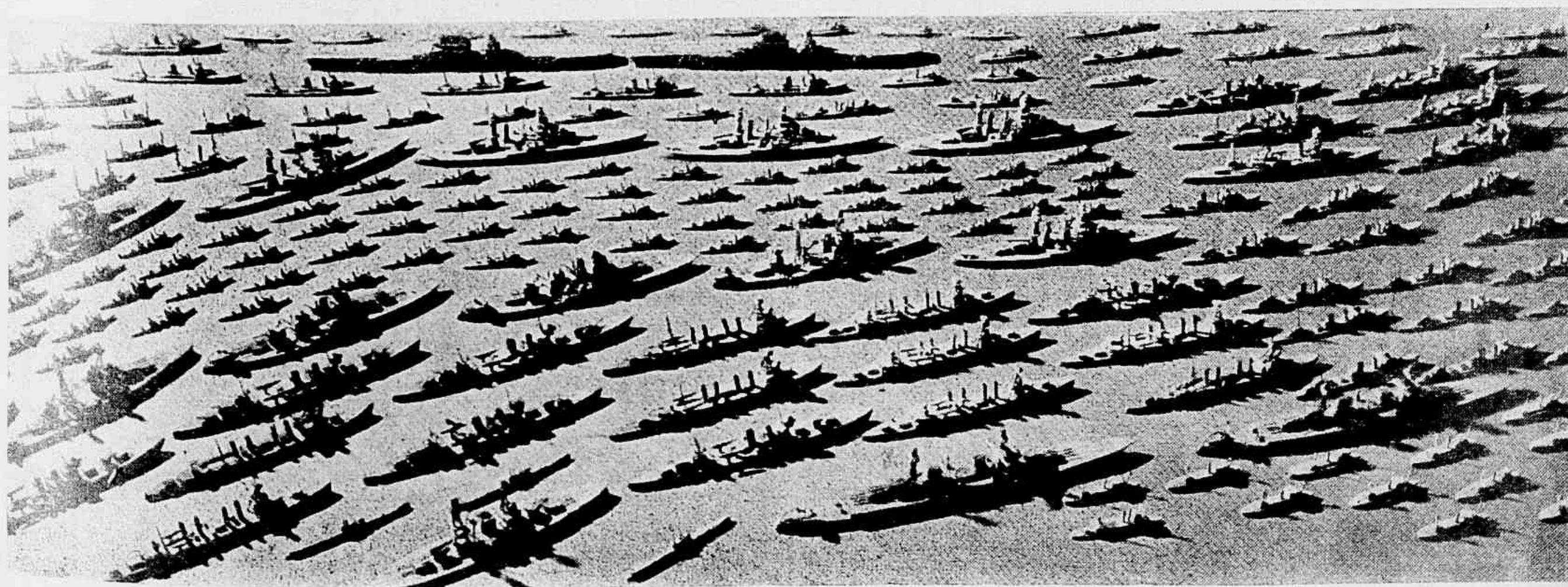
O aviador naval é hoje o maior inimigo do couraçado, que deve operar acompanhado da esquadilha aérea.

lutaram a distâncias enormes, os tiros alcançando a 18.000, enquanto os couraçados metralhavam-se a distância de 35 quilômetros. Os monstros navais oprimiam os orçamentos das potências, exigindo uma parada na corrida armamentista. A Conferência de Washington, realizada em 1922, onde compareceram a Inglaterra, a França, a Itália, o Japão e os próprios Estados Unidos, procurou limitar o armamento naval, tomando por base a tonelagem. Assim, o Japão deixou de construir dois couraçados de 40.000 toneladas, com que pretendia enriquecer a sua marinha de guerra. Isso não obsteu, que proseguisse o drama naval, evoluindo as esquadras na qualidade ofensiva. O Tratado de Versaillles prescrevia uma tonelagem mínima para a Alemanha, impondo-lhe o limite de 10.000 toneladas para os cruzadores. Os estaleiros germanicos saíram do impasse, produzindo o famoso "Deutschland", cujo aperfeiçoamento belico iludiu as prescrições dos seus vencedores. A igualdade de tonelagem deixou de servir de base, como meio de equilibrar a força das potências. O numero perdeu o seu valor científico, podendo ser vencido pela qualidade.

Os tecnicos conservavam-se indecisos entre multiplicar a tonelagem e reformar as instalações ofensivas, quando o drama naval sofreu outro abalo no início da segunda guerra mundial. Afundando o "Prince of Wales" e o "George V" nas águas da península malaia, nos fins de 1941, logo depois da traição de Pearl Harbour, os japoneses convenceram o mundo de que o couraçado não pode mais operar desprotegido pela aviação. A Batalha do Mar de Coral e a Batalha das Ilhas Salomão dissiparam todas as dúvidas, quanto á revolução estratégica introduzida pelos porta-aviões e pelas bases aéreas. Atacando as Ilhas Aleutas e ocupando Kiska, a esquadra japonesa obedeceu ao novo plano, que manda garantir a rota marítima com bases aéreas terrestres. De atalaia, no Pacífico Norte, o Japão hostiliza com a sua aviação naval as comunicações entre o Alasca e a Sibéria, assalta traiçoeiramente o flanco da esquadra norte-americana. Essa revolução estratégica permitiu aos Estados Unidos destruir no Mar de Bismarck, todo um comboio japonês, demonstrando assim que ha mais vantagem em atacar a esquadra com aviões torpedeiros do que enfrentar frota contra frota. A Campanha da Tunísia resulta como uma consequência irresistível da revolução na estratégia marítima. A ocupação do Norte da Africa pelo Eixo colocaria a esquadra anglo-americana entre uma garganta de bases aéreas, distribuídas de um lado em Creta, Pantelaria, Sicilia, Corsega, Sardenha e de outra parte em El-Sollum, Derna, Benghazi, Tripoli, Sfax, Bizerta e Tunis. Os cruzadores e couraçados aliados não passariam de Gibraltar, não ousando se aventurar num mar coberto de bombardeiros e de torpedeiros aéreos. Ficaria assim impossibilitado o abastecimento não só do Egipto, como do Oriente Medio, Syria, Iran, Persia isolando a Turquia das Nações Unidas. A evolução do drama naval, complicado pelo advento dos torpedeiros aéreos, colocou a Campanha da Tunísia na frente de todas as outras operações militares, que visam a invasão aliada da Europa. A esquadra anglo-americana deve expulsar primeiro o Eixo da Africa e eliminar todas as bases aéreas, que fecham o canal da Sicilia. Só depois poderá caçar a frota italiana, escondida no Golfo de Taranto, em Napoles, Catania e Gagliari. E terminada a Campanha da Tunísia, os exercitos aliados nada mais recearão do drama naval no Mediterraneo. Marcharão triunfalmente para a invasão da Europa.



Aspecto de Bizerta, segundo uma gravura do seculo passado, hoje uma grande base naval, que está sendo atacada pelo primeiro exercito Britânico, sob o comando do general Anderson.



Visão do poderio naval dos Estados Unidos. Representa apenas um quarto (139 navios) da esquadra norte-americana, em defesa da Liberdade.

Australia



"Só uma linha, para você saber que não estou na Irlanda".

Africa



"Isto aqui parece o que eu sempre imaginei que parecesse".

Guia para os Combatentes

Agora que vocês vão viajar, diz Tio Sam, eis alguns fatos sobre as terras e povos que vão ver; aprendam a comportar-se com eles

De Hal Borland

Com 1.500.000 combatentes no estrangeiro e outros milhões preparando-se para partir, Tio Sam resolveu criar um "Baedeker". A Divisão de Serviços Especiais, os Serviços de Fornecimento compilaram e publicaram para os Departamentos da Guerra e da Marinha uma série de guias de bolso sobre os países estrangeiros que se distribuem com todos os soldados, marinheiros e fuzileiros que partem. Os primeiros cinco livros dizem respeito à Grã-Bretanha, Irlanda do Norte, Austrália, China e África do Norte.

O objetivo desses livros, sem dúvida, é facilitar a vida dos expedicionários numa terra estranha. E, já que as guerras não se ganham unicamente com as armas, os livros se destinam a prover seus leitores com amigos no mais breve espaço de tempo. Eis porque o texto versa sobre costumes e preconceitos locais.

Cada livro apresenta um breve e fundamental resumo da história do país, de sua geografia, de seus hábitos e singularidades. Os guias para a China e África do Norte incluem breves vocabulários fonéticos da linguagem nativa. Registros fonográficos constituem um suplemento a esses manuais, fornecendo um curso rápido e simplificado dessas línguas.

Todos os livros são acompanhados de conselhos simples e apropriados a qualquer viajante, militar ou civil. Há uma idéia constante: "Seja cortez. Tenha juízo. Não seja tolo". Todos aconselham a lidar tanto com as mulheres como com os homens. E encerram advertências sobre bebidas, esportes, diversões e precauções sanitárias. Há mesmo uma lista de sugestões sobre a maneira de comportar-se como hóspede ou nos restaurantes.

O texto é tão desprezível como um par de botinas. É escrito para soldados e marinheiros e sua linguagem é a destes. Como documentos militares, os livros não são apenas divertidos, mas surpreen-

dentes para qualquer pessoa a quem seja familiar o tipo habitual de correspondência ou relatório militar. Chamam certo licor "dinamite" e mandam o soldado "abrir as orelhas".

O volume das edições desses manuais é naturalmente um segredo militar. O mesmo acontece com respeito a qualquer informação relativa a aumentos na lista ora em preparo. Póde-se ter como certo, entretanto, que, ao embarcar uma nova força expedicionária, haverá novos livros-guias para acompanhá-la. E os rapazes que os recebem devem dar-lhes boas vindas.

Os seguintes trechos dos cinco livros já publicados foram tirados diretamente do texto original, que ocupa de cinquenta a setenta e cinco páginas em cada caso.

GRÃ-BRETANHA

(Trechos do Manual)

Você vai para a Grã-Bretanha como parte da ofensiva aliada — para topor com Hitler e batê-lo em seu próprio terreno. Por todos os próximos tempos você vai ser hóspede da Grã-Bretanha. Logo há de ver que a Grã-Bretanha é um país pequeno, menor que a Carolina do Norte ou Iowa. Toda a Grã-Bretanha é pouco maior que o Minnesota. Nenhum lugar da Inglaterra está a mais de cem milhas do mar. A princípio, você provavelmente não gostará da chuva e do frio seco. Muitas pessoas só eventualmente se acostumam ao clima inglês.

Não se iludam com a tendência dos ingleses a falarem com suavidade e serem corteses. A língua inglesa não se espalhou através dos oceanos e montanhas, das selvas e pantanos por serem os ingleses um povo de almofadinhas. Sessenta mil civis da Inglaterra pereceram sob bombas e, no entanto, o moral britânico permanece elevado e inquebrantável. Uma nação só consegue atravessar isso quando tem estômago. A Inglaterra poderá lhe parecer um tanto mesquinha. Ela está em guerra desde 1939. As casas não têm sido pintadas porque as fábricas já não fazem tintas — fazem aeroplanos. Os ônibus ingleses lhe parecerão antiquados porque a Inglaterra está fazendo tanques para si e para a Rússia e não tem tempo de melhorá-los. Os trens ingleses são frios porque a energia é necessária à indústria, não ao conforto. Os ingleses estão ansiosos para que você saiba que, em tempos normais, a Inglaterra parece muito mais limpa, bonita e alegre.

A melhor maneira de agir na Inglaterra é idêntica à melhor maneira de agir na América. A mesma espécie de cortesia, decência e camaradagem que abunda na América, abunda na Inglaterra. Você logo descobrirá diferenças que parecerão erradas e confusas, como, por exemplo, dirigir o automóvel pela esquerda da rua, ter um sistema "impossível" de contar dinheiro, ou beber cerveja quente. Mas, logo que você se acostumar a essas



"Fuja sempre dos cachorros vira-latas".

China



"Não dê palmadinhas nas costas dos chineses".

Britain



"Os ingleses não farão melhor juízo de você, se você jogar dinheiro atôa".

coisas, compreenderá que pertencem à Inglaterra da mesma maneira que o "jazz", o "baseball" e a coca-cola nos pertencem.

Duas atitudes podem comprometer sua amizade com o soldado inglês — roubar-lhe a pequena, e não apreciar o que seu exército tem feito. E também prosar que é mais bem pago do que ele.

Os ingleses não sabem fazer um bom café. Você não sabe fazer um bom chá. É uma falha idêntica.

Os ingleses são na verdade calmos, mas não lentos. Seus melhores trens são detentores dos "records" mundiais de velocidade. Um navio britânico conquistou o "record" transatlântico. Um automóvel inglês, conduzido por um inglês, arrebatou o "record" mundial de velocidade na América.

Lembre-se que o fato de atravessar o oceano não fará de você automaticamente um herói.

Ha donas de casa de avental e meninos de calças curtas que já viveram bombardeios maiores do que os vistos por muitos soldados de primeira na guerra passada. Quando você avistar uma jovem de kaki ou com a uniforme azul da Força Aérea tendo uma fita na túnica, não pense que a conquistou cozendo meias.

Não seja gabola nem fanfarrão. Se alguém olhar em sua direção e disser: "Ele está contando vantagem", pode ficar certo que você está perdendo terreno. É tempo então de encolher as orelhas.

Se for convidado a fazer refeições com uma família não coma muito. Do contrário estará devorando a ração de que ela dispõe para uma semana.

Não gracieje da pronúncia dos ingleses. A sua será também estranha para eles, mas serão muito corteses para demonstrá-lo.

Use bom senso em todas as ocasiões. Por sua conduta você poderá trazer um melhor entendimento entre os dois países depois da guerra.

IRLANDA DO NORTE

(Trechos do Manual)

Os irlandeses gostam dos americanos. Em geral todo irlandês tem amigos ou parentes nos Estados Unidos; ele está predisposto a favorecê-lo. Isto põe você, entretanto, na obrigação de dar aos irlandeses uma opinião elevada dos americanos. É uma grande responsabilidade.

O povo da Irlanda do Norte não é apenas amigo, mas aliado. Milhares de irlandeses estão lutando nos piores lugares da guerra, fazendo mais que seu dever; é uma necessidade militar tratarmos bem nossos aliados. Muitos de vocês são de descendência irlandesa. Alguns de vocês podem ter notícia de primeira ou segunda mão das divergências religiosas e políticas entre a Irlanda do Norte e a Irlanda do Sul. Ha duas excelentes regras de conduta para o americano que viaja, boas em toda parte, mas particularmente importantes na Irlanda: não discuta religião; não discuta política.

A Irlanda do Norte comumente chamada Ulster — é um país pequeno, pouco maior que o estado de Connecticut. Cerca de 1.500.000 pessoas, nem tanto como em Los Angeles, vivem aí. A princípio você não gostará do clima irlandês. É úmido, frio e chuvoso. O sol é um visitante ocasional; ha cerca de 200 dias chuvosos por ano. As chuvas, porém, são habitualmente leves garoas e não violentas trombas d'água.

Os irlandeses apreciam seu modo de vida e será prudente que você, durante sua permanência, a ela se acostume o mais confortavelmente que possa. A grande infiltração de sangue escocês talvez seja responsável pelo fato do povo de Ulster ser excessivamente econômico. Mas também o é porque a Irlanda não é um país rico e a vida aí é difícil. O habitante do Ulster gosta de regatear e julga o perdulário um tolo.

Nas colinas talvez lhe ofereçam uma bebida ilícita chamada "potheen". É um "whisky" luminoso feito de batata macerada. Tome cuidado. É dinâmite. A cerveja que é servida nos "bars" é mais forte que a nossa.

Entre donas de casa respeitáveis você fará bem em evitar a menor profanação; o que passa por uma inocente praga na América pode ferir o irlandês como autêntica blasfêmia. Tudo que beirar, ainda que de longe a indecência, deve ser reprimido.

Na América perguntamos: "De onde vem você?" No Ulster pergun-

ta-se: "A que igreja você pertence?" Se lhe perguntarem isso responda a verdade e mude logo de assunto.

As pequenas irlandesas são camaradas. Param no meio da estrada e conversam um dia inteiro... Não julgue daí, porém, que estão caídas por você. Provavelmente a pequena por quem você se interessa tem que pedir permissão à família para sair com você.

Você leva consigo as maiores fontes de briga na sua carteira. O soldado inglês é muito sensível a qualquer referência à diferença entre seu soldo e o de vocês. É humanamente natural que se admire perante uma avaliação diversa do perigo de vida que corre. Você não fará amigos ostentando seu dinheiro ou seu valor. Não seja perdulário. Não critique a comida, a cerveja, os cigarros. Não diga nada, deixe que eles lhe digam. Não seja tolo.

AUSTRALIA

(Trechos do Manual)

Você e sua carga foram destinados à Austrália como parte de uma ofensiva mundial contra Hitler e os Japoneses — uma marcha que só terminará em Berlim e Tóquio. Você vai encontrar um povo que aprecia os americanos e de que você gostará.

Os australianos têm muito em comum conosco — são um povo pioneiro; creem na liberdade do indivíduo; e estão se esforçando para varrer o Eixo. Mas existem também muitas diferenças. Ha uma coisa que logo porá você fora de campo. Você não vai à Austrália para salvar um povo desamparado do ataque dos selvagens japoneses. Talvez haja na Austrália menos pessoas que na cidade de Nova-York, mas seus soldados criaram um grande "record" de combate. Não faz muito tempo num "bar" de Sidney um soldado americano virou-se para um australiano e disse: "Agora, Aussie, você pode voltar para casa. Viemos salvar você". O Aussie retrucou: "Ah, sim! Pensei que você fosse um foragido de Pearl Harbor!"

Você achará que o "Digger" (é o nome comum dos Australianos) é um camarada esperto, ligeiro e que não poupa ninguém, capaz de topar a parada com americanos ou quaisquer outros. Viajando no mesmo trem com tropas americanas, os "Aussies" logo se aproximam dos Yankees, investigam seu equipamento, fazem toda a espécie de questões pessoais, procuram saber se não ha qualquer bebida para tomar e, dentro de cinco minutos, estão mostrando retratos de pequenas ou da família.

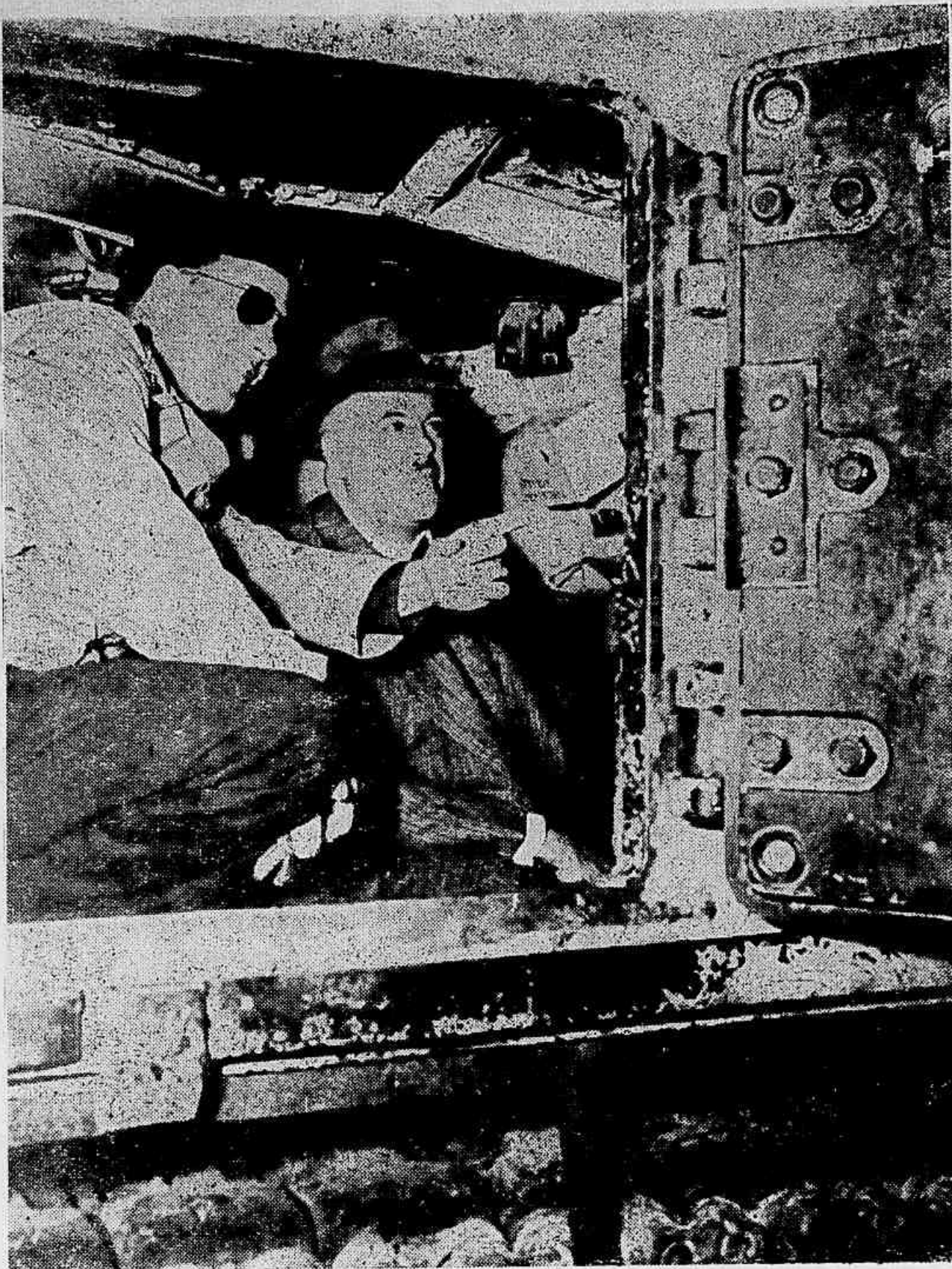
Por ser simples, direto e rude, especialmente si vem do "Outback" (do interior), o "Digger" fica muitas vezes embaraçado com as "maneiras" dos americanos em sociedade ou mesmo no campo. Para ele os muito "obrigados" e "por favor" que os Americanos usam são um pouco exagerados. Mas si você pedir um endereço a um australiano, na rua, ele não lhe dirá: Apenas, andará seis quarteirões para mostrá-lo a você.

Ha uma porção de histórias difamatórias a propósito da comida australiana. Dizem que as donas de casa preparam café com uma pitada de sal e um pouco de mostarda, mas isso é provavelmente outro efeito da propaganda eixista. Os pastéis de carne são a versão australiana do cachorro quente, e em Melbourne o substituto de presunto é o "dim sin", carne picada enrolada em folhas de couve. Você pode pensar que é uma piada, mas terá sopa de costela ou de rabo de kangurú no interior. Dizem que é deliciosa.

Como diz um correspondente, os americanos e os australianos são "dois dos povos mais jogadores que existem na superfície da terra". Já se disse que quando dois australianos num "bar" já apostaram tudo, começam a apostar qual de duas moscas levantará vôo primeiro ou qual a gota de chuva que chegará primeiro ao peitoril da janela. Si um americano estivesse aí, logo seguiria a lição.

Os americanos e os ingleses têm a idéia que os australianos são indisciplinados — eles não fazem muita questão de prestar continência, muitas vezes chamam seu comandante pelo primeiro nome — mas, quando combatem, não demonstram nenhuma falta de disciplina ou de comando.

(Continua na pagina seguinte).



O sr. J. A. Barbosa Carneiro, ministro brasileiro no Cairo, examina o interior de um tanque médio americano, durante sua recente visita a um depósito de material de guerra do exército dos Estados Unidos, situado a curta distância da capital egípcia. (Foto da Inter-Americana).

Não ha necessidade de muitas recomendações para os americanos na Austrália. Senso comum e boa vontade dão resultado aí como em toda parte. Dizem que, quando um americano faz amizade com uma família australiana, costuma ser encontrado na cozinha — ensinando a dona da casa a fazer café, ou a lavar os pratos.

CHINA

(Trechos do Manual)

Você e sua carga foram enviados á China para ajudar esse nosso bom aliado. Sua tarefa, lutando lado a lado dos chineses é limpar o país dos japoneses. Você não conhece a língua e desconhece o povo. Isto torna mais difícil ser hóspede na China do que na Inglaterra ou na Austrália. Em todo o caso pöde adotar como lema de sua conduta um dos muitos provérbios que orientam a conduta dos chineses: "Quando visitares a vizinhança pergunta o que é proibido; quando visitares um país pergunta quais são seus costumes."

Quanto a se conhecerem um ao outro você e o chinês estão no mesmo pé de igualdade. Milhões de chineses pouco conhecem da América; milhões deles nunca viram um americano. Contudo muitos nos conhecem de reputação, e você pöde se orgulhar de que a reputação é boa. A primeira coisa que você deve aprender a dizer na China é: "Sou americano." E' seu melhor passaporte.

De todos os povos da Asia, os chineses são os mais semelhantes aos americanos. Amamos em comum independencia e liberdade individual. Os chineses apreciam uma brincadeira e riem das mesmas coisas que nós. Somos ambos povos práticos. Os chineses são hábeis homens de negócios, amigos generosos, e gostam de distrair-se. Talvez sejam melhores do que nós nas relações humanas.

Não se preocupe com apresentações e cortezias complicadas. Seja simplesmente um americano, no melhor sentido da palavra. Os chineses não esperam que você conheça todas as suas regras de polidez.

A chinesa média ficará insultada si você a tocar, ou o levará um pouco mais a sério do que você quisera ser levado. Um engano desta natureza pöde trazer grandes aborrecimentos.

Quando convidado a um lar chinês admire tudo largamente, mas não admire nenhum objeto especialmente, pois, do contrário, a boa educação obrigará a quem o recebe a lho dar de presente. Acima de tudo não pareça ver nenhuma mulher. Fazê-lo seria insultá-la.

Si se trata de vinho de Shaohsing pöde beber muitas taças com segurança; mas si for um Kaoling, ou qualquer dos vinhos de Cantão, tome cuidado.

E' costume que o lojista peça por um artigo mais do que vale. Si você pagar cerca de dois terços do que pedir, ele o admirará e ainda lucrará com a transação. Acima de tudo conserve seu bom humor.

Os chineses são loucos por cinema, de qualquer espécie, como você verá abrindo caminho num edificio cheio de gente. Mas não espere conforto ao fazê-lo. Quanto ao filme pöde ser qualquer um. Pöde ser um Haroldo Lloyd que você já viu ha quinze anos.

Na China não ha preconceito de côr. O melhor que tem a fazer é encará-la com o mesmo espírito. Ha mais pessoas no mundo usando roupa chinesa e comendo comida chinesa do que vestindo roupa americana e comendo comida americana. Vivem á sua maneira e nós vivemos á nossa. Si você os respeitar eles o respeitarão. A China é a mais velha nação do mundo e sua civilização é sob muitos pontos de vista a maior.

FRANK BROWN

Noticias telegraficas de Buenos-Aires acabam de anunciar o falecimento de Frank Brown ao qual a imprensa carioca já dedicou referencias. Dizem respeito ao antigo empresario de companhias equestres vindas ao Rio de Janeiro de outr'ora e notaveis pela sua composição, variedade de programas e elencos renovados.

Na patria, Inglaterra, sóbria de louvores, Frank Brown mereceu o cognome

de clown skaspereano pela originalidade de seus trabalhos.

Residindo de ha muito em Buenos Aires, onde era muito estimado, Frank Brown demonstrava a amigos do Rio de Janeiro toda a sua afetuosa recordação da cidade, sempre se referindo ao Brasil nos mais encomiasticos termos.

Nas colunas da REVISTA DA SEMANA, o nosso prezado colaborador Escagnolle Doria recordou bastante Frank Brown e o seu papel no antigo movimento teatral do Rio de Janeiro de outr'ora.



CONGREGAÇÃO BENEFICENTE GETULIO VARGAS — Comemorando a passagem do aniversario de seu eminente Patrono, e o primeiro aniversario de sua fundação, a Congregação Beneficente Getulio Vargas realizou a 19 de Abril uma sessão solene, na qual foi entregue ao Presidente da Republica o diploma instituido pela sociedade. E' desse título que publicamos a fotografia acima.

AFRICA DO NORTE

(Trechos do Manual)

O litoral da Africa do Norte é hoje tão desolado e o interior é tão inóspito como na época em que os combatentes de Preble e Decatur atacaram Tripoli e em que a expedição de William Eaton, composta de americanos e nativos, marchou sobre a Cirenaica. Mas as dificuldades não detiveram os americanos como não os deterão agora. Dos 17.000.000 pessoas que aí vivem, cerca de um décimo são europeus. O que lhe importa são os nove décimos cujos antepassados vivem ao longo dessa costa ha séculos e cuja vida é ainda regrada por antigas tradições e crencas.

Na sua maioria são brancos. E' impossível fazer quaisquer generalizações: o unico laço comum, entretanto, é a religião fundada por Maomé. Com exceção dos "leaders" religiosos, não sabem ler nem escrever. Formam suas opiniões do que vêem e ouvem. Tanto pödem dar-nos água como envenenar os poços, guiar-nos através das montanhas ou desertarem de nós. Pödem nos informar do que estão fazendo italianos e alemães e pödem informá-los do que estamos fazendo. Ganhar sua amizade é porisso um passo importante para ganhar a guerra.

Si um mussulmano o convida para jantar você será provavelmente servido com carneiro ou galinha. Isto significa que você é um hóspede de honra, porque os mussulmanos comem muito pouca carne. O diário costuma ser trigo sob a fórmula de pão ou sopa. Convidado a uma refeição você sentar-se-á no chão como os outros. Coma apenas com a mão direita — nunca com a esquerda mesmo si for canhoto. Só comece a comer depois de seu anfitrião. Parta o pão com os dedos, nunca use faca. Deixe comida no prato grande — será para as mulheres e crianças. Não dê bebidas alcoólicas aos mussulmanos. Não beba licores em presença de mussulmanos.

Quando lhe oferecerem café ou chá, si beber menos ou mais de três chicaras, será considerado mal educado. Em geral é perigoso para um soldado comer ou beber qualquer coisa que um estranho lhe ofereça.

Ha algumas regras que devem ser estritamente observadas nas relações com as mulheres mussulmanas: nunca olhe nenhuma; nunca a empurre numa multidão; nunca lhe fale em publico; nunca tente retirá-la o véu, isto é muito importante. O desrespeito a essas regras pöde trazer sérios distúrbios com os mussulmanos...

Não é costume entre homens e mulheres marcarem encontros. Quando os homens desejam a companhia de mulheres numa festa, alugam uma troupe de dançarinas profissionais. Estas profissionais têm uma posição social unica, não tão baixa como a de uma prostituta qualquer, mas um tanto degradada. Dizem que são uma companhia mais interessante que as esposas dos mussulmanos porque são mais desembaraçadas e ágeis nas réplicas. Dansam para os homens, não com eles. Quando um mussulmano é visto dansando é sinal que está um pouco "alegre".

Não entre nas mesquitas. Nunca fume nem cuspa á frente de uma mesquita. Si você se aproximar de alguma, olhe em derrêdor e continue andando.

Nunca discuta sobre mulheres ou religião com os mussulmanos. Tire seus sapatos antes de entrar num quarto — deixe seus sapatos do lado de fóra. Si entrar numa padaria, deixe seus sapatos á porta, pois o padeiro põe a massa no chão e os freguezes queixam-se de haver imundície trazida da rua.

Nunca traga um cachorro para dentro de casa.

Seja pródigo com seus cigarros.

Fale árabe com o povo si o sabe. Eles o apreciam, embora fale mal.

Seja cortez. Use bom senso em todas as ocasiões.



Magnífico conjunto de topázio, para se usar com vestido de "lamé" dourado e toque de filó preto com lantejoulas. Colar de ouro com um grande topázio pendente, cravejado de brilhantes e safiras. Anel de topázio e pulseira cravejada de brilhantes.

*Chama
nota de
distinção*



Chapéu para jantar confeccionado de penas de avestruz. No pescoço, uma fita de veludo preto com um alfinete de diamantes preso na blusa. Pulseira de pérolas e diamantes, e anel no dedo mínimo.



Chapéu de pele de foca. Vestido de "rayon". Brincos, colares e pulseiras formados de argolas de ouro com pedras rosas. "Clips" cravejados com as mesmas pedras.

Ao lado — Lindo "tricorné" de feltro branco combina admiravelmente com o casaco de arminho; "clip" de ouro em forma de leque cravejado de brilhantes e onix. Pulseira com um delicado desenho das mesmas pedras.



“Tailleurs”

1 — Tailleur em lã, tipo escocês cinzento, com quadriculados verde-marron. Casaco com 3 botões. Saia com uma prega ao centro.

2 — Modelo clássico. Lã marinho ou preta. Saia em linha com uma prega ao centro. Blusa de organza com laço picotado.

3 — Esportivo em lã bege com 4 botões de couro marron; 4 bolsos debruados de marron. Saia em forma com uma prega ao centro.



4 — Em flanela, ou seda pesada, branca a gola e a barra de fundo azul, verde, violeta, etc., com “pôis” brancos. Saia de 5 panos.

5 — Elegante, em lã escura, azul marinho ou cinza plumbeo com “jabot” de organdi.

V

Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente os
melhores.

Impressionismo de Outono

A' luz dourada e fria do sol de Abril, na "pelouse" do Jockey ou nas ruas da Cinelandia, elas já estão passando esguias e encantadoras nos seus "tailleurs" diferentes. E parecem mais petulantes e "glamourosas" essas Tanagras modernas que deixam, ao passar, uma sucessão de harmonias e ritmos "impressionistas" como os somente encontrados num prelúdio de Claude Debussy.

Não sei se foi Adrian ou Irene — um desses dois magos de Hollywood — quem afirmou a feminilidade do "tailleur". Elas, porém, já sabem isso. Por essa razão é que, à luz dourada e fria do sol de Abril, na "pelouse" do Jockey ou nas ruas da Cinelandia, já estão passeando esguias e encantadoras nos seus "tailleurs" diferentes.



1 — Prática e elegante costume em blanela quadriculada amarelo-marron. Chapéu licolê de feltro marron.

2 — Elegante conjunto para tarde em lã natural com bordado em "pointe" em cores vivas. Chapéu combinando com o vestido, assim como a bolsa, luvas e sapatos de couro do bordado.

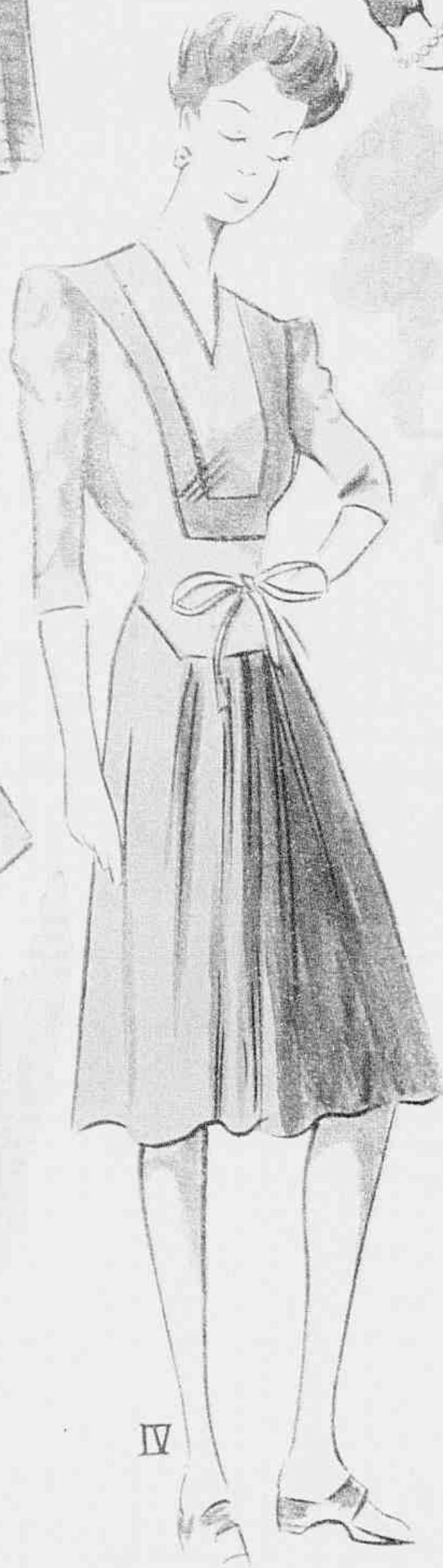
Sair em forma

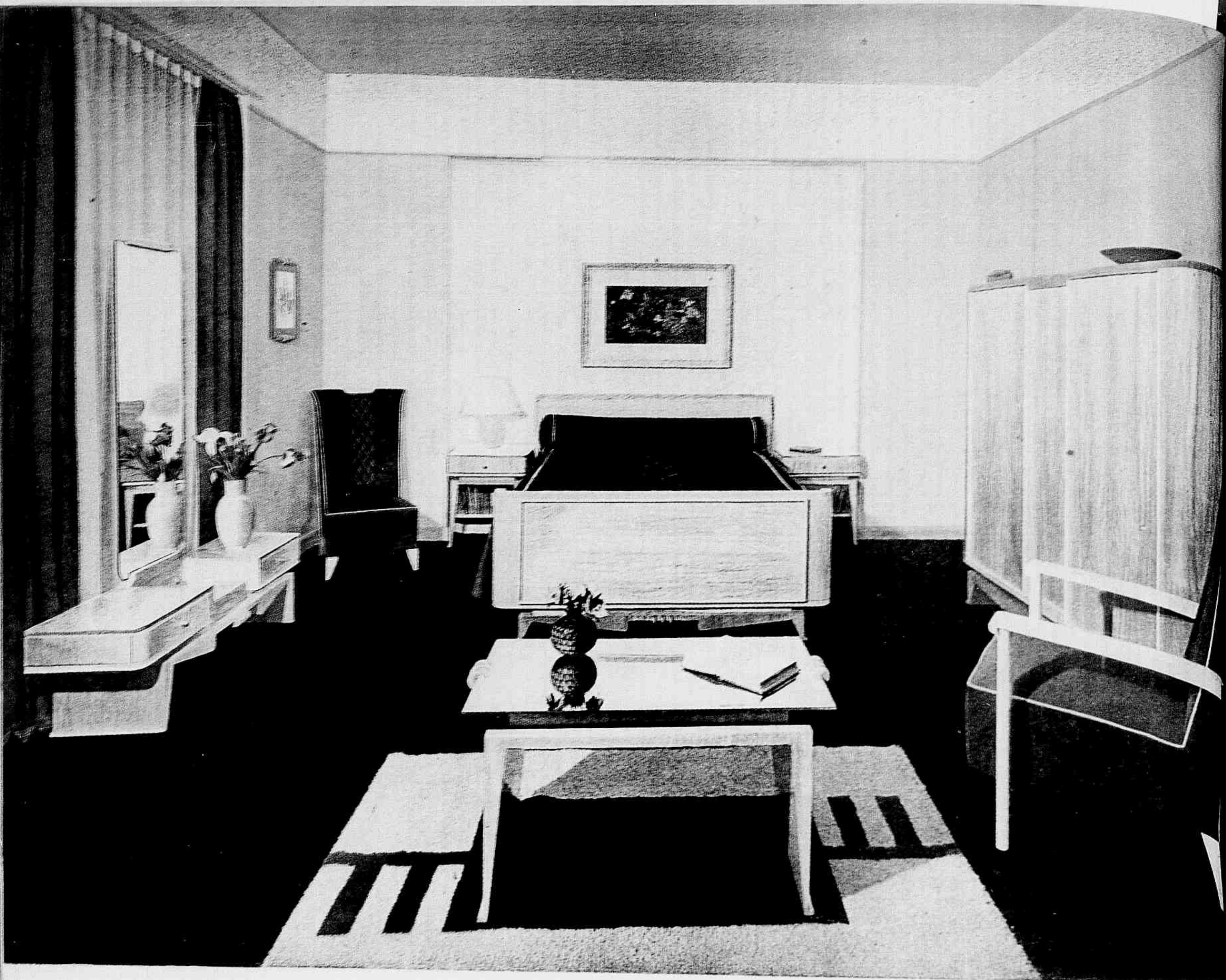


3 — Graçioso modelo em "jersey" creme. Gola e barras da blusa e das mangas em vermelho. Saia simples de cinco panos.

4 — Original vestido inteiro em fina lã cinzenta. Laço, como a pala da mesma cor (vermelha, marron, bordeaux, etc.). Saia franzida.

5 — Elegante conjunto "tout en noir". Vestido em crepe rayon negro. Blusa simples e manga 3/4. Saia de panos com franzidos, na frente. Toque de veludo com filô negro.





DECORAÇÕES MODERNAS

LINHAS SIMPLES Qualquer palavrado seria inútil para descrever, na sua clara simplicidade, este ambiente a que, na falta de melhor designação, se convencionou chamar de "moderno".

O tapete "bouclé", claro-escuro, sob a mesinha retangular, de tampo de cristal, dá uma nota de alegria e equilíbrio, que fica bem com a severidade do atapetado total, harmonizando com o tom dos reposteiros de pelúcia "double-face" sobre as cortinas, de "tulle" crème.

Móveis e atributos de decoração que animam a ter ordem, disciplina e boas maneiras, pois a "simplicidade" é ainda a melhor forma de impor distinção, quando ela é obtida natural e despretenciosamente, como no caso da nossa observação em que o Decorador soube interpretar com justiça as preferências de um cliente que vive intensamente o dinamismo da vida atual, proporcionando-lhe, além de um conforto repousante, um pouco de tranquilidade e de alegria.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



O racionamento de guerra e a moda feminina

Hoje, em geral, as fabricas ao em vez de lançarem belas sedas lisas ou estampadas para as estrelas da Broadway ou para os hospedes do Waldorf-Astoria confeccionam seda para... paraquedas. Alem disso, após a tremenda catastrophe sofrida por Londres durante os interminaveis meses dos bombardeios nazistas, a mentalidade da mulher americana modificou-se profundamente. E a palavra *Economia*, que aterrorisava as elegantes apologistas de que o que é bom não pode ser barato e de que a qualidade deve juntar-se à quantidade, tem no momento atual outra significação. A mulher aprendeu que com pouco pode aparentar muito. Isso sem afetar de nenhum modo a distinção e o *charme* pessoal. Assim é que os costureiros norte-americanos optam pela tripla fila de botões

pela exclusão das golas dos casacos e dos costumes, — porque a linha do pescoço oferece oportunidade para a exposição de cache-col, pelos boleros simulados e principalmente pelo uso do costume.

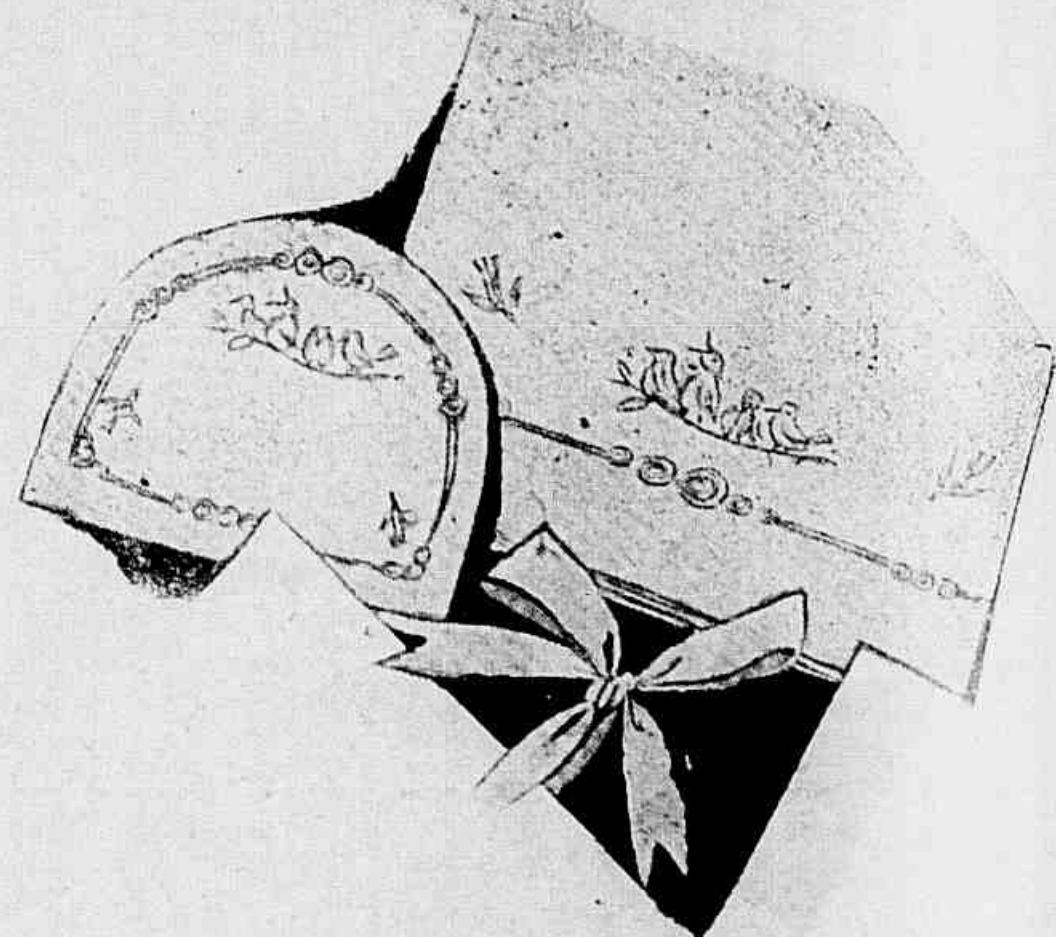
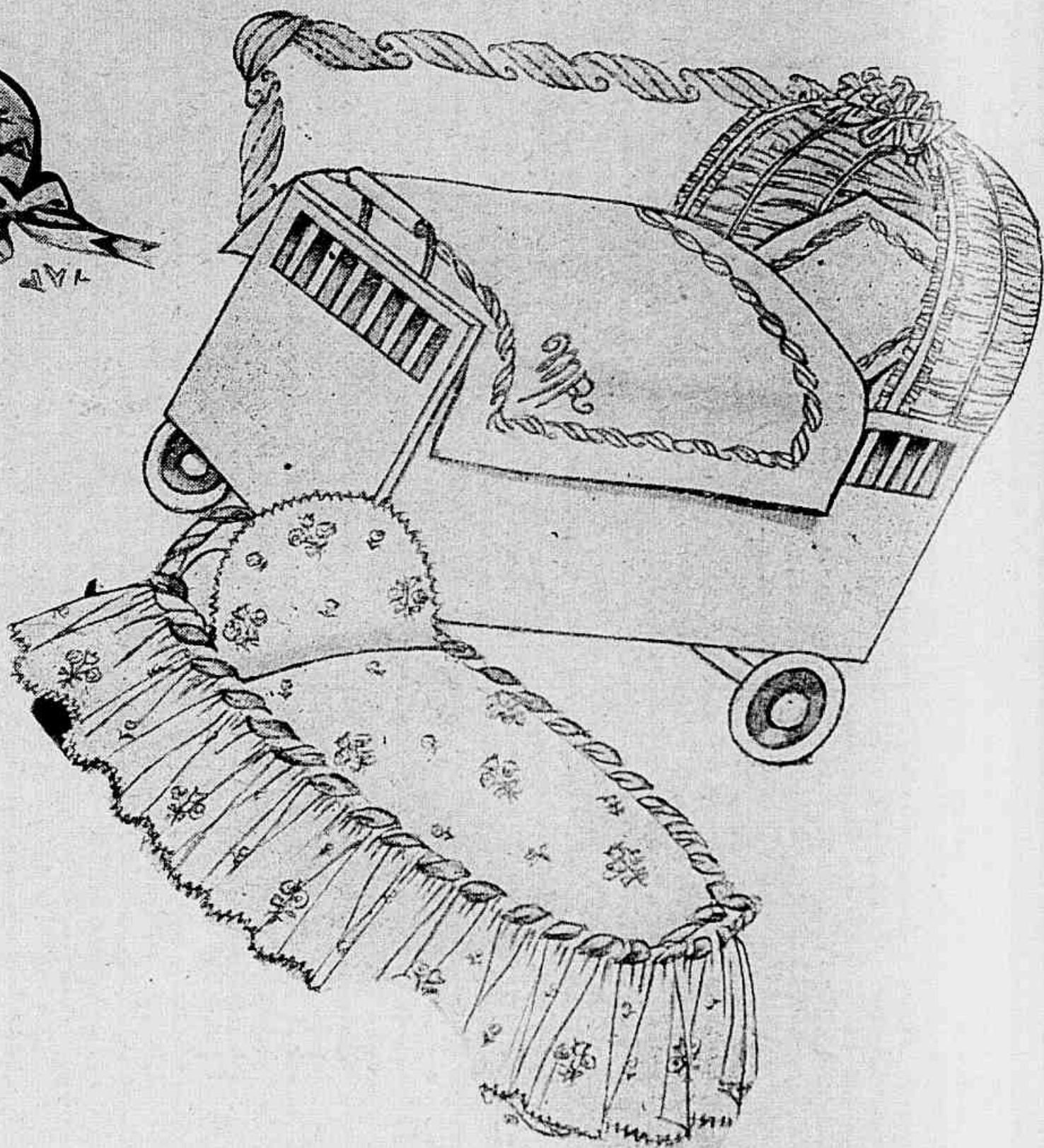
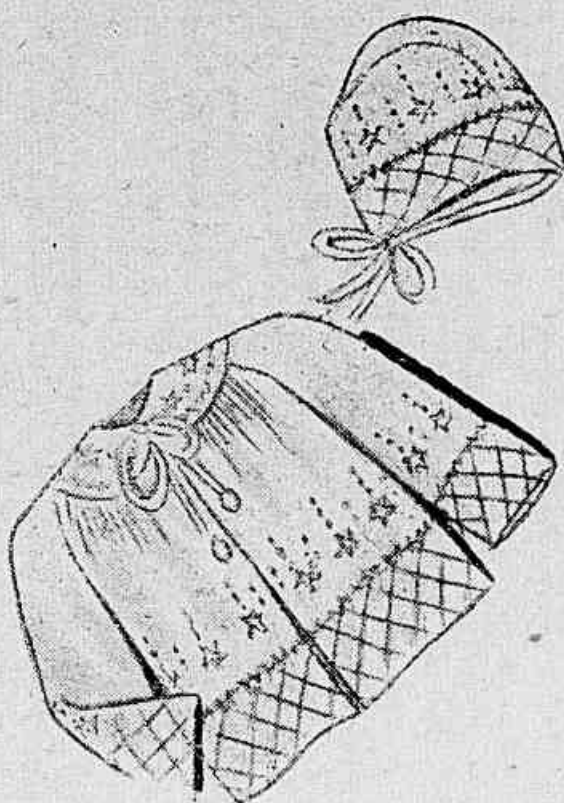
Esses três modelos exemplificam perfeitamente um guarda roupa prático do qual podem ser feitas, pelo menos oito combinações diferentes.

A' esquerda, a jovem usa um vestido de duas peças de jersey de lã azul marinho que pode ser usado com o paletot e para dentro ou para fora e a blusa de crepe rayon azul e branca. Esta blusa é a mesma que ela usa quando está sentada. Este modelo é proprio para escritorio ou week-end. A direita usa paletot de lã vermelha tendo a saia em forma.

Eu sei que os seus filhos são lindos e que você se delicia ao saber que alguém comentou: "... Ela tem um gosto extraordinário para vestir as crianças; e como sabe decorar o quarto deles!...

Por isso é que me permito sugerir estes encantadores figurinos para crianças.

Conjunto de veludo de algodão azul claro. Paletó com desenhos pespontados. Capucho do mesmo tecido, orlado de arminho.



Berço em madeira de laqué rosa pálido. Capota de mousseline rosa franzi-da. A coberta de crepe setim lavavel, também rosa, bordada e com um mono-grama.

Caminha recoberta de pongé azul pálido. Guarnição de mousseline branca bordada de ramos azues e rosa. "Ruban" azul escuro.

Conjunto de paletó e touca de crepe setim rosa enfeitado de setim branco. Bolinhas de setim e fecho éclair.

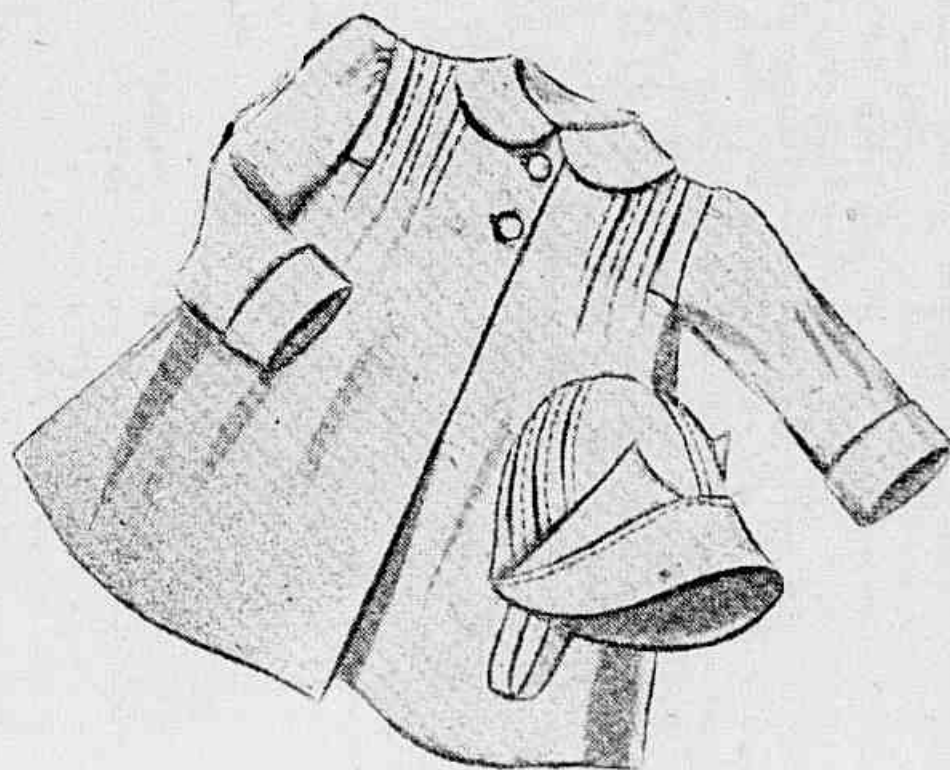
Paletot e touca de crepe da China lavavel, rosa palido.

Lençol e fronha em linho rosa pálido. Bordado infantil.

Conjunto de casaquinho e chapéu de flanela branca com pespontos azues.

Ensemble de zefir branco com pregas e bordado em vermelho.

Calção de flanela verde claro guarnecido de pespontos verde escuro. Gola de fustão branco.



Para as mães



Camisola de flanela de algodão branca festonada de rosa.

Robe de chambre em flanela quadriculada.



*Para a Escola:
Avental de zefir azul e branco. Orla franzida no peito e nos bolsos.*

Avental em linho bege bordado a ponto de cadeia vermelho.

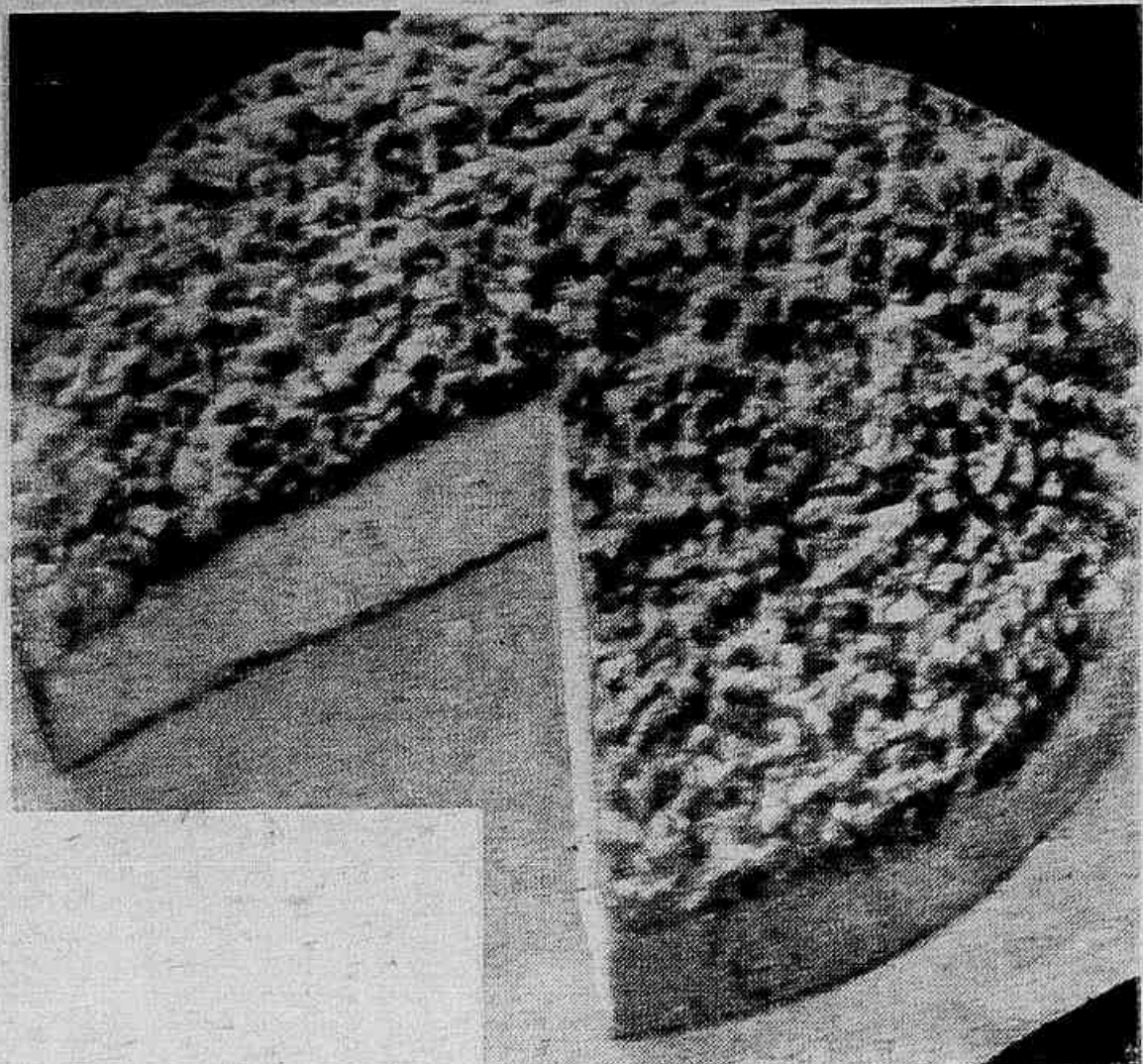


Camisa de dormir em fino jersey rosa, com "pois" rosa escuro.

Pijama de seda ou flanela, listrado em claro e azul escuro. Gola azul escuro no punho nos bolsos e na gola.



Jogo de cambráia branca festonada em branco.



O VALOR NUTRITIVO DO TRIGO

O trigo (do latim "triticum", de "tritum") é um gênero de gramíneas conhecido na mais remota antiguidade e utilizada no fabrico de pão. Dele existem muitas espécies de variedade tais como: o trigo sativo, o trigo turgido ou bagudo, o trigo polonico, o trigo ordinário, etc. O trigo, que no Brasil colonial era cultivado a ponto de ser exportado, hoje está sendo largamente cultivado em território nacional. É preciso porque, além do seu alto valor nutritivo, é largamente empregado na culinária brasileira. Principalmente no que se refere à pastaria. Entretanto a produção nacional tem sido muito aumentada com a importação. Só nos seis primeiros meses de 1912 importamos da Argentina nada menos de 200.000 toneladas de trigo em grão. Uma proporção de um décimo dessa quantidade era também importada dos Estados Unidos. Com o objetivo de animar o cultivo do trigo estabeleceu-se em 1910, em Itapetininga, uma herdade experimental, sendo contratado 1 técnico norte-americano para dirigir os trabalhos. O resultado foi ótimo. E, apesar de em alguns Estados nordestinos tais como Pernambuco, Piauí e Paraíba tentarem essa cultura, o futuro do trigo está reservado às regiões sul do Rio Grande do Sul e Sta. Catarina e até de Mato Grosso, que possui terras adequadas à lavoura do trigo e um clima que favorece a sua cultura. No Rio Grande do Sul, uma feliz propaganda iniciada ultimamente resultou na instalação de 43.000 famílias que se dedicaram ao plantio do trigo sendo auxiliadas pelo governo e hoje, no distrito de Bagé, multiplicaram-se as estações de agricultura experimental particulares ou oficiais cujo fim não é somente o da quantidade mas sim o da qualidade.

Não tinha razão o escrivão da frota cabralina quando escreveu a el-rei que "em nessa terra se plantando tudo dá".

CROQUETES DE CAMARÃO

Ingredientes: — Farinha de trigo; camarões; gêmas; farinha de pão. Toma-se um quilo de camarões ensopando-os sem tomates, partindo-os após, em pedacinhos. Ao molho, depois de passado pela peneira (cerca de 2 chicanas) junta-se 1 chicara de leite e leva-se ao forno, adicionando-se a farinha de trigo até formar uma pasta que desagregue facilmente do fundo. A seguir, juntam-se os camarões e 3 gêmas misturando-se tudo ao fogo e pondo-se depois num prato para esfriar. Enrolam-se como rolinhos que, passadas em ovos batidos e em farinha de pão torrado, são fritas até ficarem levemente coradas.

EMPADINHAS DE GALINHA

Ingredientes: — Farinha de trigo; manteiga; banha; gema; água e sal.



...através de pesquisas científicas que a aveia Quaker Oats é três vezes mais rica em Thiamina (a essencial vitamina B1). Fortalece os nervos, ajuda a combater a fadiga e desenvolve rapidamente novas energias. Na aveia Quaker Oats o grão é integralmente aproveitado, constituindo um magnífico alimento que fortifica e dá saúde. Ademais, Quaker Oats é verdadeiramente deliciosa, econômica e de fácil preparo. Sirva-se da aveia Quaker Oats todos os dias e há de notar como ela lhe faz bem.

QUAKER OATS
PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.

A 450 grs. de farinha de trigo juntam-se 100 de manteiga e 100 de banha derretida, e ainda 5 gêmas, 1 colher d'água e 1 colherinha de sal. Depois de tudo bem amassado, faz-se 1 rolo que fica descansando cerca de uma hora. Isto posto, cortam-se em rodélas com as quais se vai forrando as forminhas previamente untadas com manteiga, ficando outras tantas rodélas à parte. Encha-se com o recheio, cubra-se com massa, apare-se ao redor e dore-se com gêmas desmanchadas em manteiga derretida.

Recheio — Cozinhase uma galinha sem tomates e sem que fique muito tostada, afim de ficar clara. Tiram-se-lhe os ossos e as peles, picando-a bem minúscula. Leva-se ao fogo, numa panela, para tostar, uma colher de cebola picadinha e 1 colher de manteiga; juntam-se depois 2 colheres de farinha de trigo desmanchada numa chicara de leite e outra de molho de galinha. Deixa-se engrossar. Retire do fogo, junte 2 ovos, bata um pouco e junte a galinha picada, pequenos pedaços de palmito cozido. O palmito pode ser substituído por 1/2 latinha de "petits-poits" ou por 1/2 de "champignons" partidos. Misture-se de leve para não esmagar.

BOLO ECONOMICO

Ingredientes: — 2 chicaras de açúcar; 1 chicara de manteiga; 2 ovos inteiros; 1 chicara de leite; 2 1/2 de farinha de trigo; 1 colher de doce de fermento em pó. Batem-se as duas chicaras de açúcar com a de manteiga, juntam-se os 2 ovos inteiros, a seguir a chicara de leite e por fim as 2 1/2 chicaras de farinha e o fermento. Mistura-se rapidamente despeja-se numa forma e leva-se ao forno. Antes de se adicionar o fermento podem-se juntar passas ou frutas secas picadas ou 1 colher de chocolate.

BOLO ALICE

Ingredientes: — 300 grs. de farinha de trigo; 300 grs. de açúcar; 100 grs. de manteiga; 1 chicara de leite; 6 ovos (as claras em neve); 2 colherinhas de Royal. Batem-se as gêmas com o açúcar e juntam-se depois a manteiga, o leite, as claras, a farinha e o fermento. O leite é o ultimo a ser adicionado. Leve-se ao forno em forma untada com manteiga.

PÃO DE MINUTO

Ingredientes: — 7 colheres de farinha de trigo; 1 colher de manteiga; 1 colher de açúcar; 1/2 chicara de leite; 1 colher fermento Royal; 1 colher de chá de sal. Depois de tudo misturado, abre-se a massa que deverá ter a espessura de 1 1/2 cms. Corte-se com um cálice e leve-se a assar em tabuleiro polvilhado, em forno regular.

PÃES PARA O JANTAR

Ingredientes: — 5 chicaras rasas de farinha peneirada; 1 chicara de leite; 1 colher de açúcar; 1 clara de ovo; 2 colher de banha derretida; 1/2 colher de chá



de sal; 1 "tablette" de fermento Fleischmann. No leite morno dissolvem-se o fermento e o açúcar. Junte-se 1 1/2 chicara de farinha e bate-se até amaciar. Junte-se a clara bem batida, a banha e o sal e farinha necessária para formar uma massa suficientemente firme. Amassa-se levemente usando farinha o menos possível. Põe-se numa vasilha levemente untada de gordura. Cobre-se e deixa-se crescer em lugar quente até tomar o dobro do volume (cerca de duas horas) amolde em roscas do tamanho de nozes. Ponha-se ao abrigo de correntes de ar em tabuleiro levemente untado com gordura, deixando-se crescer por uma hora, ou até que a massa fique leve. Pincelar com clara de ovo diluída em água. Forno quente durante 15 minutos.

BISCOITOS SABOROSOS

Ingredientes: — 1 prato fundo de farinha de trigo; 3 colheres de açúcar; 2 colheres de manteiga; 2 ovos; 1 colher de fermento Royal. Amassa-se tudo bem. Faça-se biscoitos compridos que, uma vez dourados com gema e polvilhados com açúcar, vão ao forno para assar.

PUDIM LIGEIRO

Ingredientes: — 1 garrafa de leite; 450 grs. de açúcar; 6 ovos; 2 colheres de manteiga; 1 pedaço de baunilha. Bate-se os ovos com o açúcar e desmancha-se a farinha com um pouco de leite frio. Ferve-se a garrafa de leite com a baunilha e despeja-se quente sobre os ovos batidos com o açúcar e por fim reuna a farinha. Leve-se a assar em banho-maria, em forma forrada de açúcar queimado. Servido gelado é melhor.

MERENGUES

Depois de fazer uma calda em ponto de assucarar, despeje-a sobre 8 claras batidas em neve, ponha baunilha e vá mexendo até esfriar. Coloque-a, aos bocados numa táboa forrada de papel, molhado levando a assar em fogo muito brando. Deve ficar meio cru por dentro para colar um no outro. Se ficarem mais assados deve-se uni-los com creme.

"FASCINATION COCKTAIL"

5 salpicos de Amidel Orse, algumas folhas de hortelã, 2/3 de Gin e 1/3 de Vermouth.

Mlle. SAVARIN.

A black and white photograph of a woman with short, dark, wavy hair, wearing a horizontally striped short-sleeved shirt. She is sitting and looking towards the camera with a slight smile. The background is dark and textured.

CONJUNTO — Reunir com costuras abertas os lados, ombros, as partes inferiores das mangas e as cavas. Em torno do "decote" trabalhar em meio ponto em rayon negro um pequeno colarinho de 11 cms. de altura. Na metade da altura deste lado reservar uma casa em meio cm. de distancia da beira do lado direito (este continuando as casas das costas). Pregar os botões.



PERFUME RIVIERA

A' VENDA EM TODO O BRASIL

A influencia africana na moda atual

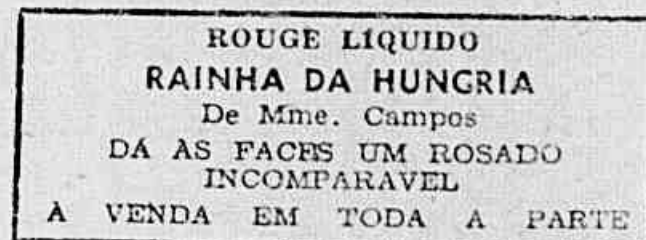
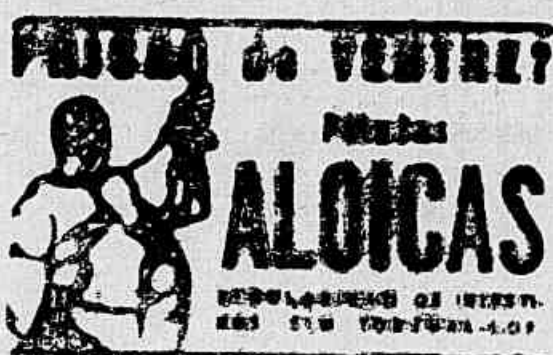
Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* afirma que, do ponto de vista da economia, o elemento negro foi a mão direita da formação brasileira. Nina Rodrigues, Artur Ramos e outros, estudando o problema da aculturação, descobriram e assinalaram, tanto no âmbito do místico e do imaterial como no das realidades mais concretas, a influência do negro. Agora, relendo esses autores, ouvindo José Mariano e Menezes de Oliva e analisando os modelos que nos chegam de Hollywood — a capital da elegancia — concluimos pela incontestante influencia do negro (e do negro que veio em larga escala para o Brasil) na moda atual. A questão do turbante, por exemplo: todos sabem que é de procedencia oriental. Não obstante foi introduzido na América pelo grupo de africanos sudaneses islamizados, isto é de povos que, sofrendo a invasão árabe, ao tempo da grande expansão do Islam, assimilaram as características culturais do invasor. Entretanto o africano deu uma forma toda pessoal a esse turbante e basta confrontarmos o usado na Bahia, pelas vendedoras de acarajé ou pelas yauôs do Gantois com um turbante árabe para verificarmos de pronto a diferença. A nossa tropicalissima Carmen Miranda, a política de boa vizinhança e a *Aquarela do Brasil* de Ari Barroso divulgaram o seu uso. E hoje, até a beleza estranha e provocadora de Hedy Lamarr se adorna com o turbante — BAIA MODEL'S. Quanto aos balangandans... Isso, como diria o "akpalô" (narrador de historias, no Sudão) é outra historia. Menezes de Oliva ensina que balangandans é uma transformação da onomatopéa: Berenguemdem. Esse era o ruido que faziam os inumeros ornamentos trazidos pelas escravas nos dias de festa, quando cantavam, dansavam ou gesticulavam.

Berenguemdem... Belenguemdem. Balançançam... Barangandam... Balangandam...

Dividiam-se em votivos, propiciatorios, devocionais, evocativos e decorativos. E conforme fossem eles oferecidos pelo escravo ou pelo feitor, pela sinhazinha ou pelo senhor, variavam da madeira à prata, do ouro bruto a finos labores de ourivesaria. As crônicas do Brasil colonial estão cheias de exemplos de escravas que se apresentavam, por ocasião das grandes festas religiosas, ricamente vestidas e enfeitadas com arrecadas valiosissimas. O milagre do "it", difundido pelo radio e pelo cinema, fez com que a capital da elegancia reconhecesse o quanto de original existia no gosto africano. E acolhesse tambem o torço e os balangandans...

Belenguemdem... Berenguemdem... Teria a Redentora suscitado, ao assinar a lei aurea, que, um dia, os pobres cativos, tristes pelo bonzo, cantores dolentes de ritmos bárbaros, pudessem ditar a moda para o Brasil e para o mundo?

(S. R.)



Desfile de modelos

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
À VENDA EM TODA A PARTE



Elinor Glynn escreveu o "It" e Anita Loos afirmou que os homens preferem as louras embora acabem desposando as morenas. (Isso nos Estados Unidos porque, no Brasil, eles preferem mesmo as *brunettes*).

Depois Hollywood lançou *glamour*, *sophistication* e *oomph*... tudo isso para significar o "não sei quê", encanto sutil do qual a gente não precisa a fonte e ao qual se entrega inteiramente.

Você também poderá exprimir o indefinível, usando esses elegantíssimos pijamas:

O primeiro, em crepe setim prateado com listras, no tom predileto, também em crepe setim brilhante.

O último, apresentado pela deliciosa Gene Tierney, em crepe setim azul escuro (lado fosco) combinando com setim brilhante.

VEIAS DAS PERNAS

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predispõem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26-1.º — De 10 às 12 e 13 às 19 horas.

Na intimidade, para a ternura dos momentos do "tête-a-tête" a mulher deve apresentar-se mais encantadora. O problema das roupas íntimas é tão sério como o dos conjuntos exteriores. Dai haver também costureiros especializados no assunto.

Para que você, á meia luz do "abat-jour", possa parecer ainda mais encantadora, sugerimos os seguintes modelos:



A' luz do

"Liseuse" em crepe setim azul-claro com incrustações de setim brilhante do mesmo tom.

Lindo pijama, para frio, em sêda pesada ou crepe setim, lado fosco.

Robe simples e elegante em crepe setim rosa com fôfos no corpete.

Muito gracioso em crepe da China lavável. Abotoado por inteiro.



Torna-se um prazer ESCOVAR OS DENTES

ESCOVAR os dentes é um hábito necessário, porem monótono. Mas, pode tornar-se uma sensação agradabilíssima... um verdadeiro prazer... se usar o Creme Dental Squibb. No momento em que este delicioso dentífrico lhe tocar na língua, toda a boca se inundará duma amena sensação. Refrescante como a brisa da montanha! Desde que comece a usar o Creme Dental Squibb, nenhum outro dentífrico lhe dará tão completa satisfação. Milhões de mulheres inteligentes usam o Creme Dental Squibb dia-

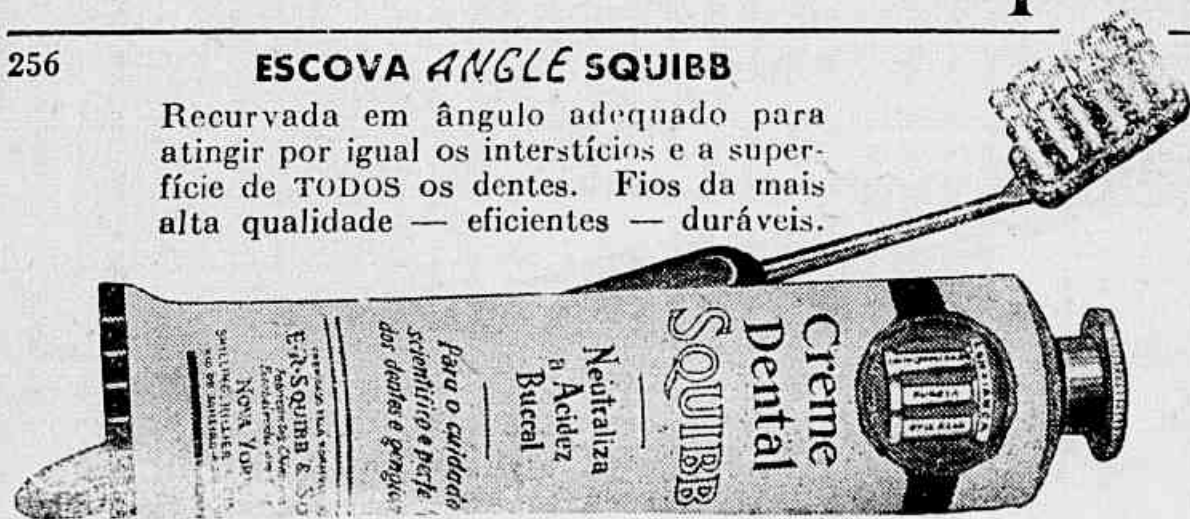
riamente, não só por ser agradável, mas por ser, também, puro e garantido. Nenhuma substância raspante, adstringente ou sabão existe em sua fórmula e não oferece o menor perigo para o esmalte dos dentes ou para as gengivas. Outro ponto importantíssimo... o Creme Dental Squibb é feito com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. Experimente este excelente dentífrico. Examine o tubo que comprar, certifique-se de que traz o selo Squibb... porque Squibb é um nome em que se pode confiar.

Creme Dental Squibb

256

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.

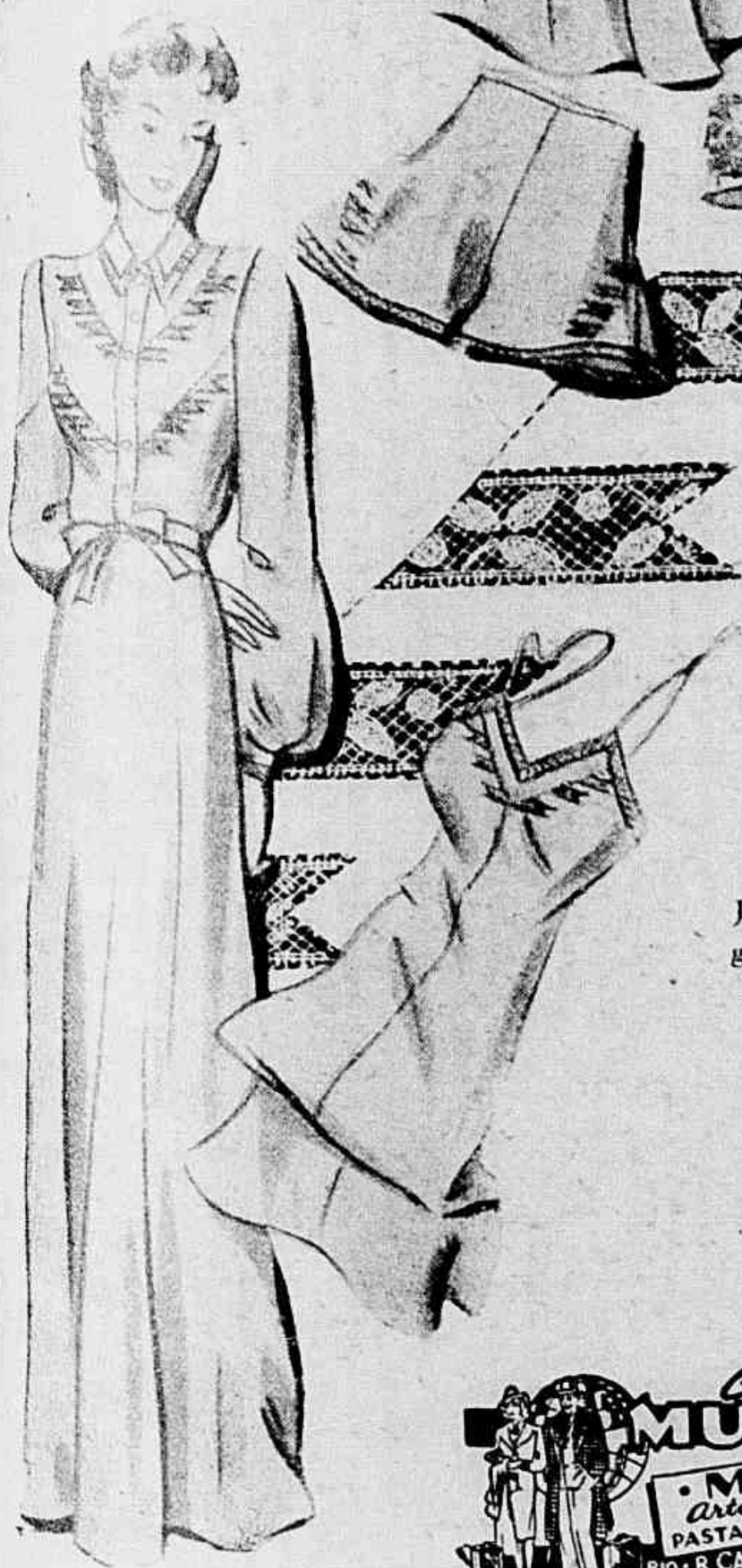


"abat-jour"

Jogo de «voile» de seda com aplicações de «voile» sobre entremeios de renda.



Jogo de crepe da China bordado com ponto de fustão.



Jogo de crepe lingerie, incrustado de entremeios de rendas.

Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS
RIO • R. CARIOCA, 63 • T. 22-2948
OS MELHORES ARTIGOS • PELOS MENORES PREÇOS

PETRÔLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

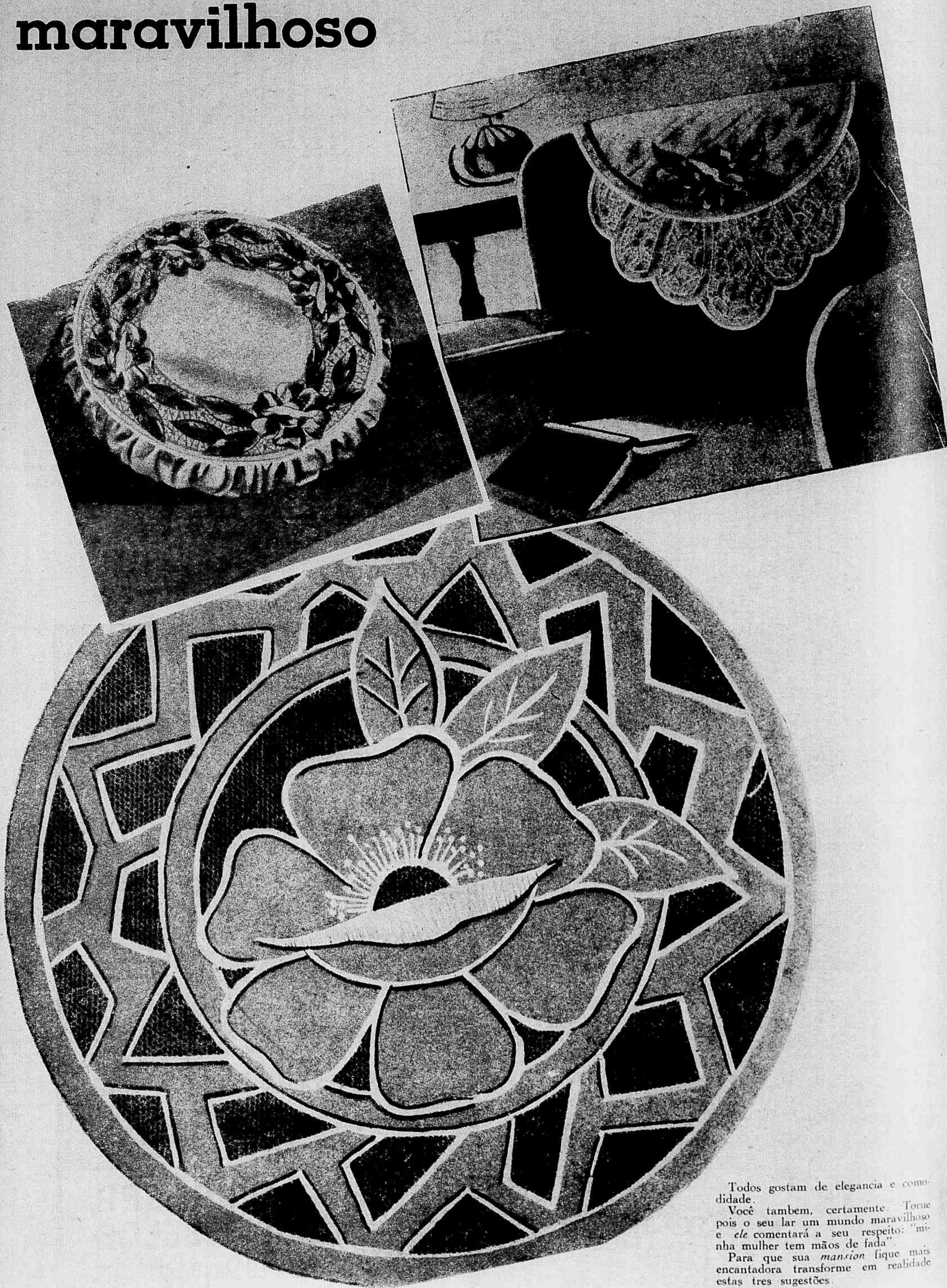
O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Torne seu lar um mundo maravilhoso



Todos gostam de elegância e comodidade.

Você também, certamente. Torne pois o seu lar um mundo maravilhoso e *ele* comentará a seu respeito: "minha mulher tem mãos de fada".

Para que sua *mansion* fique mais encantadora transforme em realidade estas três sugestões.

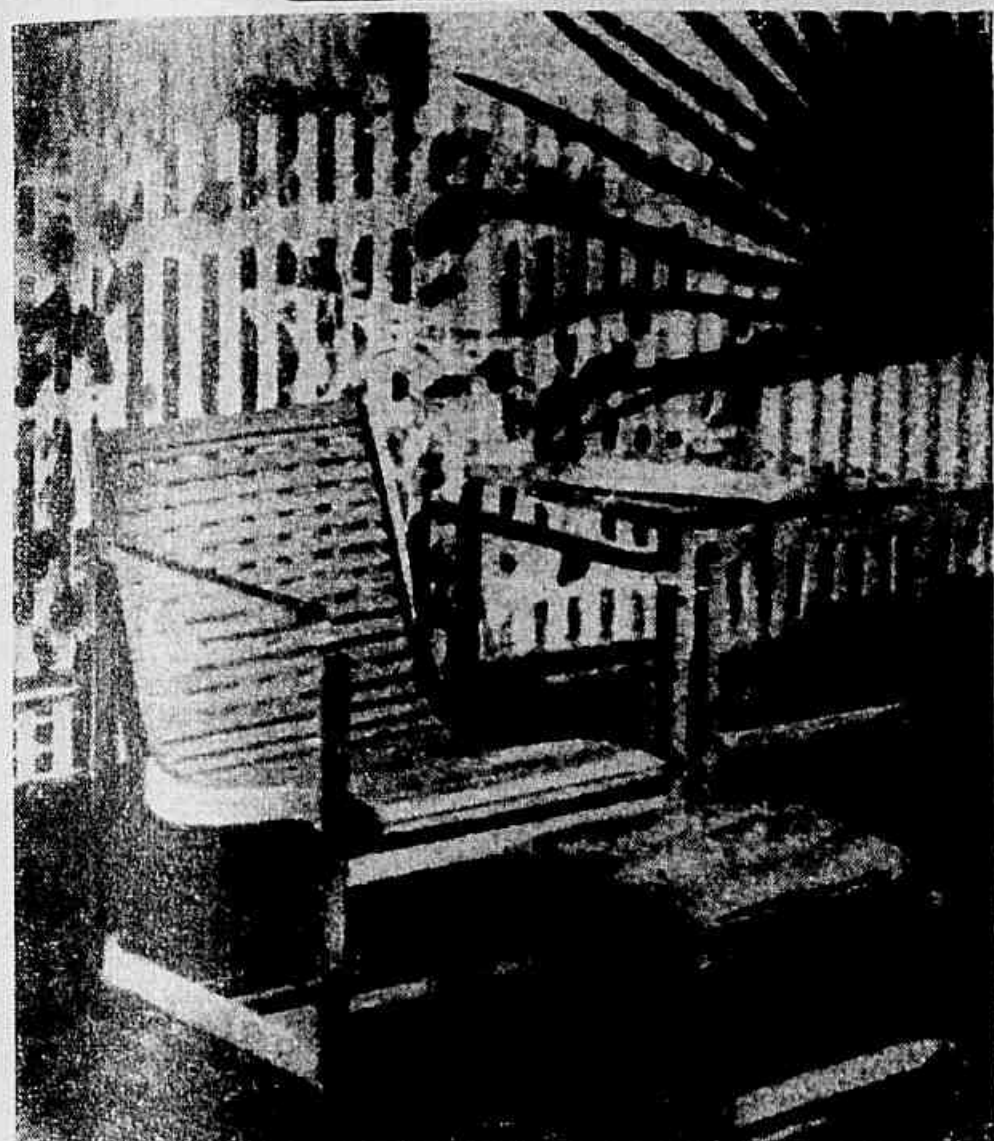
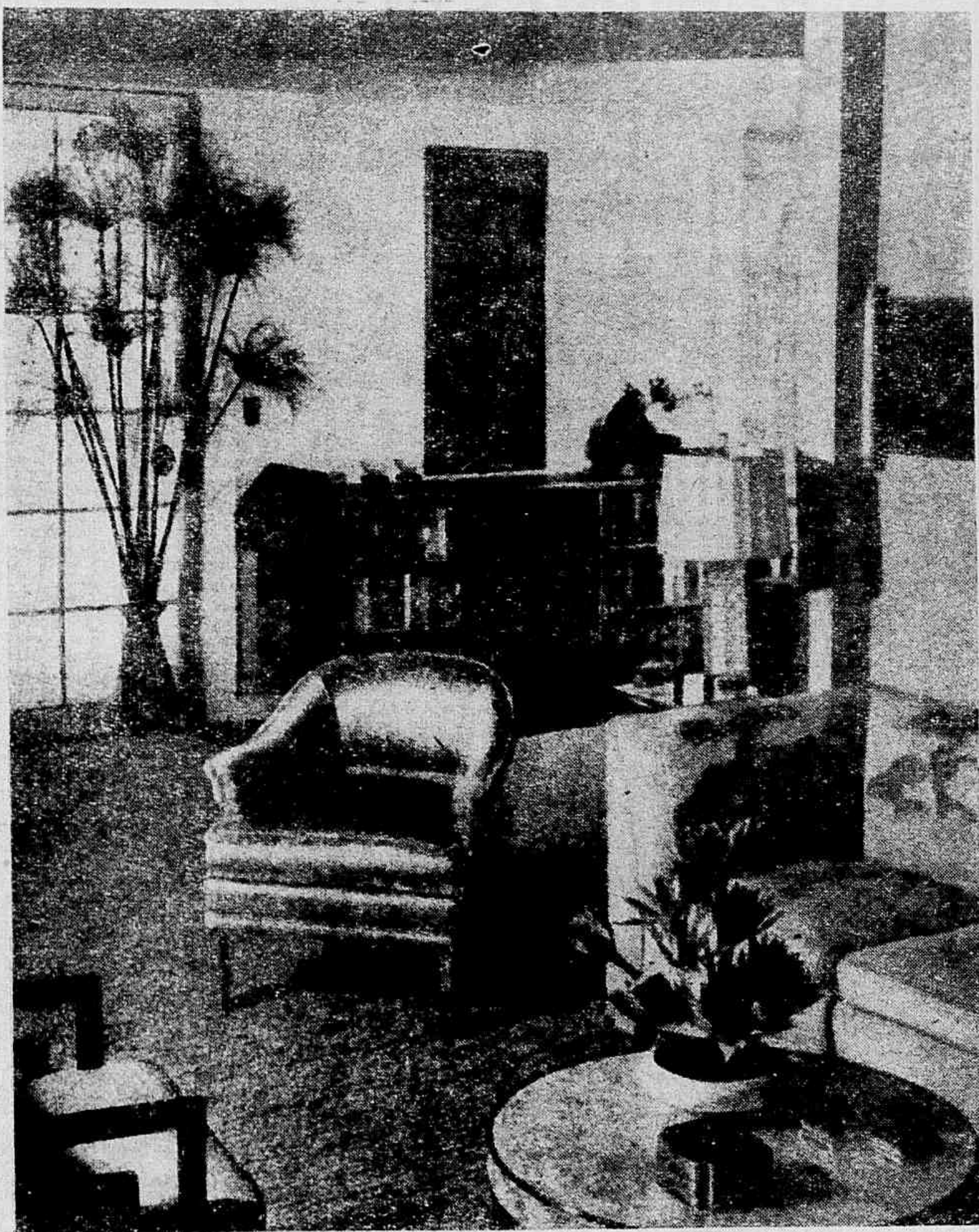
O Lar

A

originalidade
confortavel

Um grosso tapête de ráfia cobre o "parquet". Os moveis são de tom claro. Os quadros de gênero chinês. Junto á janela, alto jarão com lindas plumas tingidas de vermelho. A tapeçaria que reveste as poltronas têm bordados verdes.

Livros escolhidos, nas estantes, completam o conjunto do encantador "living room".



Para terraços e jardins

Para os dias de calor senegalesco, nada mais confortavel que um refugio no jardim, no terraço sombreado — quando ali dispomos de um mobiliário leve, de facil movimento — no genero deste que ao lado apresentamos.

Sob um toldo verde ou vermelho, com listras brancas — 2 sofás de madeira, com almofadas em tapeçaria feitas de brim alaranjado; mesinha do mesmo gênero.

Para tornar este mobiliário mais confortavel colocaram-lhe rodas. Assim, qualquer criança poderá move-lo, buscando sitio mais ameno, mais de acordo com o momento.

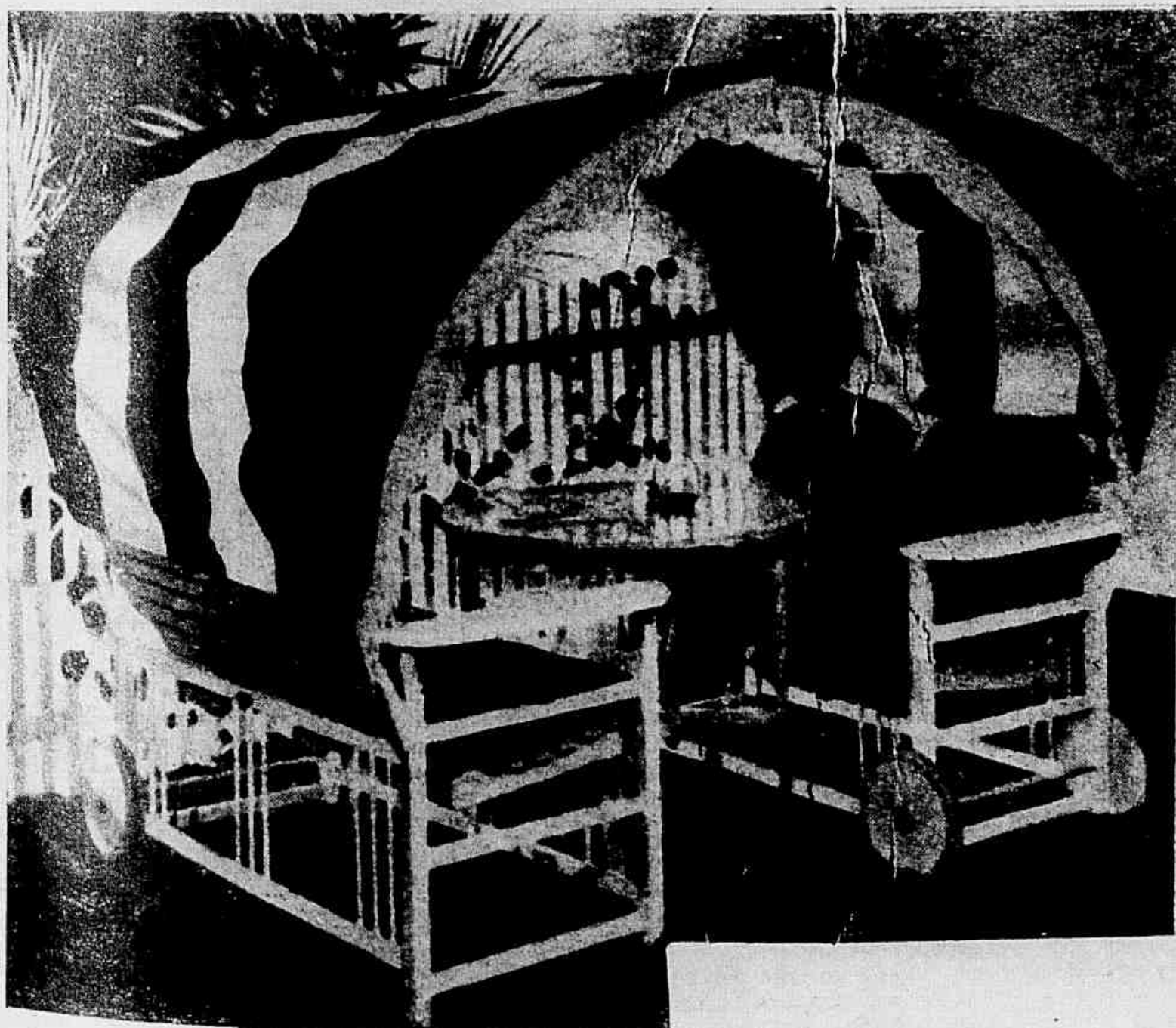
A cadeira, também de madeira, tem uma banquetta condizente. Essa banquetta lembrará à leitora quanto é hoje aconselhavel — por medicos e institutos de beleza — manter-se os pés em posição horizontal, não por conforto apenas, mas ainda afim de evitar certas enfermidades e manter boa circulação.

O bem — estar preocupa, atualmente, tanto como a aparência de bom gosto, de luxo...

MOBILIARIOS EM ESTILOS RENASCENÇA, COLONIAL, RÚSTICO, CHIPENDALE E OUTROS, EXPOSTOS EM AMPLOS MOSTRUARIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permittir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza ns. 100 a 110, onde ocupa um vasto quartelão, próximo à estação principal do Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.



NO MANANTIAL

(Continuação da página 11)

Mas, perto da pomba andava rondando o gavião.

Na Restinguinha, obra de um quarto de legua, pra lá do Mariano morava um tal Chico Triste, que tinha filhos como rato, e o mais velho era já homem feito.

Este, que pro caso chamava-se Chicão, andava mui enrabichado pela Maria Altina.

Ele era um bruto, que só olhava, só queria a Maria-Altina — de carne e osso. Do mais não se lhe dava; não queria saber se a menina era vergonhosa, ou trabalhadeira ou prendada.

Ele só olhava-lhe para as ancas, e os seios, e para a grossura dos braços; era, — mal comparando — como um pastor no faro de uma guincha.

A rapariga tinha-lhe quasi tanto medo como raiva. Uma vez ele pediu-lhe uma muda da roseira, e ela, sem negar, para não fazer defeita, disse-lhe que tirasse o que quisesse.

— Mas eu quero é dada pela senhora!

— Ah! não!... Tire o senhor mesmo, a seu gosto.

— Não dá?... pois qualquer dia pica a facão toda essa porcaria!

E levantou-se e saiu, todo apotrado.

Outras vezes trazia-lhe de presente ovos de perdiz, ou ninhadas de mulitas, que ela criava com paciência e logo que podiam manter-se, largava para o campo. Uma ocasião trouxe-lhe um veadinho; ela soltou-o; uns gatos viscachas, soltou-os também.

O Chicão que não via nunca os seus presentes, soube do caso, e, por despique, apANHOU uns quantos filhotes de avestruz, e a tirões arrancou-lhes — ainda vivos, criatura! as pernas e as azas, e assim arrebetados e estrebuchando, mandou-os à Maria Altina. A pobre desatou num pranto de choro, ao ver a malvadez daquele judeu.

Assim estavam as coisas quando o forriel passou e logo depois correu a nova do casamento.

O Chicão espumou de raiva... Levava os cavalos a sofrenços, os cachorros a arrear-dor, os irmãos a monotações e até a mãe, com respostadas duras.

Só respeitava o pai, o velho Chico, e isso mesmo porque este tinha marca na paleta mas não era tambeiro.

No dia — vespera da barbaridade, houve na casa do Chico Triste um batizado feito por um padre missioneiro que ia de caminho; a gente do Mariano foi convidada. Nessa noite comeram doces, tocaram viola, cantaram e até dansaram uma tirana e o anú.

Aí o Chicão cargozeou muito a Maria Altina.

A jantarola e o resto do festo iam ser no dia seguinte — que foi o do caso.

Vancê acredita?... Nesta manhã desde cedo, os picapaus, choraram muito nas tronqueiras do curral e nos palanques... e até furando no oitão da casa... mais de um cachorro cavoucou o chão, em baixo das carretas;... e a Maria Altina achou no quarto, entre a parede e a cabeceira da cama uma borboleta preta, das grandes, que ninguém tinha visto entrar.

Sol nado o Mariano e uma das velhas, foram para o Triste, para dar um ajutorio. Os campeiros, como de costume, para os seus serviços, uns de campo, outros lenhar.

Na casa só ficaram, para irem mais tarde a Maria Altina e a outra velha, que era a avó; e para as duas, debaixo do umbú, dois mancarrões ensilhados.

Ficou também a negra mina, que viu tudo e foi quem depois fez o conto.

A avó estava na cosinha frígido uns beijús e a Maria Altina na varanda, apenas em saia, arrematava um timãozinho novo.

Na cabeça, como gostava, trazia uma rosa fresca, e que ficava-lhe sempre a preceito no negrume da cabeleira. E garganteava uma coplas que tinha aprendido na vespera, quando dansava a tirana e se divertia. Um coplas que eram assim... e me lembro, porque quem as botou — para uma outra — foi mesmo este seu criado Matias!

Quem canta pra tu ouvires

Devia morrer cantando...

Pois quando daqui saíres,

Do cantor vais te olvidando;

E, pode ser que morrendo,

Dele então tu te lembrasses:

Se visses outro defunto,

Ou se outra vez tu dansasses...

Minha voz no teu ouvido,

Soluçaria de dor,

Não por deixar a vid...

E nem acabou o verso, porque estoutou na cozinha um esconjuro e logo a voz da avó, sumida e arruacada, gritando — bandido! bandido! — e depois um gemido anciado, uns ais... e um baque surdo...

De pé, com o timãozinho numa mão e a agulha na outra, palida como a cal da parede, o coração parado, Maria Altina pregada no chão, de puro medo, ouviu... ouviu... e ia no mais entrou e veio a ela o Chicão... — o Chicão, entende vancê? — com uns olhos de bicho, acuado e um bafo de fogo, na boca.

E como chegou, atropelou-a, agarrou-a, apertou-a, abraçando-a pela cintura, metendo a perna entre as dela, forcejando por derrubá-la, respirando duro, furioso, desembestado... mais mordendo que beijando o pescoço amorenado... e garboso...

A rapariga gritou, empurrando-o num desespero, unhando-lhe a cara, ladeando o corpo... por fim atacou-lhe os dentes num braço.

Ele urrou com a dor e largou-a um momento; ela aproveitou o alce e disparou... ele quis pega-la de novo, mas no mover-se enredou as esporas no timãozinho que caíra, e testavilhou maneado.

A pobre, ao passar pela cosinha viu a avó estendida, com as roupas enrodilhadas, a cabeça branca numa sangueira... e então desatinada, num pavor, correu para o umbú e foi o quanto pulou a cavalo e já tocou, à toda, coxilha abaixo!

Mas, logo, logo, mesmo sem se voltar, sentiu-se quasi alcançada pelo Chicão, que também montara e se lhe vinha, em persiguição...

E os dois, — à que te pegol à que te largol — se despencaram por aquele lançante, em direitura ao manantial! E, ou por querer atalhar, ou porque perdesse a cabeça ou nem se lembrasse do perigo, a Maria Altina encostou o rebenque no matungo, que, do lance que trazia costa abaixo, se foi, feito, ao tremendo, onde se afundou até as orelhas e começou a patalar, num desespero!... A campeirinha varejada no arranco, sumiu-se logo na fervura preta do lodaçal remexido à patadas!... E como rastro, ficou em cima, boiando, a rosa do penteado.

E da mesma carreira, o cavalo do Chicão, que também vinha tocado à espora e relho, chapulhou no pantanal, um pouco atrás do outro, cousa de braça e meia... e ali ficou, o corpo todo sumido, procurando aguentar as ventas, as orelhas fora da água.

O Chicão, agora deslombando-se em esforços para sair da enrascada, não podia, porque bem sentia as esporas enleadas nas raízes — e os cabrestilhos eram fortes... — e parecia-lhe que tinha um pé quebrado por uma patada do cavalo, que se despedaçava aos arrancos, sentindo-se chupado para o fundo.

Depois desse estrupício, tudo ficou como estava: tudo no socego, o sol subindo sempre, nuvens brancas correndo no céu, passarinhos cruzando para um lado e outro... os galos cantando lá em cima... uns latidos, muito longe... pios de perdiz... algum inhé de sapo ali perto...

Parecia que nada se havia dado: se não fosse a rosa calorada boiando, lá, e o Chicão atolado até o peito, mais pra cá.

O cavalo dele, com a cabeça alinhada, mal podia aguentar fora da água o focinho e resolhava o pobre, puchando a respiração em assobios grossos, e o dono, todo salpicado de barro, suava em cordas, cada vez mais anciado, não podendo desprender-se das malditas esporas, que o sujeitavam em cima do bagual, que ia se afundando... afundando... afundando... E a cada sacudidela feita naquele reduto todo o manantial bufava e borbullava.

Com pouco mais o Chicão desceu ainda, atolado até os sovacos; o cavalo já se não via e nem bulia, sufocado e morto, pesando entregue no mole do tremendo!

E as esporas... as malditas esporas, nem nada!...

Obrigado pela postura em que estava, ele olhava para o buraco que tinha engolido a Maria Altina: sobre a água barrenta, escura, nadavam folhas secas, capins pisoteados, gravetos... e no meio deles, limpa e fresca, boiava a rosa que se soltara dos cabelos da cobizada no momento em que ela entreva pela morte adentro, dentro do lodaçal...

E o tempo foi passando, a tranquilo, sem pressa nem vagar.

Vancê lembra-se?...

Como eu disse, havia ficado em casa, além das brancas a tia mina — a mãe Tanazia — que, quando sentiu a desgraça, ganhou no paioral, escondendo-se e daí pode bombear alguma coisa. Quando viu as criaturas montarem e tocarem — como caça e caçador — a mãe Tanazia saiu da toca e voltou à cosinha, dando com a — nhãnhã — morta... e logo viu que a sinhasinha fugira. E pensou em ir ao Chico Triste, avisar o Mariano. O mais perto era ir pelos olhos dagua, acima do manantial; desceu o caminho; costeceu pelas pedras e quando dobrou a estradinha frentou com o Chicão...

A mãe Tanazia ficou estatelada... e daí a pedaço — em que olhou só, sem pensar nada — foi que a coitada falou.

Eh! eh!... siô moçol... que é que sumcê fez!...

E o desalmado gritou-lhe:

— Vai, bruaca velha, vai contar!...

— Ah! ah!... Deus perdôe!...

E foi andando, estradinha afora, lomba acima, apurando o passo, um pouco renga. Nesse meio tempo também chegavam à casa os campeiros; era hora de comer; repararam que só estava amarrado um cavalo; a casa aberta, silenciosa; um espion pela janela da cosinha... e gritou pelos outros, benzendo-se...

Lá estava a senhora, com a cabeça arrebetada a olho de machado. O fogo apagado, a banha coalhada, os beijús frios... e mui a seu gosto, de papo para o ar, dormindo na saia da morta, uma gata brazina e a sua ninhada.

Chamaram pela mãe Tanazia... gritaram... procuraram... e nada! Um deles, mais alarife, propôs que fugissem... que era melhor ser caiambola do que ser estaqueado, que por certo iam acusa-los daquela maldade.

Porem outro mais precatado disse:

— Cala a boca, parceiro... Vamos é avisar sinhô velho.

E ficando uns de guarda, tocaram-se os outros, a meia redea, para o Triste, onde, fúlos de medo, dezovaram a novidade.

Que canhonço, amigo! A gentana toda se alvorotou; o que era de mulheres abriu num alarido, o que era de homem aprezilhou as armas, e já se saiu, muitos de em pêlo cobrindo a marca dos fletes, o Mariano na frente, como um louco.

Eu estava nessa arrandada. Chegamos como um pé de vento e conforme boleamos a perna, vimos o mesmo que os negros contavam. E da Maria Altina, nada; da mãe Tanazia, nada. Apenas no chão da varanda novos desparramados, a meza arredada, o timãozinho novo com um rasgão grande.

Nisto, um aspa-torta, gaúcho mui andado no mundo e mitrado, puchou-me pela manga da japona e disse-me entre dentes:

— O Chicão repontava a rapariga... ele não estava em casa, nem veio conosco; ela não está.

Patricio... que lhe parece?...

— Hom!... respondi eu, e fiquei-me com aquele zonido de varejeira no ouvido.

Mas o paizano tinha o estomago frio e foi passando lingua... daí a pouco todos faziam as mesmas contas, até que um, mais golpeado, disse-o claro, ao Mariano!

O homem relanceou os olhos a ver talvez si descobria o Chicão... depois teve a modo uns engulhos e depois ficou como entecado.

Pensaria mesmo que a filha tinha fugido com o querendão?...

Quem sabe lá!... Que o rapaz rondava, isso ele e todos sabiam e que ela não fazia caso do derretimento, isso também se sabia: agora, como dum momento para o outro os dois se tinham combinado, isso é que era!

Mas ao mesmo tempo perguntava-se — quem matou a velha e porque?...

E quando estávamos neste balanço ouvimos então a gritaria das mulheres, que tinham vindo de pé, encontrando no caminho, a mãe Tanazia.

Em antes de chegarem, já os cuscos, ponteiro, tinham começado a acuar, por debaixo dos araçazeiros; as crianças, curiosas e mais ligeiras, tinham corrido pensando ser algum bicho... e recuaram assustadas, fazendo caravolta, umas chorando, outras sem fala, apenas apontando para o manantial.

E quando a ranchada das donas chegou perto e viu... viu o Chicão atolado; o Chicão atolado, e logo adeante, no barro revolvido, a rosa colorada boiando; a rosa boiando, porque a moça estava no fundo, afogada, porque... porque... por causa do Chicão?... por medo dele, que queria abusar dela?... quando as senhoras donas, todas caladas, viram aquele condenado, e uma, mais animosa, gritou-lhe — cachorro desavergonhado! — foi que a mãe dele, jungindo as lágrimas para não saltarem, perguntou:

— Chicão, meu filho, que é isto?...

— Atolado;... as esporas!... Um laço!...

— Filhol... que desgraça! E a Maria Altina?...

— Ai... embaixo da rosa...

Foi neste ponto que rompeu o alarido, os choros, os chamados que ouvimos lá em cima, nas casas, e descemos logo. O Mariano vinha com os olhos raiados de sangue e batendo os dentes, como porco queixada.

E quando paramos todos e vimos o geito daquele rufião maldito, ainda um lembrou alto:

— Vamos laçar o homem, a puxar cá para fóra!...

O Mariano porem, gritou:

— Espera!... e voltando-se para o atolado, indagou:

— Porque mataste a velha?...

— Não!

— Viste a Maria Altina?

— Não!

— Que esburacado é esse, aí na tua frente?

— Não sei!

— E aquela rosa... também não sabes?...

— Pois sei, sim! E' ela... e a velha, também, fui eu... e agora?...

— Vou rebentar-te a cabeça...

— Arrebeta! Si não fosse as esporas!...

Então o Mariano sacou a pistola do cinto e trovejou... e errou! Secundo o tiro e a bala quebrou o hombro do Chicão, que deu um urro e estorceu-se todo; quiz firmar-se, porem o braço não afundava-se no barro, acamando os capins já machucados, com esses tirões e arrancos o manantial todo tremia e bufava, borbullando.

O Mariano amartilhou a outra pistola; o Chicão berrou de lá:

— Mata! Eu não pude!... mas o forriel também não ha de!...

Mas nisto a mãe dele abraçou-se nos joelhos do Mariano, e o padre missioneiro levantou a cruzinha do rosário, meteu o Nosso Senhor Crucificado na boca do cano da pistola... e o Mariano foi baixando o braço... baixando, e calado varejou a arma para o lameiro... mas de repente, como um parelheiro largado de tronco, saltou pra deante e de vereda atirou-se no manantial... e meio de pé, meio de gatinhas caindo, bracejando, afundando-se, surdindo, todo ele numa plasta de barro reluzente, alcançou o Chicão, e — por certo — firmando-se no corpo do cavalo morto, botou-se ao desgraçado, com as duas mãos escorrendo lodo apertou-lhe o gasganete... e foi calcando, espremendo, empurrando para traz... para traz... até que, num — vá! — aqueles abraçados escorregaram, cortou o ar uma perna, um pé do Chicão, — livre da espora — e tudo sumiu-se na fervura que gorgolejou logo por cima!

Imagine vancê, aquilo passando-se ali pertinho, a meio laço de distancia e ninguém podendo remediar.

Houve só uma palavra em todas as bocas: Jesus, Senhor!...

O manantial borbullava por todas as costuras... Si fosse água limpa... Credo!...

DE SÃO PAULO



"COCK-TAIL" À IMPRENSA — A comissão organizadora do IX Salão Paulista de Belas Artes, presidida pelo professor Teodoro Braga, ofereceu um "cock-tail" à imprensa, antes de inaugurar-se o certame. Dessa reunião, transcorrida num ambiente de cordialidade franco, damos em cima um sugestivo flagrante.



CRUZ VERMELHA BRASILEIRA — Empossaram-se nos cargos de direção da filial paulista da Cruz Vermelha Brasileira damas da mais alta sociedade paulistana, convidadas especialmente pelo tte. cel. Aquiles Paulo Galoti, delegado do Órgão Central, em São Paulo. Ao brilhante discurso deste militar respondeu, em nome das novas diretoras, a sra. Isabel Gomm.



RECITAL — No auditorio da "Gazeta" teve lugar o recital do pianista e compositor uruguaio Hector Tossar Erreart, ora em excursão pelo nosso País, sob o patrocínio do Instituto Interamericano de Musicologia de Montevideo. O artista executou a Fantasia Cromática e Fuga de Bach, peças de alguns outros autores e de sua própria lavra, conquistando um belo êxito.

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
 Rua Barão de Irapetininga, 139
 Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
 — SÃO PAULO —

Quando fôr a São Paulo
 ... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos
Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil
 ★
 • Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)
CASA ANGLO BRASILEIRA
 Succaterra da **MAPPIN STORES**
 D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

D'espanto... d'espanto... o sionário foi estendendo o braço, como esperando que os almas subissem... depois veio uma cruz larga, na claridade do dia; e ajoelhando-se na beira daquela cova balofa, de três defuntos de razão de morrer tão diferente e de morte tão a mesma, começou a rezar.

E logo no derredor a gentama também se foi arrodilhando... e todos com os olhos firmados no manantial, e todos de mãos postas, todos começaram um — Salve Rainha — que foi caindo e subindo no descampado, tão penoso, tão sentido, tão do coração, que até parece que amansou os próprios bichos, porque, entrementes, nem um cachorro latiu, nem passarinho piou, nem cavalo se mecheu!

Nas orações da reza só se ouvia os soluços da mãe do Chico e um leve guasqueio do vento nos talas dos gerivás.

Ao pé da devoção e marchando como uma procissão, fomos para a casa levando a outra velhinha, a irmã da que lá estava, de cabeça esmigalhada. Velamos o corpo e na manhã seguinte fizemos-lhe o enterro, também lá embaixo, na costa do manantial.

O velho circo benzeu, e então fincamos uma cruz morruda, de cambará, para vigia às almas dos quatro mortos.

Depois cada qual tomou seu rumo.

Logo depois passei por aqui; cortava a alma olhar para o arranchamento. Os negros tinham tomado a alforria por sua mão, e se foram a lá: cria!... Ficaram as duas mulheres, a mãe Tanazia e a sua senhora velha, que, por caridade, o brigadeiro Machado mandou buscar pra casa dele.

O arranchamento ficou abandonado; e foi chovendo dentro; desabou um canto de parede; caiu uma porta, os cachorros gaudérios já dormiam lá dentro. Debaxo dos caibros havia ninhinhos de morcegos e no copiar pousavam as corujas; os ventos derrubaram os galpões, os andantes queimaram as cercas, o gado fez paradeiro na quinta. O arranchamento alegre e farto foi desaparecendo... o feitiço da mão de gente foi-se gastando; tudo foi minguando; as carquejas e as embiras invadiram; o gravatá lastrou; só o umbú foi guapeando, mas abichornado, como viúvo que se deu bem em casado... foi ficando tapera... a tapera... que é sempre um lugar tristonho onde parece que a gente vê gente que nunca viu... onde parece que até as arvores perguntam quem chega: — onde está quem me plantou?... onde está quem me plantou?...

Olha! Veja você ali embaixo... heim? Está vendo?... aqueles coqueiros, o matinho de arica?

Pois é ali o manantial, que virou sepultura naquele dia brabo em que desde manhã tanto agouro apareceu, de desgraça: os pica-paus chorando... os cachorros cavoucando... a bruxa preta entrada sem ninguém ver.

A cruz... on'te já foi!... mas a roseira baguala, lá está! Roseira que nasceu do talo da rosa que ficou boiando no lodaçal no dia daquela cardume de estrupícios...

Você está vendo? Em, agora?

Pois é... coloreando, sempre! Até parece que as raízes, lá no fundo do manantial, estão ainda bebendo sangue vivo do coração de Maria Altina...

Você quer, paramos um nadinha. Com isto damos um alceito aos mancarrões, e eu... desaperto o coração!...

Ah! saudade! Parece que ainda vejo a minha morena, quando no rancho do Chico Triste botei-lhe os versos...

Minha voz no teu ouvido

Fez seu ninho pra cantar

Diabol... parece que tenho arcia nos olhos... e um pé de amigo na goela... Ah! saudade!

E' uma amargura tão doce, patrãozinho!...

Saudade é dor que não dói,

Doce ventura cruel,

E' talho que fecha em falso

E' veneno e sabe a mel

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE' DE BARROS 323 -- TELEFONE 47866



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ